

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

SANTIERRE LUIS KREWER SOTT

**A ESCRAVIDÃO EM ANÚNCIOS DO
JORNAL “A IMPRENSA DE CUYABÁ”
(1859-1865)**

DOURADOS – 2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

SANTIERRE LUIS KREWER SOTT

**A ESCRAVIDÃO EM ANÚNCIOS DO
JORNAL “A IMPRENSA DE CUYABÁ”
(1859-1865)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades.*

Orientador: Prof. Dr. **Thiago Leandro Vieira Cavalcante.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S717e Sott, Santierre Luis Krewer

A ESCRAVIDÃO EM ANÚNCIOS DO JORNAL "A IMPRENSA DE CUYABÁ" - (1859-1865) / Santierre Luis Krewer Sott -- Dourados: UFGD, 2018.

112f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Thiago Leandro Vieira Cavalcante

Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. História do Brasil. 2. História de Mato Grosso. 3. História da imprensa. 4. História da escravidão. 5. Práticas e representações. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

SANTIERRE LUIS KREWER SOTT

**A ESCRAVIDÃO EM ANÚNCIOS DO JORNAL “A
IMPrensa DE CUYABÁ” (1859-1865)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Thiago Leandro Vieira Cavalcante (Dr., PPGH/UFGD) _____

2º Examinador:

Aline Castilho Crespe (Dr.^a, PPGANT/UFGD) _____

3º Examinador:

Fernando Perli (Dr., PPGH/UFGD) _____

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo se constituir num estudo de representações de escravos e da escravidão nas sociedades cuiabana e brasileira a partir de anúncios do jornal “A Imprensa de Cuyabá”, que circulou na capital mato grossense no período pré Guerra do Paraguai, entre 1859 e 1865. Para tanto, após a Introdução, o primeiro capítulo é dedicado à apresentação da forma técnica e estilo jornalístico empreendido no jornal em questão. Já no segundo capítulo, são apresentados lugares, materiais e simbólicos, de presença escrava em Cuiabá. E por fim, no terceiro capítulo serão apresentadas análises de perfis de escravos fugidos e de suas representações físicas e psicológicas, contidas nos anúncios de fuga publicados naquele que foi o jornal mais importante de seu período, na Província de Mato Grosso.

Palavras-chave: 1. História do Brasil. 2. História de Mato Grosso. 3. História da Imprensa. 4. História da Escravidão. 5. Práticas e representações.

ABSTRACT: This work aims to compose a study of slave's representations and slavery in Cuiabana and Brazilian societies, based on announcements of the newspaper "A Imprensa de Cuyabá", which circulated between 1859 and 1865 in the capital of Mato Grosso in the pre Guerra do Paraguay period. To this end, after the Introduction, the first chapter is dedicated to the presentation of the technical form and journalistic style undertaken in the newspaper in question. In the second chapter, there are highlighted material and symbolic places of slave's presence in Cuiabá. Finally, the third chapter will present analyzes of profiles of fugitive slaves and their physical and psychological representations contained in the escape ads published inside the most important newspaper of that period in the Province of Mato Grosso.

Keywords: 1. History of Brazil. 2. History of Mato Grosso. 3. History of the press. 4. History of slavery. 5. Practices and representations.

RESUMÉN: Este trabajo tiene por objetivo constituirse en un estudio de representaciones de esclavos y de la esclavitud en las sociedades cuiabana y brasileña a partir de anuncios del diario "A Imprensa de Cuyabá", que circuló en la capital de Mato Grosso en el período pre Guerra del Paraguay, entre 1859 y 1865. Para ello, tras la introducción, el primer capítulo se dedica a la presentación de la forma técnica y estilo periodístico emprendido en el periódico en cuestión. En el segundo capítulo, se presentan lugares, materiales y simbólicos, de presencia esclava en Cuiabá. Y por último, en el tercer capítulo se presentarán análisis de perfiles de esclavos huidos y de sus representaciones físicas y psicológicas, contenidas en los anuncios de fuga publicados en aquel que fue el periódico más importante del período, en la Provincia de Mato Grosso.

Palabras clave: 1. Historia de Brasil 2. Historia de Mato Grosso 3. Historia de la prensa 4. Historia de la esclavitud. 5. Prácticas e representaciones.

Para meus pais Alice e José Adelar.

Para meu filho Leonardo.

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Lista de figuras	5
Lista de tabelas	6
Lista de gráficos	6
Lista de Mapas	6
Introdução	7

Capítulo 1

O MOSAICO DAS SEÇÕES	19
1.1. Editorial: A Imprensa de Cuyabá	23
1.2. Parte Oficial	26
1.3. Noticiário	28
1.4. Folhetim	32
1.5. Variedade: miscelânea, poesia, literatura e crônica	34
1.6. Correspondência	37
1.7. A pedido	41
1.8. Obituário	43
1.9. Anúncios	47

Capítulo 2

LUGARES DE ESCRAVIDÃO EM CUIABÁ	51
2.1. O Código Criminal e a carceralização como política de segurança do Império do Brasil	55
2.2. As ocorrências policiais	61

Capítulo 3

COMPRA, VENDA E FUGAS DE ESCRAVOS: AS PECULIARIDADES NA SEÇÃO DE ANÚNCIOS	73
3.1. Perfis de escravos fugidos	77
3.2. Representações de escravos na seção de anúncios	80
3.2.1. Os viciados em aguardente	85
3.2.2. Os ladinos	87
3.2.3. Florencia e Marcolina: ladras fugitivas	90
3.2.4. O escravo cururueiro	92
3.2.5. Acoutada por sedução	93
3.2.6. Sem vício nem achaques: os escravos bons para quase todos os serviços	95

Conclusão	99
Referencial bibliográfico e fontes	102

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família, minha mãe Alice, meu pai Adelar, minha irmã Anna Maria e Minha noiva Nathalia, por ficarem ao meu lado durante o período de duração do Mestrado.

Gostaria de agradecer meu terapeuta José Carlos Alves pelo seu trabalho e por sua amizade.

À Associação Beneficente de Assistência e Recuperação Casa da Esperança.

Por conseguinte, gostaria de agradecer aos ensinamentos de meus professores, Dr^a Nauk Maria de Jesus, Dr^o Eudes Fernando Leite, Dr^a Cândida Graciela Chamorro Argüello, Dr^o Linderval Augusto Monteiro, Dr^o Losandro Antonio Tedeschi, Dr^o Paulo Roberto Cimó Queiroz, Dr^o João Carlos de Souza, Dr^o Fernando Perli, Dr^o Thiago Leandro Vieira Cavalcante.

Reitero um agradecimento especial para meus orientadores, a Dr^a Nauk Maria de Jesus, no período inicial da pesquisa, e ao Dr^o Thiago Leandro Vieira Cavalcante, no período final do trabalho.

Ao CNPQ pelo financiamento de minha bolsa pesquisa.

À curadoria da Biblioteca Nacional por disponibilizar em seu sítio eletrônico os jornais utilizados como fonte para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Cléber e Wallace, funcionários da secretaria por seus serviços prestados ao PPGH, em nome dos quais agradeço a todos os funcionários da UFGD.

Aos amigos, Byron Hardmann e Franz Maciel Mendes.

E por fim, a todos e todas colegas e pessoas que contribuíram de alguma forma para a escrita da presente dissertação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ed.3 – 07/08/1859 – p.1, trecho de editoriais nas colunas 1, 2 e 3, parte superior.	25
Figura 02: Ed. 266 – 14/02/1864 –p.1, trecho da parte oficial, coluna 3, canto inferior.	28
Figura 03: Ed. 56 – 12/08/1860 – p.1.	32
Figura 04: Ed. 234 – 0/07/1863 – p.1.	32
Figura 05: Ed. 86 – 20/01/1861 – p.1, trecho do folhetim, A Bastarda.	34
Figura 06: Ed. 276 – 29/05/1864 – p.4, variedades na 1ª coluna, à esquerda.	36
Figura 07: Ed.246 – 01/10/1863 – p.3, trecho da seção Correspondência na coluna 3.	40
Figura 08: Ed. Nº 210 – 18/01/1863 – p.4.	43
Figura 09: Ed. Nº 260 – 07/01/1864 –p.3	43
Figura 10: Ed. 303 – 02/11/1864 – p.4, obituário, coluna 3.	46
Figura 11: Ed. 89 – 03/02/1861 – p.4	49
Figura 12: Ed. 234 – 09/07/1863 – p.4.	50
Figura 13: Ed. 207 – 28/12/1862 – p.4.	50
Figura 14: Ed. 244 – 17/09/1863 – p. 4	50
Figura 15: Ed. 253 – 19/10/1863 – p. 4	50
Figura 16: Fachada principal da Cadeia Pública de Cuiabá, 1925.	52
Figura 17: Quadro demonstrativo do paulatino decréscimo de crimes no decênio 1860/70.	62
Figura 18: Ed. 56, DOM, 12/08/1860, p. 1.	65
Figura 19: Ed. 53, DOM, 22/07/1860, p. 4.	65
Figura 20: Ed. 265, QUI, 11/02/1864, p – 1. Primeira edição em que J. J. de Carvalho assinou como secretário de polícia.	67
Figura 21: Ed. 270, p.1, QUI, 17/03/1864, p – 1. Amostra da utilização contínua ao longo de 1864 do modelo de editoração de ocorrências policiais de A Imprensa de Cuyabá.	67
Figura 22: Ed. 264, p. 1, QUI, 04/02/1864, p - 1. Amostra do modelo adotado a partir de 1864.	68
Figura 23: Ed. 308, p.1, QUI, 08/12/1864, p – 1. Última edição com seção policial assinada pelo editor de A Imprensa de Cuyabá.	70

Figura 24: Ed. 309, p. 1, QUI, 14/12/1864, p – 1. Primeira edição assinada por José Maria das Neves. _____70

Figura 25: Ed. 310, QUI, 23/12/1864, p – 1. Última publicação da seção policial no jornal A Imprensa de Cuyabá. _____70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela de amostragem comparativa entre anúncios de escravos. _____74.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico comparativo entre o volume de jornais e anúncios de compra, venda e fuga, consultados entre 1859 e 1865. _____74.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Cuiabá em meados do século XIX, e a localização da redação de A Imprensa Cuyabá, Rua Augusta, ou de Cima, nº 50. _____21.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir com a expansão dos estudos relacionados à escravidão e a imprensa, componentes ou parte integrante, do sistema escravocrata brasileiro, especialmente no que tange à esfera das representações e práticas que podemos verificar através da análise dos discursos presentes nas publicações do jornal A Imprensa de Cuiabá, periódico que circulou entre 1859 e 1865, período pré Guerra do Paraguai, que foi marcado por tentativas de modernização da capital da Província de Mato Grosso pela Administração local.

Dessa maneira, encontramos um grande desafio já na fase embrionária do projeto, que seria a readequação do suporte teórico- metodológico a um tema novo, visto que, o projeto que serviu como requisito para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados estava relacionado com o estudo de núcleos parentais de migrantes que iniciaram a ocupação da região da Vacaria no século XIX. Por conseguinte, após algumas reuniões de orientação, leituras complementares e análise das fontes, foi constatada a viabilidade do projeto intitulado *Escravos em Anúncios de Jornais Cuiabanos: Representações de Cativos na Imprensa Periódica na Segunda Metade do Século XIX*, que depois foi sintetizado para o exame de qualificação em, *Representações de Cativos em Jornais de Cuiabá-1859-1888*, por questões teórico-metodológicas.

Já havia por volta de um ano completo que as aulas do Programa haviam iniciado quando houve a primeira grande mudança temática na pesquisa, sendo que as aulas do programa tiveram importância fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos, pois permitiram maior aptidão para lidar com as mudanças e problemas encontrados, de forma que a busca por soluções para os mesmos se tornou mais repleta de opções para seguir com a pesquisa, e também, para responder os porquês a respeito dos caminhos escolhidos e da viabilidade por traçá-los. Nesse sentido, a diversidade de leituras e reflexões de que já dispúnhamos foi de grande utilidade, especialmente, no que se relaciona a uma espécie de romance com as perspectivas, tanto práticas e/ou técnicas, quanto teórico-metodológicas, da “*microstoria*” italiana, bem como das possibilidades instrumentais da alternância de escalas de análise para a escrita de uma História que relacionando imprensa, escravidão, práticas, representações e discursos oitocentistas, ainda que este não possua a finalidade de figurar como um trabalho de

micro-história clássica. Destarte, houve a constante tentativa de imprimir neste trabalho as lições aprendidas ao longo de mais de 2 anos de estudo e pesquisa como aluno do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD.

Por outro lado, o estudo das representações leva este trabalho a ser creditório da obra de Roger Chartier, especialmente, na medida em que este renomado autor demonstra como os símbolos que estruturam o mundo social são manifestados de maneira prática pelos indivíduos ou grupos sociais, revelando uma maneira bastante promissora de encarar a História das sociedades humanas, a partir das manifestações culturais que produzem. Dessa maneira, é que se faz possível uma produção historiográfica que busca analisar jornais da segunda metade do século XIX, com a intenção de compreender formas de pensar de seus editores, que de uma maneira ou de outra está relacionada com as experiências e práticas da sociedade cuiabana do período.

O mesmo autor defende a sustentação da História Cultural, afirmando que:

...é preciso pensa-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras.¹

E, de outro modo:

Esta historia deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único — o qual a crítica tinha a obrigação de identificar—, dirige-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo.²

Neste sentido, o estudo das representações impressas no discurso (linguagem) jornalístico como manifestações simbólicas, são expressões subjetivas da realidade, que exercem uma função prática, estruturada objetivamente sob a forma de comportamentos sociais estruturantes, da mesma maneira como o são o *mito*, a *arte* e a *ciência*, *instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos*³, do mundo

¹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

² CHARTIER, Roger. *Op. Cit.*: 1990.

³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

material. Ou seja, *os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder de estruturação porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma gnoseologia*⁴, de modo que, as representações encontradas nos jornais oitocentistas de Cuiabá nos revelam no presente, aspectos do mundo social dessa cidade e de sua população.

Por outro lado, a evidenciação dos discursos jornalísticos apresenta a existência de sistemas ideológicos, produzidos ou apropriados por um grupo, reproduzidos como manifestação legítima da verdade, ou como diria Pierre Bourdieu, são “*instrumentos de dominação estruturantes*”. Isto é, a produção jornalística da Cuiabá oitocentista, desvela a presença de uma hierarquização simbólica, que eleva os produtores a um status de elite social, a qual propaga por meio de suas publicações, não só seus interesses próprios, como também, de classes ou grupos a que estão relacionados. É a partir dessa constatação que a imprensa cumpre seu papel como fonte histórica, como produto social, intencionalmente produzido para representar ideais específicos de seus produtores. É tendo como base estes pressupostos que pretendemos revelar maneiras de pensar, práticas e representações, das elites brancas cuiabanas acerca dos escravos, indivíduos tais que buscavam, conforme suas condições, sobreviver dentro dos espaços que lhes eram conferidos na sociedade escravista.

Conseqüentemente, buscamos contextualizar este ideário de maneira que pudéssemos estabelecer um elo com a prática de uma “História dos, nos e por meio dos periódicos”, tal como a proposta de Tania Regina de Luca⁵, a qual elenca sugestivamente como procedimentos de pesquisa, o estabelecimento de séries representativas de material fonte, a localização das publicações na história da imprensa, atenção com as características materiais das mesmas, o assenhramento da forma de organização interna do conteúdo, caracterização do material iconográfico presente, caracterização do grupo responsável pela publicação e seus colaboradores, a identificação do público alvo, fontes de receita e, por fim, a análise do material de acordo com a problemática escolhida. Dessa maneira, foi estabelecida a busca pela adequação de tais proposições à nossa temática e circunstâncias.

⁴ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit.: 1989.

⁵ DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

Para tanto o primeiro capítulo é dedicado a apresentação das seções de A Imprensa de Cuyabá, um periódico singular e excepcional em sua época devido ao desenvolvimento das técnicas jornalísticas utilizadas em sua edição e editoração, e que, ainda assim, nos serve de objeto de estudo para compreender **O Mosaico das Seções** em que se constituíam, de modo geral, os jornais oitocentistas. Afinal de contas, *o jornal é um mosaico*⁶. Para tanto, nos propusemos a esquadrihar, em linhas gerais, as características das seções, bem como, promover um exame do papel de cada uma delas, localizando-as dentro do jornal, contextualizando com a produção relacionada existente, quando houvesse, e provas e possibilidades de pesquisa. Cabe destacar que nossa intenção não foi a de empreender análises exaustivas de âmbito historiográfico de cada seção, mas, a de criar um ambiente familiar e aclimatizador que demonstrasse ao leitor por onde seria conduzida a pesquisa, assim como, evidenciar indícios daquilo que se pode extrair das fontes.

Adiante, o segundo capítulo é dedicado à apresentação e evidenciação de **Lugares de Escravidão em Cuiabá**, tanto lugares físicos, como era o jornal A Imprensa de Cuyabá e suas relações com a população livre e escrava da cidade, quanto lugares simbólicos, como era a seção de ocorrências policiais, um dos lugares de destaque para a verificação da presença de escravos no seio do conteúdo jornalístico do periódico em questão. Dessa maneira, houve o esforço de compreender mentalidades e aspectos inteligíveis do discurso utilizado na edição e editoração dos jornais estudados, componentes de um emaranhado social vinculado ao sistema capitalista escravocrata brasileiro. Pretendemos, também, apresentar e evidenciar indícios de aspectos culturais e de práticas sociais relacionados aos escravos cuiabanos que podem ser percebidos nas notícias policiais.

Por fim, o terceiro e último capítulo, **Compra, Venda e Fugas de Escravos: As peculiaridades na Seção de Anúncios** é dedicado à apresentação de práticas e representações presentes na seção de anúncios de A Imprensa de Cuyabá, bem como, ao esforço de evidenciação de perfis de escravos fugitivos com base em anúncios de fuga, devido à riqueza de detalhes relacionados à descrição desses escravos, presente nesses anúncios. Isto posto, buscamos compreender aspectos teóricos relacionados ao conceito

⁶ SOUZA, João Carlos. **Sertão cosmopolita: a modernidade de Corumbá (1872-1918)**. TESE DE DOUTORADO, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001. Cita Walnice Nogueira Galvão ao dispor sobre a forma e o conteúdo dos jornais oitocentistas.

de representação e verificamos a presença três modelos peculiares de anúncios carregados de representações, que são os de, compra, venda, e fuga, e que apresentam discursos de brancos sobre os negros, no sentido de que ao negociar, caso respectivo aos dois primeiros havia sempre um anseio de exaltar aspectos físicos e intelectuais positivos, numa generalidade relacionada à domesticação, subserviência, habilidades laborais e perfil psicológico dócil. Já respectivamente ao terceiro modelo, o discurso exaltava a bestialidade, a perspicácia artilosa, os vícios e o perfil físico mais detalhado possível que pudesse ajudar na captura do fugitivo.

O objetivo deste trabalho é produzir um estudo sobre a escravidão e representações relativas à imprensa, utilizando métodos de investigação histórica de abordagem multidisciplinar, tendo como fonte principal o jornal A Imprensa de Cuiabá. De modo que, pretendemos abordar nos capítulos seguintes temas relacionados às publicações desse jornal, aos modos de edição e editoração disponíveis à época, aos modos de agir e pensar relacionados ao cotidiano do sistema escravista na década de 1860, em conformidade, almeja-se compreender o papel das representações e movimentos sociais que ocorreram no período, as mentalidades da época em que este jornal circulou na capital de Província de Mato Grosso e os instrumentos de efetivação do *status quo* das sociedades brasileira e cuiabana oitocentista.



A cidade de Cuiabá na segunda metade do século XIX, embora capital da Província de Mato Grosso, era uma cidade pequena⁷ cujas estimativas mais pretensiosas por parte de historiadores apontam um total populacional geral, que engloba os dois principais núcleos populacionais da cidade, Freguesia do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (Sé) e Freguesia de São Gonçalo de Pedro II (Porto), em torno da casa de 18 mil⁸ habitantes, as menos pretensiosas apontam cifras de 16 mil⁹ habitantes. Desse total,

⁷ Para efeito de comparação José Murilo de Carvalho aponta que a cidade do Rio de Janeiro, possuía em torno de 266 mil habitantes em 1872 e 522 mil em 1890. Fonte: CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

⁸ DIAS, Antutério Pereira. **O viver escravo em Cuiabá: relações sociais solidariedade e autonomia (1831 – 1888)**. TESE (Doutorado em História), Dourados-MS, Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

⁹ MIRANDA, Mary Diana da Silva. **Crianças negras na instrução pública em Cuiabá/MT (1870 – 1890)**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação), Cuiabá-MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2010.

podemos, também, encontrar estimativas divergentes quanto ao total da população escrava, por um lado chegam a 4 mil¹⁰, enquanto, outras apontam números de um total que não chega a 2 mil¹¹ escravos.

A pobreza material da localidade fazia parte do cotidiano dos moradores nesse período, visto que, o comércio de mineração, que outrora havia trazido bons lucros econômicos para a região, já se encontrava em pleno declínio. Somente a partir da década de 1850 a cidade volta a passar por um processo de desenvolvimento econômico, não muito intenso, devido aos acordos internacionais de livre navegação e comércio entre o Império do Brasil e as nações vizinhas, que permitiram o estabelecimento de rotas fluviais traçadas pelas águas do Rio Paraguai. Sendo que este processo desenvolvimento é freado com o início da Guerra do Paraguai e só é retomado após a cessão dos conflitos.

É neste cenário que está inserida a imprensa cuiabana oitocentista, imprensa que figurou durante o século XIX como um dos principais símbolos de modernidade, tal como o trem e o telégrafo¹², com caráter opinativo, a qual era o principal meio de informação em massa do período. As técnicas de impressão disponíveis eram rudimentares, quadro que limitava a periodicidade de publicação a um, ou por vezes, dois dias de uma mesma semana, sob o revés de um demasiado esforço e empenho.

O período de 1848 a 1890 é conhecido como segundo ciclo da imprensa mato grossense oitocentista, assim designado, pois nesse ínterim o governo da Província recorreu à contratação de jornais particulares para a publicação das “peças oficiais”, visto que, a administração pública local não possuía órgão especializado para este fim. Como nos conta Pedro Rocha Jucá¹³:

Coube ao presidente João Crispiniano Soares a avaliação para a hasta pública autorizada pela Assembleia Legislativa, mas a Tipografia Provincial foi vendida no governo em exercício do vice-presidente Antônio Nunes da Cunha, que esteve no poder durante três

¹⁰ DIAS, Antutérpio Pereira. *Op. Cit.*, 2016.

¹¹ MIRANDA, Mary Diana da Silva. *Op. Cit.*, 2010.

¹² As representações relacionadas ao conceito de modernidade, e um exemplo de sua aplicabilidade instrumental no âmbito da Província de Mato Grosso, podem ser apreciadas mais aprofundadamente no trabalho de: SOUZA, João Carlos de. **Sertão cosmopolita: a modernidade de Corumbá (1872 – 1918)**. TESE (Doutorado em História Social), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001.

¹³ JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa oficial de Mato Grosso: 170 anos de história**. Cuiabá-MT, Aroe, 2009.

meses e 27 dias. Entre 31 de agosto de 1848, quando a Tipografia Provincial foi colocada em hasta pública, e 2 de maio de 1890, quando foi restaurada com o nome de Tipografia do Estado, a publicação dos atos oficiais da Província foi realizada por quase 42 anos nos jornais particulares de Cuiabá.

Dessa maneira, o jornal *A Imprensa de Cuyabá* foi selecionado como fonte de coleta de dados acerca das representações de escravos, já que havia sido firmado um contrato com a administração pública da Província de Mato Grosso para a publicação dos atos e ordens oficiais do governo provincial, relação que demonstra a importância deste periódico no período em que circulou em Cuiabá. Seus fundadores foram Padre Ernesto Camilo Barreto e João de Souza Neves, sendo Francisco de Moraes Jardim, o encarregado da edição e, José Jacintho de Carvalho, o redator. O prédio da redação ficava na Rua Augusta, nº 50. Era um boletim *Periódico, Político, Mercantil e Literário*.

A segunda metade do século XIX foi um período marcado por intenso debate acerca das práticas do sistema escravista e de sua abolição, assim como compreendeu a eclosão do maior conflito armado da história da América Latina, a Guerra do Paraguai, evento que impactou diretamente Cuiabá e a Província de Mato Grosso. Ao passo que, os órgãos de imprensa exerceram papel fundamental na divulgação dos acontecimentos locais e nacionais, bem como, na instrução e formação da opinião pública a respeito das pautas voga na época.



A historiografia brasileira da escravidão do século XIX como a concebemos hoje remete sua gênese às décadas de 1970 e 80, período em que, por um lado, emerge no cenário acadêmico mundial um movimento de crítica relacionado ao paradigma marxista ortodoxo, centrado em explicações economicistas do processo histórico, bem como pelo foco quase exclusivo na classe operária, deixando de lado a história das mulheres, das minorias e de grupos marginais. Por outro, se consolidou a profissionalização do ofício da história por meio da criação dos primeiros programas de pós-graduação do país. Todavia, soma-se a estes elementos o fato de que nesta época aproximava-se a data que marcava o centenário da Abolição, conjuntura que injetou interesse e motivação pelas investigações acerca de vários temas relacionados à escravidão brasileira.

Historiadores como Ciro Flamarion Santana Cardoso¹⁴, Jacob Gorender¹⁵, Florestan Fernandes¹⁶, ainda na década de 1970, voltaram a empreitada de suas investigações para o tema da escravidão, sob a perspectiva da dependência sistemática das “periferias” com relação aos “núcleos” do sistema capitalista. Considerando a herança colonial escravista em oposição a modernização do próprio sistema, “entendida como uma economia urbana, mercantil e com trabalho livre produtor de mais-valia relativa”¹⁷.

Por sua vez na década de 1980,

Ao tipo de História que se vinha fazendo – no qual convergiam a tradição aberta pela historiografia dos anos 1960, os aportes da história econômica e demográfica e os debates em torno do escravismo e do modo de produção escravista colonial – somou-se a abordagem da história social, que remetia aos historiadores marxistas ingleses, notadamente ao trabalho de E. P. Thompson.¹⁸

Ao passo que os resultados dessa nova conjectura teórico-metodológica começaram a aparecer rapidamente, visto que, o centenário da Abolição representou uma boa oportunidade para uma nova geração de historiadores se apresentasse no cenário de produção acadêmica.

Nesse momento, a produção mais robusta seguia duas vertentes claras de análise: a primeira, a de história social de nomeada inspiração thompsoniana; a segunda, a do programa de História Agrária criado por Maria Yedda Linhares e Ciro Cardoso.¹⁹

Dessa maneira, adentrando a década de 1990, temos dois trabalhos que marcaram profundamente o campo historiográfico, *O Arcaísmo como projeto*²⁰, de João

¹⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sobre os modos de produção coloniais na América.** In: Santiago, Théo Araújo. *América Colonial.* Rio de Janeiro, Pallas, 1975.; CARDOSO, Ciro Flamarion. **O modo de produção escravista colonial na América.** In: Santiago, Théo Araújo. *América Colonial.* Rio de Janeiro, Pallas, 1975.

¹⁵ GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial.** São Paulo, Ática, 1978.

¹⁶ FERNANDES, Florestan. **A sociedade escravista no Brasil.** In: FERNANDES, Florestan. *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”.* São Paulo, Hucitec, 1977.

¹⁷ MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia.** In: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo (Orgs). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016, p. 105.

¹⁸ MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. Op. Cit., 2016, p. 113.

¹⁹ MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. Op. Cit., 2016, p. 110.

²⁰ FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O Arcaísmo como Projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma sociedade colonial tardia.** Rio de Janeiro, c. 1790 – 1840 (1ª Ed., 1993; Ed. rev.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

Fragoso e Manolo Florentino, publicado em 1993. E *Visões da liberdade*²¹, de Sidney Chalhoub, publicado em 1990. *O primeiro forneceu uma visão da sociedade e da economia da primeira metade do século XIX como um prolongamento da sociedade, da economia e da mentalidade arcaizantes que teriam caracterizado o período colonial tardio*²². O segundo, *debruçando-se diretamente sobre o acontecimento decisivo da aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871, tratou do papel da agência escrava no processo de abolição da escravidão*²³.

Outro trabalho que merece destaque é *Cativos do Sertão*²⁴, de Luiza Rios Ricci Volpato, publicado em 1993, especialmente, por tratar do cotidiano da população escrava de Cuiabá na segunda metade do século XIX, destacando suas ações e interações, individuais e coletivas, dentro da sociedade cuiabana. Bem como, apresentando fatores que exerceram influência direta na dinâmica social da cidade, como a crise vivida na localidade no período abordado, acarretada pelas cheias do rio Cuiabá, acentuando ainda mais os problemas crônicos de abastecimento. As epidemias de varíola, a Guerra do Paraguai, e ainda, a ressonância em Cuiabá dos discursos que ecoavam do Centro-sul do país, trazendo para o sertão novos parâmetros de civilização e progresso, relacionados aos ideais de urbanização, disciplinarização, higienização, novas formas de lazer e conceitos abolicionistas.

Mais recentemente, adentrando o século XXI, a escravidão em Cuiabá foi abordada em teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação de universidades mato grossenses e sul mato grossenses. É o caso das dissertações de, Maria Amélia Crivelente²⁵, Maria Auxiliadora de Arruda Campos²⁶, e Monique Cristina

²¹CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo, Companhia da Letras, 1990.

²²MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. Op. Cit., 2016.

²³MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. Op. Cit., 2016.

²⁴VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888**. São Paulo, Marco Zero, 1993.

²⁵CRIVELENTE, Maria Amélia. **Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso - um estudo sobre Chapada dos Guimarães (1798-1830)**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001.

²⁶CAMPOS, Maria Auxiliadora de Arruda. **Escravidão urbana: cotidiano e rupturas Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá – século XVIII**. Cuiabá: UFMT/PPGHIS. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2009.

de Souza Lordelo²⁷, apresentadas na Universidade Federal de Mato Grosso. E da tese de Antutério Pereira Dias²⁸, apresentada na Universidade Federal da Grande Dourados.

Sendo assim, o que se percebe é um número crescente, ainda que de maneira tímida, de trabalhos abordando a escravidão, tanto relacionadas ao cenário de Cuiabá, quanto mesmo ao cenário nacional, em suas mais variadas manifestações temáticas e matrizes epistemológicas. Quadro este que aponta horizontes a serem investigados a cada nova experiência de pesquisa evidenciada no âmbito dos domínios da história.



A produção impressa foi introduzida em Mato Grosso três décadas após o surgimento da imprensa no Brasil, que nasceu em 1º de junho de 1808 com o jornal *Correio Brasiliense*, editado pelo gaúcho Hipólito José da Costa em Londres e com conteúdo editorial voltado aos brasileiros, seguido pela *Gazeta do Rio de Janeiro*, com cunho oficial, lançado pela Coroa Portuguesa em 10 de setembro daquele ano, ao passo que em 14 de agosto de 1839, sob a presidência provincial de Estevão Ribeiro de Resende, surgiu a imprensa oficial em Mato Grosso com o lançamento do semanário *Themis Mattogrossense*.

Até então, diante da inexistência de jornais publicados na província,

as notícias mato-grossenses e outros documentos que necessitavam de publicidade começaram a ser impressos no jornal *Matutina Meyapontense*, da vizinha Província de Goyaz. O periódico circulou de 5 de março de 1830 a 24 de maio de 1834 no Arraial goiano de Meyaponte (hoje Pirenópolis), onde foi montada a primeira tipografia da região Centro Oeste do país, que foi a *Typographia Oliveira*.²⁹

Pouco tempo depois, a primeira tipografia da província de Mato Grosso, instalada em Cuiabá em 1839³⁰, facilitou a produção jornalística local, bem como, estabeleceu o surgimento de um novo grupo social ligado às tarefas relacionadas à

²⁷ LORDELO, Monique C. de S. **Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso. Fugas, capturas e formação de quilombos (1748-1796)**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2010.

²⁸ DIAS, Antutério Pereira. *Op. Cit.*, 2016.

²⁹ ANDRADE, Danusa Santana. **O surgimento da imprensa em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul**. 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia, Campo Grande-MS, 2016.

³⁰ ZARAMELLA, Sônia. **Jornal em Mato Grosso: no começo de tudo, a participação popular**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis-SC, ABR, 2004.

edição, editoração e divulgação de ideias, além da publicidade das ordenações e atos oficiais. Neste sentido:

A Tipografia Provincial trouxe para a capital não apenas o primeiro jornal de Mato Grosso, mas também a primeira profissão fora dos limites tradicionais do poder: a de tipógrafo. [...] foi uma espécie de revolução profissional, pois ocupava uma escala bem acima daqueles trabalhos manuais sem remuneração condigna [...] Resumindo: a Tipografia Provincial motivou o fato socioeconômico mais importante daquele período distante da história matogrossense³¹.

Não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país³², é o que afirmam Ana Luiza Martins e Tânia Regina De Luca na introdução de *A História da Imprensa no Brasil*, afinal de contas, a história da imprensa esteve intrinsecamente relacionada ao ambiente do sistema capitalista. Dessa maneira, como bem destacou Robert Darnton, pela perspectiva do aspecto econômico do mundo social, a imprensa é constituída num negócio³³. No caso do jornal *A Imprensa de Cuyabá*, publicado pela Tipografia Neves, sua circulação ocorreu entre 1859 e 1865, conseqüentemente, veio a desempenhar o papel de jornal mais importante da província nesse período pré Guerra do Paraguai, bem como, um importante meio socioeconômico para os interesses de uma elite letrada da capital mato grossense, estabelecendo relações sociais entre esse grupo letrado, a Administração provincial, e ainda, com vários outros indivíduos pertencentes ao quadro populacional da cidade.

Por outro lado, a historiografia relacionada à imprensa no Brasil é algo que veio a assumir relevância em termos de produção acadêmica a partir dos anos 1970³⁴, período que é marcado pelas inúmeras críticas ao paradigma marxista de explicação histórica³⁵, e trouxe também novos suportes temáticos e epistemológicos para o cerne das discussões e debates acerca dos métodos e teorias utilizados em âmbito nacional e internacional pelos historiadores e historiadoras. Sendo assim:

³¹ JUCÁ, Pedro Rocha. **A Imprensa Oficial em Mato Grosso**. Cuiabá, Imprensa Oficial do Estado, 1986.

³² MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **Pelos caminhos da imprensa no Brasil**. In.: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

³³ DARNTON, Robert. **O Iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

³⁴ DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos, e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

³⁵ Para saber mais sobre as críticas ao marxismo: BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. 1983.

A renovação historiográfica das abordagens políticas e culturais redimensionou a importância da imprensa, que passou a ser considerada como fonte documental (na medida em que enuncia discursos e expressões de protagonistas) e também como agente histórico que intervém nos processos e episódios, não “reflexo”. Força ativa, não mero registro de acontecimentos. Espaço privilegiado de elaboração de ideias, projetos e embates, em contato com outras instâncias e atores coletivos.³⁶

Sobre o Mato Grosso oitocentista, a produção acadêmica relacionando a imprensa como fonte e/ou objeto de pesquisa tem avançado timidamente, desde a criação de cursos de pesquisa e pós-graduação a partir da virada entre a década de 1990 e o início do século XXI³⁷, com a publicação de teses, dissertações e artigos em periódicos especializados, publicados tanto no próprio Estado de Mato Grosso, como em Estados vizinhos, em especial o Mato Grosso do Sul³⁸.

Portanto, este trabalho de pesquisa pretende dar continuidade aos estudos acerca de Mato Grosso no século XIX, com ênfase em Cuiabá, abordando de maneira multitemática e multidisciplinar o passado dessa região pelos vieses da história da escravidão e imprensa, apresentando e evidenciando práticas e representações socioculturais, discursos e mentalidades componentes do mundo social cuiabano e brasileiro, com enfoque na década de 1860, no período compreendido como pré Guerra do Paraguai, intervalo de tempo no qual circulou o jornal A Imprensa de Cuyabá.

³⁶ MOREL, Marco. **O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais**. In: MARACANAN, Ano III, nº1, JAN/MAR, 2007.

³⁷ CANAVARROS, Otavio; PERARO, Maria Adenir; BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; NETO, Vitale Joanoni. **Mato Grosso nos estudos historiográficos**. Revista Territórios & Fronteira, Cuiabá, vol. 5, nº 2, JAN/JUL, 2012

³⁸ FERNANDES, Mario Luiz. **Apontamentos para uma história da imprensa em Mato Grosso do Sul**. Revista Brasileira de História da Mídia, Vol. 6, nº 1, JAN/JUN, 2017.

CAPÍTULO 1

O MOSAICO DAS SEÇÕES

Tomando liberdade literária, este capítulo inicial foi intitulado com a intenção de proporcionar ao leitor um *insight* mais imediato do seu conteúdo³⁹. Pretendemos apresentar e analisar os aspectos das diferentes seções que compunham as páginas do jornal a Imprensa de Cuiabá, o qual apresentava na década de 1860, uma maneira nova de edição de publicações jornalísticas em Cuiabá no começo da segunda metade do século XIX, maneira esta que se popularizou entre os jornais publicados posteriormente.

Primeiramente, nosso objetivo aqui é esquadrihar em linhas gerais as características desse jornal, um dos quais escolhidos como fonte de estudo, dentre os vinte periódicos que circularam na segunda metade do século XIX, até a Proclamação da República, na cidade de Cuiabá. Nossa escolha foi baseada na relevância deste em sua época, assim como, devido à disponibilidade de informações sobre ele, tanto quanto pela quantidade mais segura de fontes disponíveis para pesquisa. Bem como, apresentar um histórico contextual que possa localizá-lo na História da Imprensa de Mato Grosso, e ainda, relacionar aspectos de teoria e metodologia adotados por autores que utilizaram a imprensa como fonte, e por sua vez, apontar possibilidades de pesquisa quando cabível.

Logo nos contatos iniciais com as fontes analisadas é possível perceber uma organização na diagramação editorial muito mais refinada nas páginas de “A Imprensa de Cuiabá” do que na maioria das publicações que circularam na cidade de Cuiabá na segunda metade do século XIX. Esta organização a que nos referimos foi chamada por

³⁹ Utilizando-se de semelhante recurso literário a autora Lilia Schwarcz chama o emolduramento das seções de “caleidoscópio”, destacando com este recurso prosopopeico o caráter do movimento e da dinâmica que refletiam as diversas combinações visuais possíveis na edição jornalística. Todavia, com a proposição alegórica expressa no título deste presente trabalho podemos entender a opção de destaque do imenso embutido de “peças”, na figura que representa cada seção e a montagem editorial do jornal em si. E que ambas as tentativas de comparação metafórica são legitimamente válidas e originais, sendo que, a opção de utilização tanto de uma, quanto de outra, não configura a exclusão ou negação daquela que foi preterida. A referência pode ser conferida em: SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Retrato em Branco e Negro: jornais, escavos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.99.

Pedro Rocha Jucá de “autêntica revolução editorial na história da imprensa em Mato Grosso”⁴⁰. Posto tal, podemos reconhecer em A Imprensa de Cuyabá, certo papel de vanguarda em termos de especialização técnica de seus mantenedores que foi difundido entre os editores de jornais da capital da Província, sendo assim, notamos um caráter de excepcionalidade neste jornal o qual poderia passar despercebido, enquanto fonte histórica para o estudo de Cuiabá oitocentista, já que em outras localidades do Império era comum encontrar arranjos de editoração semelhantes e até mais refinados.

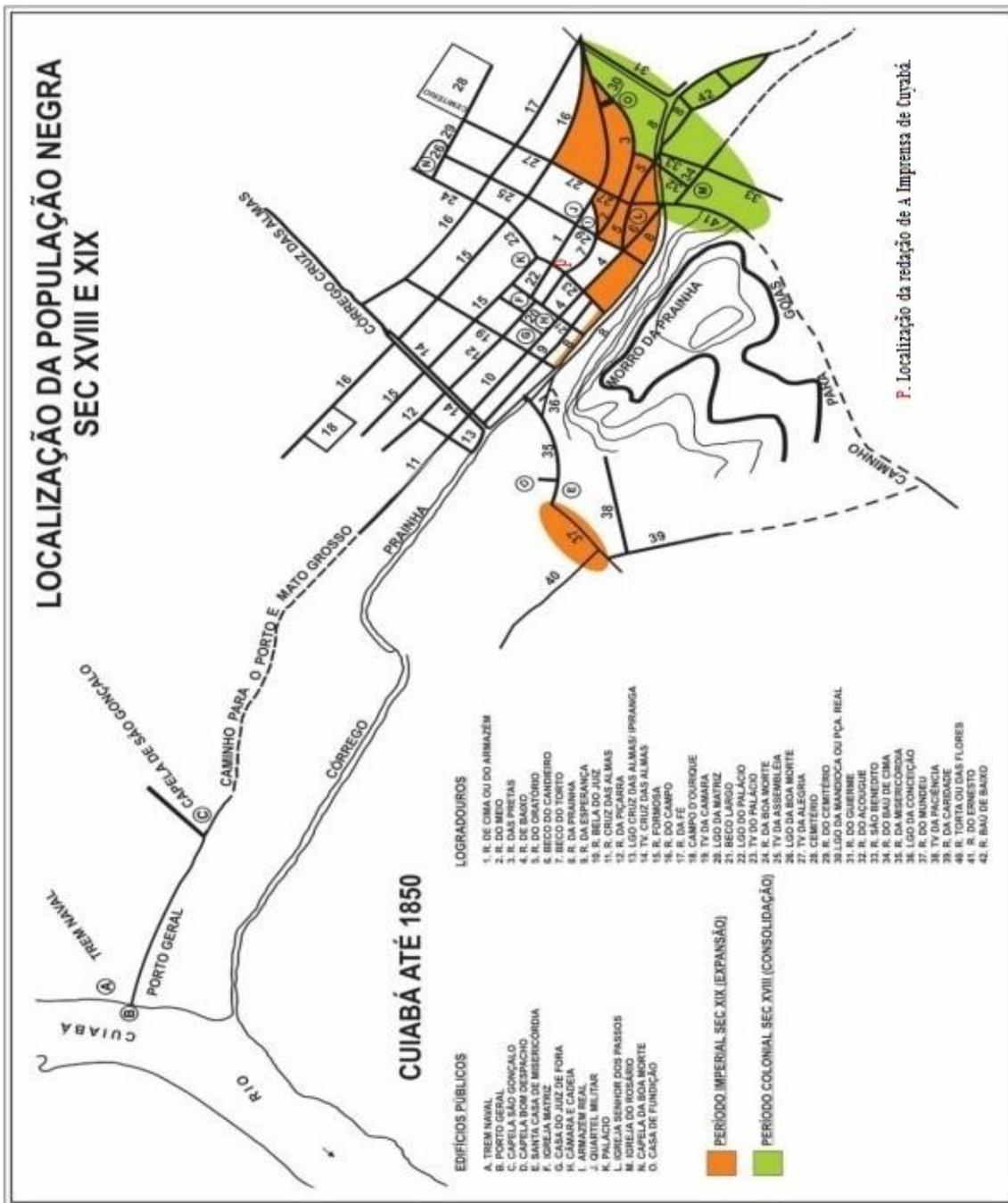
Algumas seções que serão contempladas em nosso estudo foram também contempladas de maneira mais profunda por historiadores de renome como Gilberto Freyre⁴¹, no caso da seção de anúncios. Já outras seções carecem de estudos historiográficos, provavelmente, por falta de interesse ou motivação específica que levasse os historiadores a se debruçar sobre as mesmas e torná-las objeto de pesquisa. Cabe reiterar que nossa intenção não é fazer uma análise exaustiva da historiografia sobre cada seção, e sim promover um exame do papel de cada uma delas, localizando-as dentro do jornal, contextualizando com a produção relacionada existente, quando houver, e possibilidades de pesquisa.

As peças de um mosaico são muito bem visíveis na edição de A Imprensa de Cuyabá, as quais se podem notar bem definidas visualmente com títulos destacados e escritos em negrito, dispostas em três colunas para apresentação de seu conteúdo. É necessário considerar também as mudanças na editoração do periódico em questão, afinal de contas é possível verificar um caráter de experimentação e paulatino desenvolvimento nas técnicas jornalísticas utilizadas pelos diferentes editores⁴² que estiveram à frente do jornal, especialmente a partir de 1863. Portanto, convidamos o leitor para uma jornada de estudo das seções de A Imprensa de Cuyabá, e apreciação iconográfica que será apresentada por critério de amostragem, com caráter ilustrativo, para tornar nossa experiência com o objeto em questão mais aclimatizadora.

⁴⁰ JUCÁ, Pedro Rocha. **A Imprensa Oficial em Mato Grosso**. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986, p. 38.

⁴¹ FREYRE, Gilberto. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. 1ª edição digital. São Paulo, 2012.

⁴² Estiveram encarregados da edição de A Imprensa de Cuyabá: Francisco Pereira de Moraes Jardim; João de Souza Neves; e Antonio Maria de Moraes Navarros.



Mapa 1: Cuiabá em meados do século XIX, e a localização da redação de A Imprensa de Cuiabá, Rua Augusta, ou de Cima, nº 50. Editado por SOTT, S.L.K.. Fonte: DIAS, Antutérpio Pereira. **O viver escravo em Cuiabá: relações sociais solidariedade e autonomia (1831 – 1888)**. TESE (Doutorado em História), Dourados-MS, Universidade Federal da Grande Dourados, 2016, p. 53.

O método de amostragem probabilística por aglomerados⁴³ deve ser utilizada quando é impossível ou impraticável compilar uma lista exaustiva dos elementos que compõem o objeto-alvo. Trata-se de uma técnica de pesquisa na qual um sistema

⁴³ POCINHO, Margarida. **Amostra e tipos de amostragens**. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/ Universidade da Madeira, 2009.

preestabelecido de amostras é considerado idôneo para representar o universo pesquisado, com margem de erro aceitável. O objetivo neste primeiro capítulo é apresentar temas, conteúdos, discussões, e amostras iconográficas das seções do jornal A Imprensa de Cuyabá, um instrumento político e sócio econômico, símbolo de modernidade, fruto de uma empresa jornalística no período pré Guerra do Paraguai, um mosaico ricamente repleto de múltiplas peças que compunham os processos de edição e editoração jornalística utilizados na época.

Aqui o estudo completo de todas as publicações de cada seção é inadequado ou inaplicável (ou mesmo inútil), mesmo se pudéssemos fazê-lo. Muitas vezes não há benefícios substanciais em conhecermos “tudo” sobre determinada seção, se não pudermos abstrair e compreender seu funcionamento. Assim, um fabricante de lâmpadas ou fósforos não irá testar o tempo de vida de cada lâmpada, ou acender todos os fósforos, para demonstrar a qualidade de seu produto. Depois de tais testes não haveria mais nada para vender e ele, muito provavelmente, estaria falido.

Longe de querer apresentar uma forma estanque de produção jornalística, nossa intenção é a de evidenciar um modelo de diagramação em mosaico⁴⁴ utilizado em A Imprensa de Cuyabá, que foi vanguardista em sua época, e que acabou se tornando um modelo amplamente empregado em vários jornais posteriores publicados na capital da Província de Mato Grosso.

⁴⁴ A utilização da metáfora de comparação de jornais oitocentistas com um mosaico pode ser encontrada em textos de outros autores, para citar alguns: RIBEIRO, José Alcides; ARAÚJO, Regina Lúcia de; GONÇALVES, Maria das Graças; OLIVEIRA, Éris Antonio de. **Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde, Marmota Fluminense e O Estado de São Paulo**. III Colóquio Multitemático em Comunicação, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SET, 2008.; MARENDINO, Laiz Perrut. **As transformações do Diário do Rio de Janeiro no contexto político e social do Império**. ANPUH-MG, Juiz de Fora, JUL, 2014.

1.1. EDITORIAL: A IMPRENSA DE CUYABÁ

Uma seção comum e bastante corriqueira nos jornais do século XIX era o editorial, artigo de opinião, argumentativo, redigido pelos próprios editores do jornal ou por colaboradores próximos. O título “A Imprensa de Cuyabá” era o que caracterizava esta seção do periódico objeto de estudo neste primeiro capítulo, que quando publicado fazia parte da configuração da primeira, das habituais quatro páginas do jornal, por vezes se estendendo até a segunda. O seu conteúdo versava sobre vários temas, como política, economia, educação, comportamento social, costumes, escravidão, etc., e ainda, detinha como função social o caráter de (in)formação da opinião pública.

Por este ângulo, Álvaro Santo Simões Junior⁴⁵ argumenta que:

Para conhecer o projeto editorial de uma publicação, é de grande valia informar-se sobre o seu grupo de redatores e sobre quem teve oportunidade de nela publicar. Para que se defina a filiação política, estética ou ideológica de um jornal, é preciso descobrir qual lacuna a publicação veio preencher pela análise de editoriais e notas das redações ou dos posicionamentos políticos ou estéticos assumidos.

E podemos perceber a consonância com o que aponta Simone da Silva Bezerrill⁴⁶, ao estudar editoriais de jornais maranhenses do século XIX, alegando que:

...é necessário saber a história dos próprios jornais, as posições políticas de seus donos, a linha editorial adotada, o perfil dos patrocinadores e a que grupos políticos e econômicos estão vinculados antes de elegê-los como objetos de pesquisa. Devemos lembrar que os jornais antes de se constituir em objeto de pesquisa, refletem, no desenvolvimento de sua própria história, toda uma transformação tecnológica e sócio-cultural. Além disso, os impressos são instrumentos dotados de ideologias, e por estarem em constante dinamismo com as esferas políticas e sociais fazem do jornalismo um agente ativo na configuração dos rumos tomados pela sociedade.

Tendo em vista estas considerações, Valéria Severina Gomes publicou tese⁴⁷ de doutorado em 2007, na qual se propôs a analisar traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos oitocentistas, analisando aspectos retóricos e argumentativos presentes nesses textos, bem como, tendências, práticas e estratégias

⁴⁵ SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. **Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX**. UNESP, FCLAs, V.2, nº 2, 2006.

⁴⁶ BEZERRILL, Simone da Silva. **Imprensa e política: jornais como fonte de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão**. II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista, São Luís, Universidade Estadual do Maranhão, JUN, 2011.

⁴⁷ GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. TESE DE DOUTORADO, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

discursivas utilizadas. Com a intenção de demonstrar a possibilidade de delineamento de “uma perspectiva de trabalho que engloba e vincula a historicidade do texto e a historicidade da língua”, ou seja, seu objetivo foi o de compreender a dinâmica da forma, mais que o conteúdo em si, de como esses editoriais eram escritos.

Seguindo outro viés, aquele que contempla a apreciação de conteúdo em editoriais, Zahidé Lupinacci Muzart⁴⁸ empreendeu estudo acerca de editoriais de jornais oitocentistas voltados para o público feminino, escritos por mulheres, com o objetivo de “*recuperar a memória literária das mulheres brasileiras no século XIX*”, da mesma maneira que, pretendia em caráter de militância, “*despertar a consciência das mulheres para a necessidade de conquistarem direitos fundamentais ligados à educação, à profissionalização e, posteriormente, ao voto*”.

Consequentemente, o uso da seção do editorial oitocentista como fonte de pesquisa se encontra em processo de expansão, com considerável volume de trabalhos. Sendo que, em síntese, os editoriais jornalísticos do século XIX podem ser apreciados, ao menos sob dois aspectos. Segundo o viés da análise da forma de sua apresentação discursiva, ou pelo exame de seu conteúdo histórico e de suas relações socioculturais, políticas e econômicas, especialmente, considerando os aspectos argumentativos presentes nestas publicações, que refletiam opiniões, práticas e posicionamentos de seus editores.

⁴⁸ MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.** Estudos Feministas, Florianópolis, V. 11, nº 1, JAN-JUN, 2003.

A IMPRENSA DE CUYABÁ.

PERIÓDICO POLÍTICO, MERCANTIL E LITERSÁRIO.

Publica-se aos Domingos na Typographia de Sousa Neves etc. e Comp. Subscree-se no Escriptorio da Directoria a 7 de Agosto numero 50.

REDACTOR EM CHEFE.

José Jacintho de Carvalho.

ASSIGNATURA ANNUAL.

Para a Provincia	128000
Para fora	158000
Avulsos	8280

EDITOR.

Francisco Pereira de Moraes Jordim.

A IMPRENSA DE CUYABÁ.

É chegada a época em que as Autoridades devião empregar todos os recursos que a Lei lhes faculta para evitar a calamidade porque estão passando os habitantes desta Capital, especialmente os pobres, que diariamente vão succumbindo ao peso da miseria; porque os excessivos preços á que chegarão os viveres, e o systema da vendagem delles facilita demasiado a que os atravessalores seião os primeiros a conduzi-rem-os para as suas casas, desde que se aproximão as tropas a esta mesma Capital, e são elles os que offerecem logo e logo a preço para a compra de todos os generos sem que lhes obste a providencia tomada pelo Fiscal da Camara em Edital de 8 d'Agosto do anno passado, que de certo tempo á esta parte ficou—letra morta.— Não podemos consentir que se diga que não temos no Paiz o necessario para o consumo; é uma illusão, temos viveres sufficientes para abastecer a população, o que nos falta é sacrificarem um pouco do tempo dedicado ao repouso para melhorar o

nosso estado actual: empregue-se algumas praças de Policia para acompanhar as tropas desde os suburbios da Cidade até o Mercado e estabeleça-se ali melhor systema de vendagem que muito mais vantajoso será não só aos habitantes como ao cofre.

A Imprensa

La cause finale du gouvernement representatif, c'est donc de recevoir son impulsion de la volonté publique,.....

Gautier.

La liberté de la presse aura donc en tout temps, en tout lieu, son côté faible, mais elle sera toujours la base, la condition sine qua non du gouvernement representatif.

Bacot de Romand.

Avec la liberté étouffée, doit s'éteindre l'intelligence, sa noble campagne. La vérité est un bien, mais l'erreur est un mal.

Royer-Collard.

Onle eu triste chorar possas.

Geme é noite tendrosa,
Gemei terra, vento e mar;
Todo em mim só é tristez,
Todo em mim só é pensar,
Geme toda a Natureza!

Infeliz, triste coitada
Dejanira aqui chorando,
Amo a noite e gosta e canto
Das aves, que vão grasnar do,
Tremendo da noite o manto.

Os gemidos, que em seo peito
Per lei do destino morão
Dos astros detem os giros,
Que presados também chorão
Pela dor de seus suspiros.

Ella desdenhosa geme!
Quando no rosto procura
Ver a cor do coração,
Toca a mão de formosura
No pranto, que cce no chão.

Vivia sempre esta formosa donzella votada no pranto, e acorçava-seos dias em uma estranha melancolia. Punha-se a meza, ella sentava-se; e quando Alonzo lhe pedia que comesse, o pranto se alongava pelo rosto, dizendo: O silvrio dos infelizes,

A Imprensa é a consciencia d'um povo, onde se reflectem todos os actos de sua vida, os quaes, com a sancção da maioria, prejuizos, ou verdades, constituem seo idole que ja mais impaneamente foi tocado: effa forma a opinião publicæ, e lhe dá a direcção. O dia, em que inventou-se a imprensa, raou a brilhante aurora da civilização do mundo, n'esta sublime invenção ainda uma vez o espirito de Deos passou sobre as aguas, e houve luz.

Ficarão lançados os fundamentos do governo representativo, a publicidade, cuja primeira laço é.

A imprensa é a palavra ampla, e dilatada.

Deos no grande dia da criação, quando formou o primeiro homem, illuminou-o dotando-lhe com a intelligencia, e elevou-o, dando-lhe a liberdade, a imprensa livre devia apparecer.

Em sua progressão, hoje o mundo apresenta-nos a brilhante realisação de idéas li-zonjeiras, que, inspiradas, em outras iladas, ensinara-as os amigos da humanida-

meo paé, é chorar, sirva mee pranto de verdadeiros alimentos! Levanto-me da mesa; Dejanira entrou para o quarto triste e chorosa, e Alonzo a seguir para confortar-lhe os suffeimentos tão do coração, dizendo: Dejanira, minha filha, modera esta emoção, não chore, pois que não tem razão para tanto, o coração de Francisco é teu; muitobreve elle voltará; e todos os teos ais se converterão em prazeres; e ainda d'isso, todos estes vixames te acróo inuteis; consola-te com a vontade deos.

—Oh! meu paé, não sei o que será feito d'elle, talvez, vagando pelos climas estrangeiros, ausente do meu amado, o seo intuitivo seja chorar, como eu choro; porém meo paé, estou mais soçgada,—ja não choro. . . .

—Sim, minha querida filha, lembra-te tambem que os coozas preciosos não se adquirem sem trabalho e vixames; e infelizes d'ellas, se não fossem vendidos por tres adversidades, porque então nenhuma valla contentão em si.

Uma vez Dejanira, retirando-se Alonzo, ja dormia, quando uma criada interrompendo-lhe o sono, entregou-lhe uma carta; Dejanira abriu e lê:

— QUARTA DEJANIRA.

* Dos lares partemse parti apenas, que o meo coração sentio e que é amor, e o que ósaudade; palavras e lagrimas em vão tentariao explicar o hor-

FOLHETIM DA IMPRENSA

OS DOUS AMANTES

DEJANIRA E FRANCISCO.

POR

J. F. C. N.

Continuação do N. 2.

CAPITULO 2.

Partiu Francisco banhado em lagrimas, e Dejanira ficou desconsolada nos braços de Alonzo. Desde muito succedia o neto ao dia, e Dejanira triste e abatido não cessava de chorar a ausencia de seu amante; e quando a noite lhe cobriado a terra com o seu róxo manto, chegava á janella, e lançando para o mar os olhos do dor, sempre misturava com suspiros este terno canto:

Desde a hora, em que Francisco
Foi cumprir do fado a lei,
Na tormenta de mee pranto
O meo prazoz sepultei;
E cessou tambem meo canto.

Vivo triste e desfilhada
Pelos dores da saudade;
Ah! um retrio, uma chaga
Dai-me ó Deos de piedade.

Figura 01: Trecho de editoriais nas colunas 1, 2 e 3, parte superior. Ed.3 – 07/08/1859 – p.1

1.2. PARTE OFFICIAL

Na segunda metade do século XIX distingue-se o que é chamado por Pedro Rocha Jucá⁴⁹ de “segundo ciclo” da imprensa oficial em Mato Grosso, isso porque neste período que vai de 1848 a 1890 as publicações oficiais eram feitas por jornais particulares, visto que a Província não possuía um veículo próprio para fazê-lo, como no “primeiro ciclo” que se estende por 1834 a 1848. Esta seção, de maneira geral, ficava alocada na diagramação da primeira página e da segunda em caso de necessidade. Posto isto de maneira geral para os jornais do “segundo ciclo” e também, para o caso específico de A Imprensa de Cuyabá.

A renda dos contratos entre o governo e os donos desses jornais privados era a maior fonte de ganho fixo para os mesmos, sendo que para efeito de comparação sabemos que o jornal Echo Cuiabano fechou um acordo para receber 1:200\$000 réis dos cofres públicos em 1848 para ficar responsável pela publicação dos atos de governo da Província⁵⁰, valor que representava uma boa quantia na época⁵¹. Nesta perspectiva podemos supor que os valores recebidos pelos mantenedores de A Imprensa de Cuyabá tenham sido semelhantes ao que foi repassado pelo governo para os mantenedores de Echo Cuiabano.

E como podemos saber ao certo a importância exata dos proventos recebidos do governo para a publicação dos atos oficiais, para o periódico que estamos tratando neste capítulo? Exatamente, seria algo impossível de mensurar, entretanto podemos deduzir que esta renda possuía significativa importância, devido ao que sabemos da história de outro jornal da segunda metade dos oitocentos, que circulou pouco tempo depois de A Imprensa de Cuyabá, o jornal A Situação.

A Situação recebeu proventos do governo da Província até 1879, quando foi criado o jornal A Província de Matto-Grosso, com a finalidade de publicar os atos de governo. Por consequência, A Situação deixou de receber a importância que embolsava até então, o que fez com que seus mantenedores passassem por maus bocados com relação às finanças, sendo que, tal episódio de crise foi até relatado numa publicação de

⁴⁹ Fonte: *Op Cit.*. JUCÁ, P. R. 1986, p. 30.

⁵⁰ Fonte: *Op Cit.*. JUCÁ, P. R. 1986, p. 26.

⁵¹ Para efeito de comparação a arrecadação da Província no mesmo ano foi de 35:4\$743 réis. Fonte: RELATÓRIO PROVINCIAL DE 1848. Disponível em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/mato_grosso .

outro jornal da época, intitulado O Povo, ao passo que “*A Situação, órgão do partido conservador n’esta capital(Cuiabá), deo por concluída a sua carreira domingo próximo passado*”. E que “*contava já 12 annos de vida e morreo justamente quando mais necessária fazia-se a sua existência ao partido cujas idéas professava*”. E continuava, “*digamos desde já, q’-em contrario do Porvir, que morreo por asphyxia, a Situação morreo de inanição*”⁵². A Situação não “Morreo”, não deixou de ser publicado como noticiado por O Povo, contudo, o quadro financeiro em que se encontrava pode ser considerado péssimo. Neste sentido, podemos entender este ocorrido como um indício que nos remete à relevância do pagamento dos proventos da administração da Província aos jornais privados, estendendo tal relevância para A Imprensa de Cuyabá, por aproximação comparativa.

Já o número de trabalhos que utilizaram a seção Parte Official, como fonte, é irrisório, todavia, Adriana Aparecida Pinto⁵³ publicou um trabalho em tese doutoral sobre educação nas décadas finais do século XIX e virada para o XX, no qual constituiu uma análise dos discursos da imprensa com relação ao ensino na Província de Mato Grosso, que viria se tornar Estado com a proclamação da República, e argumenta que:

O discurso jornalístico, permeado por recursos muito próprios e característicos das bases que os tornam materiais, inserem-se em um sistema de representações culturais que nos possibilitam antever modos, formas e visões de mundo, interesses de grupos, instituindo práticas, mascarando valores e usos e costumes.⁵⁴

E enfatiza que:

A publicação dos atos oficiais, majoritariamente presente nos jornais examinados, a publicação de textos de opinião, caracterizando a situação da instrução e mesmo dos procedimentos adotados pelo poder público, pelas instituições confessionais e religiosas para a sua execução tiveram assento garantido nas lides da imprensa.⁵⁵

Em A Imprensa de Cuyabá também podemos observar a presença majoritária da seção de publicações oficiais da administração pública da Província de Mato Grosso nos exemplares analisados ao longo da pesquisa, e dessa maneira, constatamos que a seção em questão se apresenta como um terreno fértil para pesquisas no campo

⁵² Fonte: O Povo,12/01/1879, Edição nº 2.

⁵³ PINTO, Adriana Aparecida. Nas páginas da imprensa: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso(1880-1910). Tese(Doutorado em educação escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2013.

⁵⁴ PINTO,A. A. *Op. Cit.*, 2013, p. 179.

⁵⁵ PINTO,A. A. *Op. Cit.*, 2013, p. 262.

historiográfico, seja pela análise das representações de grupos ou indivíduos componentes da sociedade cuiabana oitocentista, dos discursos e opções temáticas da imprensa, ou como tangente epistemológica que sirva de complemento para a investigação histórica com fontes de outra natureza.



Figura 02: Trecho da parte oficial, coluna 3, canto inferior. Ed. 266 – 14/02/1864 – p.1

1.3. NOTICIÁRIO

O nome desta seção é bastante elucidativo em si sobre o conteúdo qual era publicado nas páginas de a Imprensa de Cuyabá. Nesta seção, eram publicadas eventualidades do cotidiano da capital da Província, como, nomeações de funcionários

públicos, ocorrências policiais, falecimento de moradores, festividades, eleições, movimentação do porto, acontecimentos locais, nacionais e internacionais, enfim, toda uma miscelânea de episódios, futuros ou pretéritos, que pudesse ser considerada notícia pelos editores. Embora tenha sido pouco explorada como fonte histórica para estudo da cidade de Cuiabá oitocentista, podemos encontrar uma quantidade considerável de trabalhos que a elegeram como gênese para pesquisa em outras regiões do país.

Neste sentido, e com relação à seção de notícias, Lilia Moritz Schwarcz⁵⁶, que estudou jornais paulistanos do século XIX, relata que:

Ocupando a segunda e boa parte da terceira página, a seção intitulada ‘Notícias’ compunha parte essencial desses jornais. A ela era reservada parte destacada, sendo que diariamente ‘passavam’ pelos periódicos várias notícias precedentes dos mais diversos locais do país (do Rio Grande do Sul ao Amazonas) e versando sobre os mais diferentes temas. Nessa seção, a presença do ‘negro’, retratado de diferentes maneiras, era uma constante: ora parecia como um assassino, frio e cínico, ora como humilde e até serviçal.

No caso de A Imprensa de Cuyabá a presente seção poderia ser encontrada também na primeira página e se estender até a segunda, ou por vezes, somente na primeira, de acordo com a conveniência de edição. Já a presença do negro, em contraste ao que foi encontrado por Lilia Schwarcz, é praticamente inexistente, muito provavelmente por escolha dos editores, e quando aparecem são representados como criminosos, fugitivos, “turbulentos” ou “ébrios”, na parte policial. Ora, sendo assim o que podemos perceber é que havia uma valoração segregacionista(intencional) para cada seção, de maneira que ao negro não era reservado espaço no Noticiário, a não ser aquele circunscrito para ocorrências policiais.

Corroborando com o sentido de intencionalidade no discurso impresso nas páginas dos jornais oitocentistas publicados, Sandra Jatahy Pesavento⁵⁷, ao analisar notícias referentes à criminalidade urbana em Porto Alegre-RS, afirma que a própria

⁵⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX, n.2, DEZ, 2004.

legislação da época servia como instrumento de manutenção da ordem “desejável” para o convívio social, como segue:

A lei é, pois, fruto de uma vontade e de um acordo entre os homens, ou, pelo menos, do comum acordo entre aqueles que a fazem. É resultado de uma negociação entre seus autores em face de uma questão posta pelo convívio social. Sendo determinação e vontade, é uma forma objetiva de normatização da vida ou do controle social que pressupõe uma representação da sociedade desejável.

Neste sentido, podemos acrescentar o ponto de vista de Arlan Eloi Leite⁵⁸, que nos fala em artigo utilizando a imprensa como fonte para estudo da criminalidade na cidade de Natal-RN, que “quanto à narrativa criminal, pode ser encarada como uma prática política e cultural na temporalidade histórica”, ou seja, podemos entender deste trecho que as notícias veiculadas pelos jornais fazem parte de uma conjectura social mais ampla, que por sua vez interfere e sofre interferência do *habitus*, ou comportamento social. Soma-se a este quadro algo importantíssimo para a compreensão da sociedade, o lugar. Em nosso caso Cuiabá no século XIX, uma cidade pequena, compreendendo por volta de 15 ou 16 mil habitantes, e de relativo isolamento geográfico. Em vistas disso, pode talvez ser o motivo para que nas páginas de A Imprensa de Cuyabá a maioria das prisões de escravos sejam por motivos menos graves, como embriaguez, baderna, pequenas brigas ou até mesmo a pedido de seu senhorio, considerando que não possuíam a cobertura das multidões das grandes cidades.

Outro dado interessante é o que José Péricles Diniz Bahia⁵⁹ apresenta em sua tese defendida na Universidade Federal da Bahia, na qual analisou jornais de diferentes estados do Brasil Imperial (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo), e dentre outras conclusões que chegou, argumenta que:

...os jornais do interior tenderiam a dar maior ênfase à cobertura cotidiana da própria área em que atuam (atuavam), cabendo aos jornais maiores, atenção aos problemas de relevância nacionais e internacionais.

Ou seja, nas cidades pequenas o noticiário contemplaria prioritariamente os fatos e acontecimentos da própria comunidade,

⁵⁸ LEITE, Arlan Eloi. **Tribuna do Norte: o jornal como fonte de informação histórica à narrativa do crime**. Bibliocanto, Natal, v.2, n.1, 2016.

⁵⁹ BAHIA, José Péricles Diniz. **Ser baiano na medida do recôncavo: o jornalismo regional como elemento formador de identidade**. TESE, Universidade Federal da Bahia, 2009.

abrindo depois espaço para as questões da região e muito raramente as notícias nacionais e do mundo.⁶⁰

Sendo assim podemos estabelecer um status de comparação semelhante para os jornais publicados na capital da Província de Mato Grosso, já que, por mais que Cuiabá fosse uma capital, era uma cidade demasiadamente de pequeno porte e com relativo isolamento geográfico no interior do país. Não queremos aqui nos estender ao mérito da medição de níveis de progresso/atraso dos procedimentos técnicos dos jornais cuiabanos, consequentes desse quadro, contudo sabemos que os jornalistas locais faziam viagens para outras províncias com o intuito de aperfeiçoamento profissional e troca de experiências. E é tendo isso em vista que estabelecemos o critério de comparação ao que foi apresentado por Bahia.

Em si, as possibilidades de pesquisa tendo como fonte a seção do Noticiário são variadas de acordo com a temática escolhida. Em outros estados do país, como, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pará, Bahia, Espírito Santo temos trabalhos que abarcam, escravidão e raça, criminalidade, educação e instrução pública, gênero, música, religiosidade, Guerra do Paraguai, demografia, economia e política. E de maneira semelhante A Imprensa de Cuyabá oferece suporte viável para uma variada gama temática em sua seção de notícias.

⁶⁰ BAHIA, J. P. D.. *Op. Cit.*, 2009, p. 59.

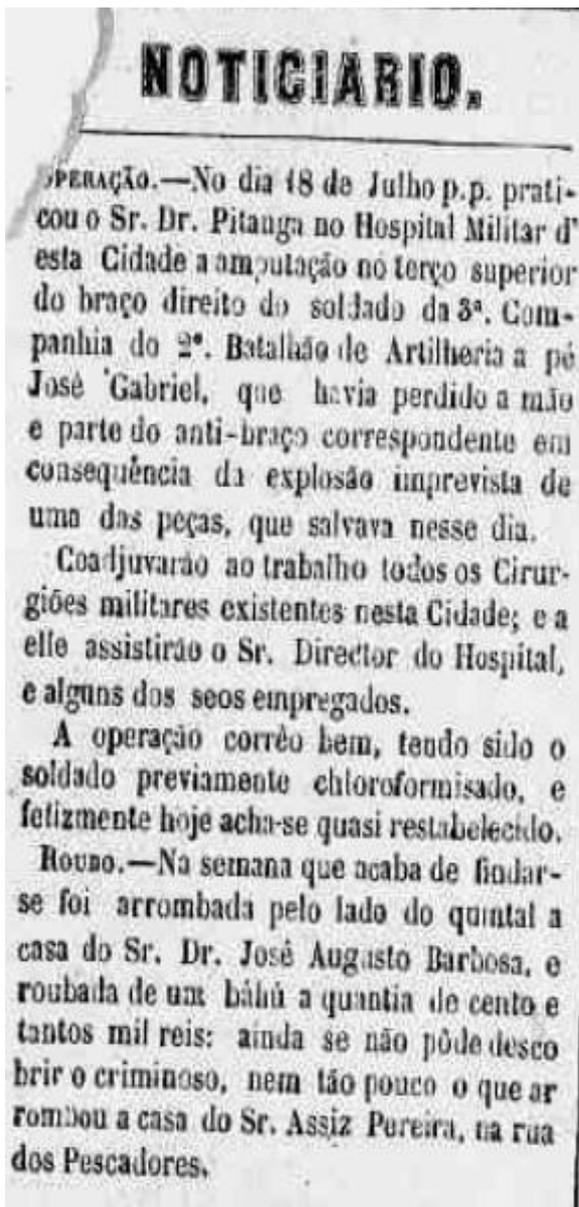


Figura 03: Ed. 56 – 12/08/1860 – p.1

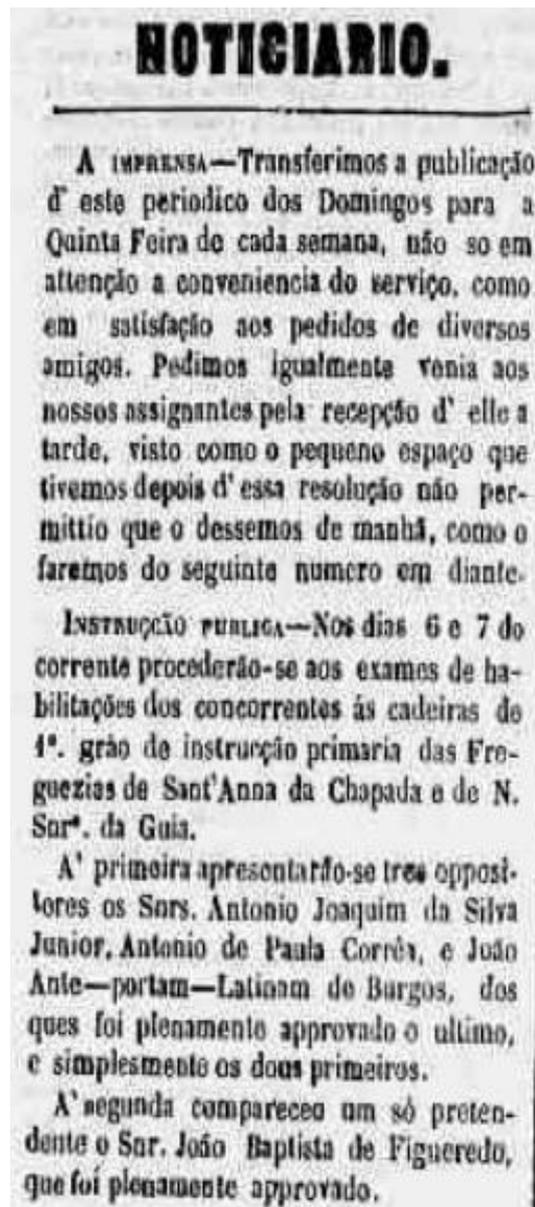


Figura 04: Ed. 234 – 0/07/1863 – p.1

1.4. FOLHETIM

O folhetim era uma seção a que se reservava para a publicação de romances e contos literários de A Imprensa de Cuyabá, assim como de outros jornais da época, alguns dos quais evidencia Pedro Rocha Jucá⁶¹: Os Dous Amantes, Djanira e Francisco, por J.F.C.N.; A Bastarda, O Sentinela Felício, de autor desconhecido. Esta seção

⁶¹ JUCÁ, Pedro Rocha. **A Imprensa Oficial em Mato Grosso**. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986.

comumente era publicada na primeira e segunda página do jornal podendo se estender até a terceira página, de maneira fragmentada, por opção do editor.

Sobre esta seção temos uma produção acadêmica consideravelmente farta, especialmente por historiadores da Literatura e Linguagem. Como obra de destaque e grande circulação, Marlyse Meyer⁶² publicou em 1996 o livro “Folhetim: Uma História”, dividido em duas partes para nos contar a história do romance-folhetim. Na primeira aborda o seu nascimento e desenvolvimento na França, já na segunda estuda a sua recepção no Brasil. Neste trabalho a autora defende que as publicações desta seção tiveram um grande impacto no meio literário e social brasileiro, de modo que, o jornal era o único meio midiático de massas.

Neste sentido, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa⁶³, ao se debruçar em pesquisa utilizando como fonte jornais paraibanos do século XIX, observa que:

...esses jornais, principalmente os de grande circulação, se constituíram a grande fonte por onde circularam os romances-folhetins e folhetins estrangeiros, os contos dos escritores brasileiros, a crítica literária e a produção local. Sobre a inegável predominância do folhetim e do romance estrangeiros, principalmente os franceses, o que pode ser dito? Trata-se da demanda do leitor ou da escolha dos próprios jornalistas e proprietários?⁶⁴

E segue, sugerindo o uso da seção que estamos tratando no presente momento como fonte proveitosa para a História Cultural, a História da Literatura e a História Linguística:

Além de servir de fonte de pesquisa para historiadores da cultura, as crônicas, os folhetins e essa miscelânea, para usar um termo caro à época, de textos aqui publicados são material para o historiador da literatura que nem mesmo tinha ideia da produção literária paraibana, mas também do historiador da língua, que pode observar várias modificações nos termos do uso dos vocabulários, etc.⁶⁵

Na Cuiabá oitocentista o folhetim servia de entretenimento para os leitores de A Imprensa de Cuyabá, entretanto, para os historiadores do século XXI esta seção, ainda pouco explorada, de maneira geral entre os jornais que circularam na capital da

⁶² MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁶³ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e Literatura no século XIX paraibano: Uma História**. s/d.

⁶⁴ BARBOSA, s. de F. P. *Op. Cit.*, s/d.

⁶⁵ BARBOSA, s. de F. P. *Op. Cit.*, s/d.

Província de Mato Grosso, na segunda metade do século XIX, pode ser constituída numa riquíssima fonte de pesquisa.

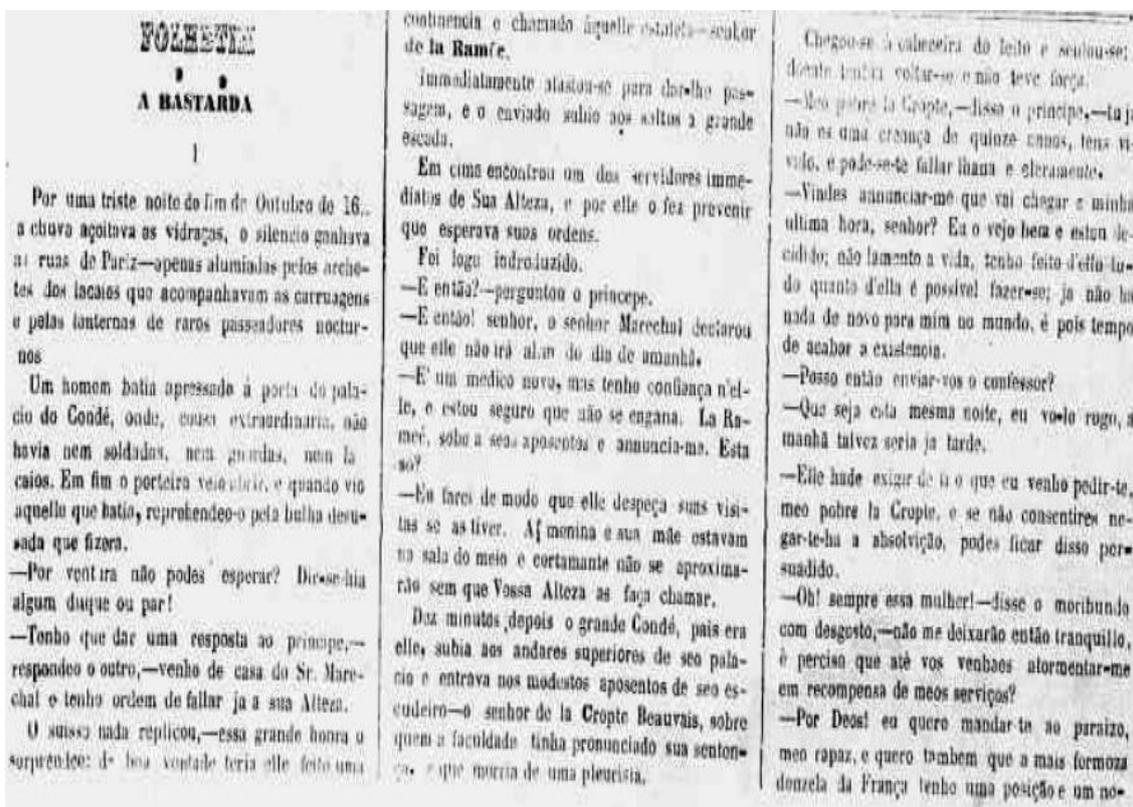


Figura 05: Trecho do folhetim, A Bastarda. Ed. 86 – 20/01/1861 – p.1

1.5. VARIEDADE: MISCELÂNEA, POESIA, LITTERATURA E CRÔNICA

A seção de variedades é outra a qual seu título é bastante elucidativo em si, a respeito do conteúdo das publicações nela impressas, conteúdo este bastante variado e heterogêneo, o qual perpassava por temáticas de entretenimento, da crônica à poesia, sempre representando modos de concepção do cotidiano com forte caráter personalista do autor. Costumava estar integrada na editoração da terceira ou quarta páginas, dependendo da extensão e do número de publicações inseridas por edição do jornal.

Ao estudar jornais oitocentistas publicados nas cidades de Rio Grande e Pelotas, no Rio Grande do Sul, Rosa Cristina Hood Gautério⁶⁶, afirma que:

Sob o foco das ‘variedades’, o folhetim se transformou em coluna de sucesso em que o acontecimento era dotado aos serviços de artigos de consumo na forma de ‘assuntar’ o cotidiano em tempo livre. Tais

⁶⁶ GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. **A crônica nos periódicos sulinos no século XIX**. ENAPEL, SET, 2010.

assuntos moviam-se entre críticas teatrais e literárias também política que traziam notícias partidárias e, principalmente, o mundanismo social; mundanismo esse não concorrendo ao sentido pejorativo que conhecemos hoje, mas na época destinavam-se as seções sob as movimentações sociais como os concertos, festas, baile, reuniões em casas de cidadãos ilustres da sociedade, etc.. A esse etcétera refiro-me a variedade de textos que perpassavam por um território livre deflagrando a miudeza do cotidiano abrangendo um misto de assuntos destinados a oferecer um olhar breve ao leitor acostumado a deter-se em notícias ‘sérias’ que ocupavam grande parte do periódico.

Neste trecho, primeiramente, nos chama a atenção certa equivalência destacada por Rosa Gautério com relação ao Folhetim e às Variedades, quadro diferente ao que encontramos em A Imprensa de Cuyabá, já que neste periódico a seção do Folhetim cumpria um papel mais específico, já tratado neste capítulo. Em segundo lugar, a autora traz à tona a questão do conteúdo diversificado relacionado ao cotidiano e da fugacidade das publicações, como estratégias editoracionais para atrair e prender a atenção do público leitor, quebrando o clima “sério” inculcado em outras seções.

Ao bem da verdade, o que sabemos é que as variedades eram publicadas nos jornais do século XIX sob títulos muitas vezes diversificados, ocupando sobremaneira sempre o mesmo espaço, terceira e/ou quarta folha do jornal. Em suma, um grupo de pesquisadoras⁶⁷ do Pará encontraram situações semelhantes ao pesquisar jornais oitocentistas da capital paraense, argumentando que:

Nossas investigações permitiram-nos constatar que o espaço destinado ao entretenimento nos jornais de Belém era identificado pelas rubricas – ‘Variedades’ ‘Miscelâneas’ e ‘Litteratura’ – tal qual ocorria nos jornais da França. Identificamos nesses espaços, crônicas e prosas literárias curtas, resenhas de livros, curiosidades, artigos de reflexão, pequenas crônicas de humor, entre outros assuntos diretamente ligados à Literatura.

De maneira que, produção acadêmica acerca desta tipologia de fontes é razoavelmente larga no país, especialmente, no que se relaciona à História da Literatura, da leitura, e da linguagem. Destarte, este tipo de conteúdo era comum entre os jornais do século XIX, e A Imprensa de Cuyabá seguia por esse caminho em suas edições. O objetivo era proporcionar entretenimento ao público, este que lhe garantiria vendagem de exemplares e assinaturas, assegurando a circulação e a sobrevivência do jornal.

⁶⁷ CAVALCANTE, Brena de Cássia Farias; OLIVEIRA, Danuza Santos de; CAMARÁ, Soraia Cadija Silva; SALES, Germana Maria de Araújo. **Folhetins, miscelâneas e variedades nos periódicos de Belém: espaços de leitura**. Anais da XX jornada GELNE, João Pessoa-PB, 2004.

VARIÉDADES.

ABORRECIAMENTO DE UM SCEPTICO
Aborreço as donzelas pretenciosas que cercocim ovação com a sua cedilha, e que põem carmin nas faces.
Aborreço as casacas que suspiram na ausência dos maridos.
Aborreço as solteiras que choram pela casa própria.
Aborreço as viúvas que choram ainda três mezes depois da morte dos maridos.
Aborreço as viúvas que amoram às ex-condidas.
Aborreço as raparigas que usam de calças, e as velhas que as usam com roscas.
Aborreço os maridos que se recolhem logo ao jantar.
Aborreço os maridos que choram diante do objecto morto.
Aborreço os viúvos que para apagar saudades dão em extravagantes.
Aborreço os jornalistas poeticos que ao serem semi-deuses o querem abraçar o coço com as mãos.
Aborreço os publicistas viciosos.
Aborreço os escriptores massados.
E aborreço finalmente ao homem aborrecido.
Aborreço me a mim próprio.

O RESUSCITADO.
Um comandante das antigas milicias tomamdo infamação a cerca de um soldado que não comparecia ao serviço desde muito tempo, e dizendo-lhe que havia mercedo elle antes adiante do nome: filiceo. Passadas algumas mezes, appareceu o soldado, e não querendo o comandante berrar o livro mestre, apresentou o mesmo; Resuscitou e deu parte de pronto.

O GATO.
Em cima das janelas de certa casa fallava um vidreiro, e por aquelle vão sempre se introduzia um gato da mesma casa. Um brejeiro, todas as vezes que passava por aquella rua, encostava-se á parede, e, frontando a janela, dava uma bofetada no pobre gato, que se recolhia immediatamente. Uma noite de luar a dona da casa deu um cabeço pelo vidro quebrado, e o gato passa o mesmo sujeito, e arrama-lhe uma grande bofetada na nariz.
—O' maroto, desavergonhado! exclamou a mulher cheia de duros; vá dar no diabo?
—Sala! acudia o brejeiro assustado; o gato não.

O BIGODE.
O bigode é particularmente francez desde as cruzadas; foi exclusivamente militar no reinado de Francisco I; ecclesiastico e militar até ao tempo de Luiz XIV; arbitrario neste ultimo reinado; desapareceu quasi totalmente na época de Luiz XV e de Luiz XVI. Por um decreto do anno XIII tornou-se obrigatorio na cavallaria. Em 1821 foi permitido a todos os officiaes e em 1832 a todas as militares. É certo que desde 1839 o seu uso tornou-se quasi geral, e apenas a clero, a magistratura, e os altos funcionarios são d'elle privados ou isentos. Mesmo os inglezes se vão affectando a esta moda, desde o lord até ao ultimo agente da policia. A sua excentricidade não a' isto tem d'ello motivo a scenas divertidas. Por exemplo, ha tempos o contramestre d'uma fabrica da cerveja veio expor ao patrão o desejo, que tinham todos os operarios de que lhes fosse permitido o uso do bigode. Constatto, disse o dono da fabrica, com a condição de que não usem nas horas do trabalho.
Estr.º

AGRADECIMENTO.

Instimamente ponderadas pelas nobres e muy distictas qualidades que exornão a pessoa do meu Sr. Dr. Joaquim de Mattos Telles de Menezes, que na qualidade de 2.º cirurgião do corpo de saúde do exercito, teve a felicidade de posuir em seu gremio; e, como um preito devido á illustração de sua intelligencia superior, nas incerta dessas privações que denotão a xahedoria quando não reconhecer a necessidade, e condições das diversas graduações sociaes; os altoz saugrados, á noticia da sua recinda para a corte do Imperio, resolveo dar-lhe este publico testimonio do apreço que tributo aos seus inextinguíveis sentimentos, e desejando-lhe a mais prospera viagem, custio esperar o post-officio, que meozos ao meio de sua illustre familia, modo o acompanhão as bençãos d' este povo agratido, não esqueço os mezes dos que sustentou aquilatar devidamente a elevação do seu brioso caracter e intrinseco merecimento, e com os q'ues deve contar no numero dos seus mais dedicados e sinceros saugros. No curto periodo que aqui passou, o Ill.º Sr. Dr. Menezes adquirio alicepes que não se apagam; e com a sua retirada deixa nos corações de todos a mais pungente e desalodiada saudade.

- O Major José Felix Bandeira.
O Capitão Joaquim José do Pinho.
O Capitão Manoel Alves Pereira da Motta.
O 1.º Feliciano Calisto Monteiro de Mello.
O Tenente José Estanislau de Pinho.
O Alferes Domingos da Silva Nunes.
O Tenente Antonio Alves Feitosa.
Salvador Jorge da Cunha.
Francisco Pinto d' Arruda.
Damião José Soares.
Manoel Estevão d' Arruda Vasconcellos.

ANNUNCIOS.

—OLEO DE KEROSENE.—

A loja das variedades acaba de receber um grande porção do olio de Kerosene de superior qualidade e um rico sortimento de lampões de diferentes feitios q' se vendem para armazens; lojas, salas e interior das casas: tudo por preços commodos.

Vende-se uma fazenda de criar na margem esquerda do rio Taquary com 2500 roças farradas no curral a 10 cantillo de serviço, grande posse de campo, boa casa de vivenda, plantações, ferramentas, carros e finalmente todos os objectos e utensis proprios para a lavoura e criação do gado; para tratar-se com José Vicente Correa.

Cartas Aditor, roga aos Srs. que tem relógios em sua officina e outros objectos a concertar o favor de procural-os até o dia 15 do mez de Maio como ja por vezes ha annunciado porem passado este prazo, não recebera reclamação alguma e para em venda os ditos objectos para cobrar se das concertos, visto ter de retirar-se da Provincia e não ver-se obrigado a demorar sua viagem pela morosidade que até o presente tem tido os danos dos ditos objectos em reclamal-os.

O abateo assignado participa netamente, que tendo ja os seus credores vindo receber; roga portanto aos devedores hajão de fazer o mesmo sim de não se ver o annunciante obrigado a tomar outras providencias. Cuyabá 25 de Abril de 1864.
Carlos Novelli.

João Maria do Espirito Santo roga por especial favor a seus devedores; a saber: Aquelles que não tem pago no tempo que travarão, virem quando antes liquidar suas contas por que do contrario verdo com disalvar seus nomes escritos por extenso nesta folha. Cuyabá 25 de Abril de 1864.

GUARANA

Na loja de Francisco Xavier Castello rua do Porto Geral vende-se guaraná Malvud de qualidade superior e preço commodo.

O abateo assignado foggo, na noite de 20 para 21 do corrente, o obstrato de nome Joaquim, crescido, de 33 annos mais ou menos de idade, estatura e corpo regular, pouca barba, e extraordinariamente grego, casinha com difficuldade por soffrer de rheumatismo nas juntas dos pes, trazendo sempre os tornozellos inchados; quem apprehender-o ou der noticia exacta, dirija-se a rua da Boa Vista casa n.º 14; e protestar-se com o rigor da Lei contra quem o occultar e o tirar occultado. Cuyabá 25 de Abril de 1864. Ricardo José Rodrigues.

De Augusta Carro da Costa fugitte duas escravas, avade um de nome Volvália, travado de 45 annos mais ou menos d'idade, d'aspecto regular, pouco curto, corporedo, ambedo e cabelo de corpo, tendo falta d'alguns dentes de cima, o outro separada e com alguns de tor vida chagado por d'outro, avade avade por 1000 de fora de dentro que encada-se ao via a farr, lachado e mal encatado; foi visto em que dos maridos da barra de S. Lourenço, e supponha-se que se achava e outro de nome Antonio Afonso de 50 annos e idade, altoz mais que regular, cabelo de cima separado, sem barba, e sem dentes alguns de sua naturalidade ao lachado das ventillas e com uma grande cicatriz em uma das casellas, jupponha favor tomado a mesma destino que o outro.
Qualquer que que se apprehender com 100000 por cada um, assim como prettado se com todo o rigor da lei contra quem os occultar.

AGRADECIMENTO.

O Director da Companhia Equestre, amparado pelos obsequios e attentões que ha concedido ao povo Cuyabano, em sua soma e da mesma companhia, sem tributar-lhe pelo serviço de seu pessoal nos estabulos de cavallão, ao annunciador d'elles e ultima representação no estabulo 20 de corrente depois de qual se retirou á cidade de Poconé, levando captivo e servido por de benévolo demonstração de sympathia que aqui de d'elles prodigalmente, e para generosa protecção que encatado a Companhia Equestre nesta cidade.
Cuyabá 27 de Abril de 1864.
José Marques Ferreira.

CIRCO EQUESTRE E GYMNASICO.

- Sabbado 30 de Abril
ULTIMO ESPECTACULO A BENEFICO DAS JOVENS RITINHA E MARIQUINHA.
1º Entrada da estrala por 6 artistas guialos pelo Joven Estival.
2º Os jogos icaros pelos jovens da companhia no qual fara parte o campeão.
3º Os dois hercules pelos artistas Vicente e Gaciano.
4º O jupon castano executara o trabalho da boia.
5º A joven Mariquinha pela 1ª vez encatara um trabalho a casa de.
6º O joven José Teixeira despenhará o trabalho da percha.
7º A joven Mariquinha encatará em agradecimento ao respeitavel Publico a Caxua.
8º A joven Ritinha executará a scena da Jardineira.
9º A scena do visita circolo pelo artista Antonio Marques.
Tip. de S. Neves & comp. n. Av. n. 52.

Figura 06: Variedades na 1ª coluna, à esquerda Ed. 276 – 29/05/1864 – p.4

1.6. CORRESPONDÊNCIA

Nos jornais do século XIX havia um espaço reservado para a publicação de cartas de leitores da própria localidade ou de correspondentes de áreas distantes, que promoviam a difusão de informações e notícias entre os jornalistas da época, que por sua vez, repassavam o conteúdo para a população através dos veículos de imprensa. Por mais que não possuísse espaço fixo, costumava ser publicada na Imprensa de Cuyabá, na terceira ou quarta página, na maioria das vezes endereçadas “aos Srs. Redactores”.

Sendo uma seção importante, epistemologicamente, para historiadores de linguagem e representações por revelar características de mudança e permanência de símbolos sociais e constituições da língua ao longo do tempo.

Em referência a este último, salientou Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade⁶⁸ ao estudar formas diacrônicas de linguagem e a interatividade interlocutor/receptor em correspondências publicadas em jornais oitocentistas de São Paulo:

A carta é o gênero discursivo preferido por pesquisadores que se dedicam aos estudos diacrônicos da língua devido à sua proximidade com a oralidade. Por meio dela pode-se pesquisar a evolução do próprio gênero carta, sua função em épocas distintas, além de verificar seu papel no desenvolvimento ou (re) criação de outros gêneros. Nesse sentido, a carta pode ser analisada como um gênero que revela uma tradição discursiva da língua portuguesa no Brasil, evidenciando uma reorientação, adaptação ou mesmo mudança ao longo do tempo.

Neste sentido, o livro *Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX*⁶⁹, organizado por Afrânio Barbosa e Célia Lopes, baseou-se em cartas de leitores publicados em 114 jornais oitocentistas de, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro, e propôs “*uma investigação coordenada sobre os caminhos da língua portuguesa no Brasil sob três perspectivas principais: 1) Organização de corpora diacrônicos com variados tipos de textos manuscritos e impressos; 2) Mudanças linguísticas; e 3) História Social do Português do Brasil*”.

Além dos aspectos teóricos/temáticos apontados acima, correspondências publicadas em jornais das Províncias do Ceará, Maranhão, Pernambuco e bahia, foram usadas por Fabiana Sena, Larisse Lima de Sousa e Bianca Machado de Oliveira, para compor um estudo⁷⁰ de história da instrução pública. As autoras buscaram “identificar, inventariar e classificar” o conteúdo de cartas de profissionais ligados à educação, método de pesquisa que buscamos implementar, na medida do possível, ao estudar as

⁶⁸ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de. **Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas**. Forma e Función, Vol. 23, nº 2, 2010.

⁶⁹ BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia(Orgs). **Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX: cartas de leitores**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.

⁷⁰ SENA, Fabiana; SOUSA, Larisse Lima de; OLIVEIRA, Bianca Machado de. **A imprensa no Nordeste brasileiro: correspondências sobre instrução pública como fonte e objeto de pesquisa**. Interfaces Científicas, Aracaju, Vol. 5, nº2, p.91-104, FEV, 2017.

representações de escravos contidas nas páginas de A Imprensa de Cuyabá, e que serão apresentadas mais a frente. Todavia, o trabalho supracitado evidencia a abertura de caminhos de pesquisa histórica através de jornais oitocentistas, especialmente, da população letrada, proveniente de elites locais, e de suas representações e práticas cotidianas.

Ademais, no âmbito das Representações, Roseane Arcanjo Pinheiro e Antonio Hohlfedt⁷¹ se propuseram a analisar os discursos do jornal O Conciliador do Maranhão, que circulou na primeira metade do século⁷², através da seção de correspondências desse periódico. Encarando o jornalismo como “*fenômeno cultural, uma construção simbólica sobre o mundo imediato, que envolve a atuação histórica de uma instituição e dos sujeitos numa dada realidade*”, os autores chegaram a seguintes conclusões:

As questões reforçadas no discurso da folha maranhense apontam para: a) O impresso como espaço de defesa do projeto político do governo da província, que buscava a manutenção dos laços com Portugal b) o jornal como lugar para respaldar reputações, principalmente dos comerciantes e c) O jornal enquanto interlocutor que vai receber comentários, reclamações ou pedidos de esclarecimento.⁷³

E quanto ao perfil daqueles que publicavam, apontam que:

As representações sobre o leitor, autor das cartas, nos remetem geralmente a sujeitos alinhados ao projeto político do jornal. Estavam relacionados, em sua maioria, às camadas de maior poder político e econômico da província: eram homens, que exerciam funções diversas, eram militares, comerciantes, funcionários do governo e proprietários.⁷⁴

Em outro trabalho com cartas publicadas em jornais oitocentistas, Maria Gêssica Romão da Silva publicou dissertação⁷⁵, na qual, destacou que “*a imprensa se caracterizou como um importante espaço de debate no período do Império*”, ou seja, refere-se ao papel do discurso jornalístico, como (in)formador de opinião pública, instrumento de representação de valores de grupos e indivíduos, reiterando que:

⁷¹ PINHEIRO, Roseane; HOHLFELDT, Antonio. **Jornalismo e discurso: as representações sobre o leitor nas páginas de O Conciliador do Maranhão**. Revista Observatório, Universidade Federal do Tocantins, Vol. 3, nº1, JAN-MAR, 2017.

⁷² Embora abrangendo período divergente da delimitação cronológica desta pesquisa, é interessante a observação dos aspectos metodológicos, de temas e conclusões, alcançadas por R. A. Pinheiro e A. Hohlfeldt, como exemplos de uso e tratamento de fontes.

⁷³ PINHEIRO, Roseane; HOHLFELDT, Antonio. *Op. Cit.*, 2017.

⁷⁴ PINHEIRO, Roseane; HOHLFELDT, Antonio. *Op. Cit.*, 2017.

⁷⁵ SILVA, Maria Gêssica Romão da. **Correspondências de professores: representações e práticas docentes nos jornais da Paraíba Imperial (1864-1889)**. DISSERTAÇÃO (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

A relação estreita entre a carta e o jornal no período do Império faz-nos pensar no objetivo comum entre ambos, Inserida nos jornais, as cartas também primavam pelo ideal de formar a opinião pública... se sobressaíam as notícias de caráter opinativo e, pautadas em interesses políticos, os jornais difundiam seus ideais, mostrando-se contra e a favor do governo.

Enfim, diante das considerações, apontamentos, e exemplos temáticos apresentados, podemos conceber a seção de correspondências como fonte privilegiada para o desenvolvimento de estudos históricos, por um lado, pela análise de conteúdo linguístico das cartas publicadas, e por outro, pela investigação acerca dos sujeitos publicadores dessa espécie de material, bem como pela identificação de suas práticas e representações da sociedade em que estavam inseridos.

queriam introduzir na nova lei o germen do voto universal, isto é, o germen da anarchia, ou do despotismo, como elle prophetisava, e como se realisa effectivamente em 1848. O Marquez de Parahy trouxe lutz roinhada com as influencias, que não queriam abdicar em favor do bem publico. Ambos conseguiram parte de seus intentos, mas ambos consumiram a força vital nesse litar intenso, contra a obstinação das sedições e das resistencias parlamentares. Ambos contrahiram maleszias mortaes nas violentas agitações do governo, e ambos morreram sendo ainda primeiros ministros. Ambos foram acompanhados ao tumulo por tudo quanto havia de honroso e illustrado em Paris e no Rio de Janeiro.

Por esta resenha comparativa das qualidades deus duas honras d'Estado; da identidade de circunstancias em que se acharam, e dos obstaculos que se oppozeram a seus boas despois governativas, e até pela similitude deus causas que os levaram ao tumulo, poderá inferir o leitor que alguma razão nos assistia para affirmarmos que não conheciamos duas honras mais parecidas. Se a França liberal tem com esta razão orgulho d' este seu primeiro ministro, conservemos tambem grata memoria do nosso grande estadista, que nos quiz dar a realidade da representação nacional, e a verdade da constituição e do governo representativo, por meio de uma lei analogo aos principios à que referendou o ministro francez.

Manifestamente as leis eleitoraes censitarias francezas são inapplicaveis ao nosso estado social. Qual dos nossos politicos se resignaria a ser deputado sem subsidio algum? E fora desses, onde honras habilidosos para as importantes funcções de legisladores?

Esta só consideração basta para mostrar que as legislações das nações que dão em ultimo resultado stream gratuitas as funcções legislativas não podem ser adoptadas no Brazil; e por isso, omeio o principio da lei franceza, escusado seria occupar-nos com as leis que impõem o mesmo preceito em outras nações.

O mesmo, porém, não succede com a lei que actualmente rege em Portugal a eleição directa, censitaria e limitada. É esta a ultima lei eleitoral promulgada na Europa, e seus autores parecem ter aproveitado os mais recentes trabalhos praticos e experimentativos, a respeito de legislação eleitoral directa, e censitaria.

Entendemos tambem que a lei deus estipulações se tornariam applicaveis em maior numero, *malis mutanda*, is nossas circunstancias.

É estorvo—á quasi um código, mas a-nha paciencia o leitor. A questão que exactamos é: em nosso pensar, a mais vital para o Brazil na actualidade. A riqueza da nossa provincia, de que pouco ou nada se trata, suas forças productoras, não podem augmentar; e occupando-se todos com politica e eleições, ninguém indica ao meos o meio pratico de augmentar essas forças, ou de aproveitar melhor as poucas que temos. Com a tranquillidade real e duradoura da provincia pinguem conto, em quanto os influencias dos actuaes partidos, ou de fracções de partido, podarem lançar mão da energia da exclusão que lhes ministra a eleição indirecta. Todos temos filhos, e raro é o nosso leitor que não tem que perder: excitar paixões partidarias é tarefa facil á qualquer escriptor que se dirige á secções predispostas, mas nós, que só queremos convencer e fazer mudar de creações errôneas, precisamos que os nos-

* Ver-se o Appendix.

soz leitores se dêem ao trabalho de meditar e de estudar. Não queremos que nos acreditem pela nossa palavra, porque assim não teriam minima correição pessoal, e não ficariam, como nós, algemados pela consciencia à creança na eleição directa, como meio de salvação publica.

O vello Portugal tambem lutou contra os males inherentes, e por todo parte insuperaveis, da malfadada eleição indirecta. Bom puzer eleições deste genero bastaram para convencer os honras d'Estado e todos os cidadãos honestos que, por semelhante methodo eleitoral, nunca haveria socego publico nem verdadeira representação nacional.

Detalhe a carta constitucional exigia do votante primario a renda de duzentos mil reis para ter direito ao electorado. As facções, que tinham todas a carta na bocca, e com uma a tinha verdadeiramente no coração, annullavam de sua propria autoridade o preceito constitucional; e affirmamdo que não havia offeito que não tivesse esta renda, converteram o voto prevalentemente condicional da carta em voto universal, contrario à letra e o espirito da carta.

Quase sejam os defeitos desse voto universal já nos vimos, durante o seu reinado em França.

Felizmente ninguém queria em Portugal como estamos persuadidos que ninguém quer no Brazil, tão frouxos offeitos. Facil se tornava por isso a reforma da lei, sendo, como ora, manifestos a impossibilidade de serem executados os seus preceitos, no que devia respeito á determinação do censo que dava direito ao electorado primario; o resultando da não-execução de tão sabios preceitos não haver realmente representação nacional, mas representantes de facções diversas, que geralmente antepunham seus interesses ao bem publico.

Um só facto bastaria para mostrar até onde ia já em Portugal em tão pouco tempo a má influencia do voto universal. Nussa a lei nem as actualidades consequiram no uso de redes varredouras para pescar no Tejo. É obvia a razão dessa prohibição. A rede varredoura traz do fundo do rio as lençoes que estão pondo, e as peixes recém-nascidas, dentro os ovos, e acaba em pouco tem, o com o peixe dos rios.

Os pescadores, em quem os agencias electoraes declararam provada a renda exigida pela carta, foram a todos apes para o electorado; e vendo elles, com o bom senso pratico d'aquella pátria gente, que toda aquella especialção eleitoral da sua terra redundava em proveito exclusivo dos agencias electoraes e de seus patronos, emendaram, bem contra seus verdadeiros interesses, mas emfim entes foram, que tambem elles deviam ter um quinhãozinho na banqueta eleitoral.

Impozeram, pois, aos agencias das facções como condição de seus votos primarios, a permissão de pescar no Tejo com redes varredouras. Que é que uma facção não concede para obter electores favorecidos a seus interesses? Concluiu-se o mercado, e o que mais á, executou-se. Não obstante ter sido novamente prohibido semelhante modo de pescar, que tão fustoso se tornou á pobreza de Lisboa, cujo principal alimento era esse peixe, nunca mais o Tejo foi abundante de peixe, como era d'antão; e o historiciador romano não podia dizer hoje com a verdade que o disse, ha mais de deus mil annos, *pietas Otysippe*.

Em verdade, esse voto irracional parece fustoso até a organização animal. Em França deturvou a raça nacional, duni-

suindo a estatura dos honras; no Tejo ia dando cabo na raça dos peixes.

Poi por este e outros factos mais graves e analogos nos que se dão neste nos, que se promulgou a lei, cujo texto principaremos a publicar no proximo artigo.

CORRESPONDENCIA.

Villa Maria 13 de Setembro de 1863.
Srs. Redactores.

Pela sua conceituada imprensa em nome de todos quantos são victimas possu a Vm^{ta}, chamem a attenção das autoridades competentes da provincia para que comparemly-se de nos outros ol do centro prouidenciano de maneira que os estatutos logo que forem despachados dessa cidade para esta Villa li nos dias cinco e seis de cada mes, não porem seis e oito dias mais logo a quem d'essa cidade (varia grande), em festadões e outros pagodes, dando assim logie a aqui nos só receberiamos nossa correspondencia vinda da corte e dessa cidade nos vezes com desaito e vites dias de resposta! por ventura, nós por termos filhas da Villa Maria não tomamos negocio com a corte e essa capital!

O meio de facilitar as communicações não é uma coisa que tanto o Governo Imperial tem procedido melhorar? Catin pois em Mato Grosso os estatutos gastos vinte dias para andarem quarenta leguas, ao passo que nos mais provincias do Imperio, são stringidos a andarem oito leguas por dia, quando não provarem molestias! Já nos faz falta o Sr. Peixoto de Azevedo, que quando os estatutos gastarem mais de dez dias, mandava uma patrulha esperal-os a entrada da Villa e os fazia entrar para o saizres do quartel.

A eleição para electores, terminou-se como ja saberão os leitores.

O Sr. João Carlos Pereira Leite acaba de provar o seu patriotismo com a prompção do edificio destinado para armarçoz de artigos bellicos, com o qual não gustaria menos de seis contos de reis, segundo ovi dizer por um dos escriptores do exame e avaliar a obra, o qual creio que ficou a custodia do Sr. Coronel Portela, que nomeou a commissão de examina composta dos Capitão Deschamps, Costa Magalhães e Francisco Pinto de Arruda.

Fofo electores desta Parochia na ultima eleição: Srs. Capitão Luiz Benedicto Pereira Leite, Tenente José Maria de Pinho, fazendeiros José Augusto Pereira Leite, Joaquim José da Silva e o Rev^{to}. Capellão Capitão Padre F. P. de M. Jardim.

Já lecio sciencia do poema que compoz o Tenente dos Caçadores Feliciano Caliope, por elle re-se a triste descreção do partido liberal.

O dia 7 de Setembro aqui passou-se este anno, como sempre, com pouca concurrencia no Te-Deum, uma guarda de honra a porta da matriz, vites (dados pelo Comandante dos Caçadores) e finalmente uma illuminação.

Já que fallei em quartel cabi-me aqui dizer que os Officiaes das Caçadores vivem de cabeça baixa a mor parte; pois estão com quase tres mezes de soldos vencidos. Com effeito elles tem razão, pois é o unico meio para subsistirem, sem soldo como passará elles aqui onde tudo é tão caro!

Aqui chegou a 27 do mez findo, o Doutor Juiz de Direito da Comarca para installar o jury, que se reunirá amanhã, mas como não ha processos algum para entrar em julgamento creio que findará amanhã mesmo.

Figura 07: Trecho da seção Correspondência na coluna 3. Ed.246 – 01/10/1863 – p.3

1.7. A PEDIDO

Esta seção costumava ser publicada na terceira ou quarta páginas de A Imprensa de Cuiabá, de acordo com as necessidades de editoração ou extensão da publicação, e trazia temas diversos, relacionados a avisos, comunicados, denúncias ou artigos de opinião. “*Os textos tinham o formato predominante de artigos que expressavam as opiniões dos assinantes e dos não-assinantes. Os artigos eram pagos e podiam ocupar várias colunas e até várias páginas*”, é o que relata José Alcides Ribeiro⁷⁶ em artigo apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. E chamamos a atenção ao fato que esta prática também ocorria em Cuiabá.

Sobre a finalidade e o papel da presente seção Roseane Nicolau⁷⁷ sustenta a concepção de que:

O Apedido, gênero impresso encontrado nos jornais brasileiros do século XIX, faz parte de um espaço discursivo publicitário que visa à divulgação de um fato de forma pública ou, ainda fazer circular uma informação uma diversidade de textos de denúncias, avisos, comunicados, etc.

E ainda atenta para a função social de utilidade pública dessa categoria de publicações nos jornais oitocentistas:

Era apenas por meio dos jornais do século XIX que circulavam informações ou a promovia a venda de produtos e de serviços uma vez que não existiam ainda no nosso país outros meios de comunicação de massa. Dessa forma, pudemos apreender aspectos linguísticos e sociais de uma comunidade discursiva do século XIX representantes de um contexto, de uma forma de vida social.

Nesta acepção, ainda que os trabalhos relacionando a seção A Pedidos como fonte histórica sejam poucos, o historiador que se debruçar sobre esse tipo documental pode constituir-lo num sublime referencial epistemológico, afinal, estes textos produzidos pela comunidade local deixam transparecer costumes de época, sendo que, os discursos empreendidos nas publicações apresentam-se como reflexos da prática cotidiana.

⁷⁶ RIBEIRO, José Alcides; ARAÚJO, Regina Lúcia de; GONÇALVES, Maria das Graças; OLIVEIRA, Éris Antonio de. **Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde, Marmota Fluminense e O Estado de São Paulo**. III Colóquio Multitemático em Comunicação, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SET, 2008.

⁷⁷ NICOLAU, Roseane. **Estudo dos apedidos presentes em jornais paraibanos do século XIX sob a ótica da Teoria da Enunciação**. Revista eletrônica Temática, Ano VI, n. 04 – ABRIL, 2010.

Contudo, em nosso caso, a importância das publicações a pedido dos leitores de A Imprensa de Cuyabá se dá pelo fato de nos apresentar variadas peças utilizadas na diagramação de nosso mosaico de seções, especialmente, na medida em que descortina aos olhos do historiador sucessivas escalas do conhecimento sobre aspectos socioculturais, constituintes de uma sociedade cuiabana escravocrata e multifacetada. Neste sentido, tomamos de empréstimo para este trabalho o princípio organicista do pensamento de Giovanni Levi⁷⁸, ao tentar

...Não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral. Em uma ciência frágil em que, se a própria experimentação não é impossível, aquele aspecto de experimentação envolvendo a capacidade de reproduzir as causas está excluído, mesmo as menores dissonâncias provam ser indicadores do significado que podem potencialmente presumir dimensões gerais.

Entretanto, cabe a ressalva de Carlo Ginzburg⁷⁹, ao atentar que:

Em nenhum caso a micro-história poderá limitar-se a verificar, na escala que lhe é própria, regras macro-históricas elaboradas noutro campo. Uma das primeiras experiências dos estudiosos de micro-história diz realmente respeito à escassa e por vezes nula relevância das mutações de ritmo elaboradas em escala macro-histórica. Daí a importância decisiva que assume a comparação.

Dessa maneira, ao estudar as publicações a pedido de A Imprensa de Cuyabá podemos verificar acontecimentos como a chegada de um representante qualquer de uma ordem mística misteriosa(figura 15), ou ainda, o caso de um extravio documental sem grandes complicações para a administração pública(figura 14), como partes integrantes de uma mesma cosmologia social, ou seja, como componentes representativos de uma sociedade capitalista escravocrata no Império do Brasil.

⁷⁸ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter(Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

⁷⁹

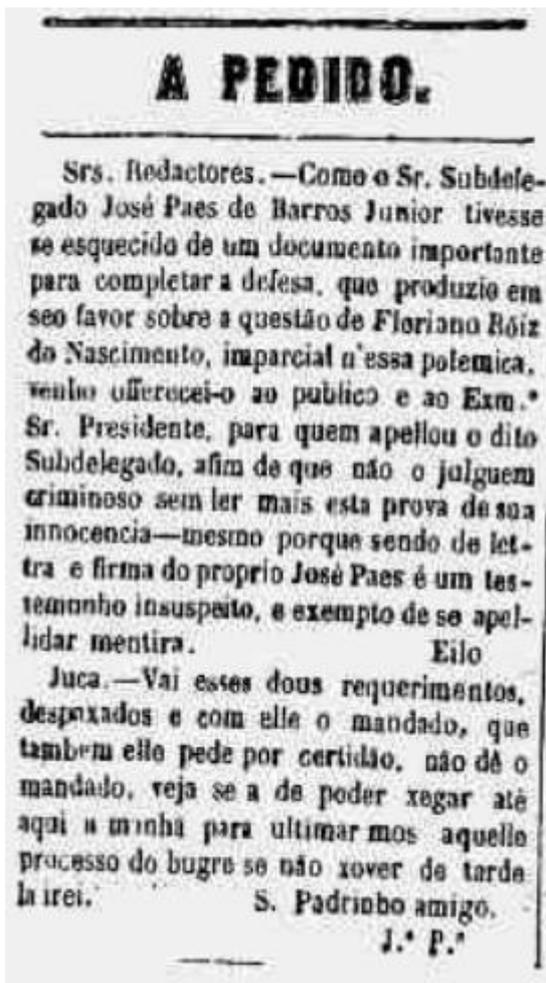


Figura 08: Ed. Nº 210 – 18/01/1863 – p.4

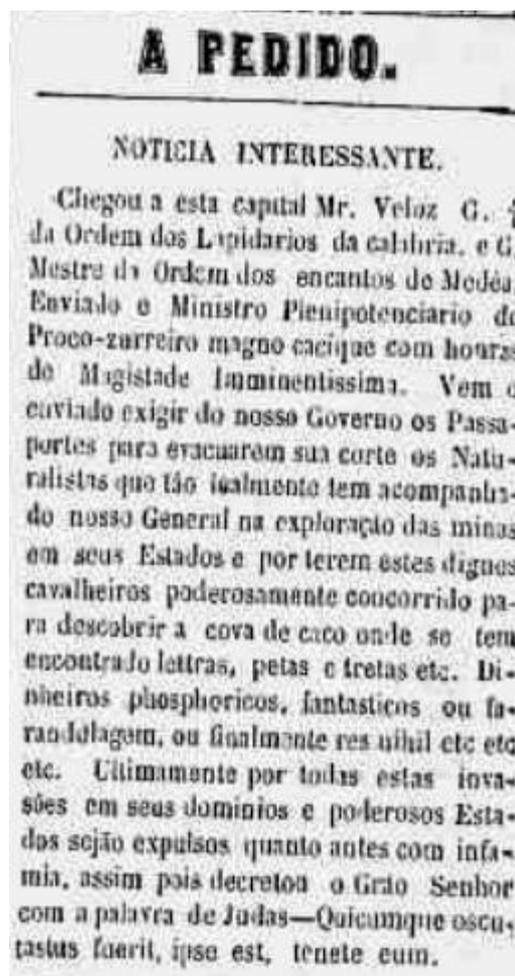


Figura 09: Ed. Nº 260 – 07/01/1864 – p.3

1.8. OBITUARIO

As notícias sobre óbitos também eram publicadas no jornal em uma seção específica para este fim, ordinariamente, na terceira ou quarta página, sua periodicidade era estabelecida para o começo do mês, elencando os falecidos no mês imediatamente anterior. Trazia em seu conteúdo, nomes, idade, causa da morte, condição sociorracial (branca ou negra/escrava), e eventualmente, filiação, profissão, nacionalidade e naturalidade. Sendo que, sua utilização como fonte de pesquisa ainda é bastante inexplorada.

Os autores Angélica Szeremeta e Alfredo Cesar Antunes⁸⁰ ao se debruçar sobre obituários publicados em um jornal, já do século XXI, de Prudentópolis-PR, se dispuseram à tentativa de compreender “*como o conteúdo dos obituários remontam um conjunto de sentidos simbólicos e culturais referentes à representação das práticas lúdicas realizadas por homens e mulheres, descendentes de imigrantes ucranianos(as) a partir dos próprios relatos construídos e partilhados pela referida comunidade através do obituário*”. E quanto à forma das publicações, apontam que:

Os moldes desta produção remetem aos primórdios da confecção do obituário nos Estados Unidos (não se pode deixar de mencionar também o pioneirismo inglês) do século XIX, onde são produzidos pelos familiares e pessoas próximas ao falecido. Também difere-se dos necrológicos, pois não são pagos para entrarem no jornal, tendo como função primordial registrar a vida do falecido. Entende-se essa produção como textos de obituários pelo seu caráter noticioso, por não possuir vínculo publicitário na publicação, além de ser a própria denominação do jornal feita para caracterizar os referidos textos.

Cabe ressaltar que o trabalho dos autores em questão, mesmo remetendo a um período demasiadamente distante do século XIX, aponta para questões de ordem temática e teórico-metodológicas quanto às possibilidades de pesquisa acerca da seção de obituários, sendo que, notadamente, reconhecem a incipiente produção historiográfica abrangendo este material, e advogam em causa do crescimento de estudos relacionando questões históricas presentes nessas fontes.

Outro trabalho que busca compreender representações acerca da seção de obituários oitocentistas é o de Elyonara de Brito Lyra Targino e Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano⁸¹, em que analisam a “*percepção das doenças através das publicações dos jornais, através de notícias, anúncios ou obituários, problematizando as ações do governo e o discurso médico atuantes na Paraíba do séc. XIX*”. Ou seja, temos aqui um exemplo do que poderíamos chamar de História das doenças e suas

⁸⁰ SZEREMETA, Angélica; ANTUNES, Alfredo Cesar. **Jornalismo e representações sociais: Proposta de estudo sobre práticas de lazer e questões de gênero a partir da análise dos obituários do Jornal Pracia**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires – Ano 21, nº218, JUL, 2016.

⁸¹ TARGINO, Elyonara de Brito Lyra; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **As doenças virando notícias: os discursos sobre doenças na imprensa da Paraíba (1850-1860)**. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB, v.17, n.1, 2016.

relações socioculturais, estabelecida em gênese, com base nos discursos da imprensa paraibana do século XIX.

Em nosso caso, voltaremos a abordar questões relacionadas às condições de salubridade da população escrava no **capítulo 3**, onde utilizaremos A Imprensa de Cuyabá como fonte para estudar o histórico de doenças que acometiam essa população na década de 1860 na capital da província de Mato Grosso.

Em conclusão, queremos também chamar a atenção para as possibilidades historiográficas da utilização da seção de obituários, afinal de contas, este rol de fontes carregam em seu conteúdo informações sobre práticas sociais relacionadas à imprensa como instituição pública e seus discursos, bem como das condições sociais relacionadas à população e seu estado de salubridade. De maneira que, paradoxalmente, o historiador ao reduzir seu escopo epistemológico voltando-se para uma casta de fontes tão efêmeras, do ponto de vista da sua relação com a eventualidade, pode ampliar o conhecimento histórico associado a determinados grupos populacionais, como o de escravos ou de brancos, e os indícios sobre as condições de vida desses grupos, bem como, suas representações sociais em períodos deliberadamente delimitados do tempo.

OBITUARIO,

RELAÇÃO DAS PESSOAS FALLECIDAS NESTA CIDADE E DISTRICTO DE PEDRO 2.º DURANTE O MEZ DE OUTUBRO P. FINDO.

• 1 Maria de Assumpção, natural desta Cidade, 30 annos, *Metro herético*.

• 2 Maria de Brito, brasileira, 36 annos *Tuberculos pulmonares e gastro-hepato-intest.*

• 3 José, 8 dias, escravo, *Cumulação*.

• 4 Juvenal Manoel brasileiro, 21 dias, filho de Maria Lúcia Cuba de Moraes, *bronchite aguda*.

• 5 Manoel, reconhecido, filho de Manoel de Sá Santos e Albuquerque, *Asphyxia*

• 6 Rosa Gomes da Silva, brasileira solteira, 32 annos, *Cancro do estomago*.

• 7 José, escravo do R. C. de São Paulo, africano 48 annos, *Gastro-hepato-intest.*

• 8 Joaquim Gonçes Jacum, natural da Bahia, 65 annos, *Gastro-hepato-hepático e delirio tremens.*

• 9 Maria, casada, 30 annos, brasileira, *Pulmonia*.

• 10 Isabel, filha do Antonio Maria de Campos, 7 annos, *Aemia*

• 11 Maria, filha da escrava Benedicta do Tenente Coronel Albano de Souza Otavio, 15 dias, *Aemia*

• 12 Anacleto, escravo do Dr. Jozeff, *Pulmonia*

• 13 Felizardo Lopes, indio, 86 annos, *Memingite*

• 14 Faustino Pereira, solteiro, 60 annos, brasileiro, *retenção de urina*

• 15 Maria filha de Germsina escrava de Mariana Xavier de Siqueira, 9 horas *Cumulação*.

• 16 Salvador de Toledo, tambor mor reformado, 70 annos, *Paralysia subseqüente a syphiles, incoerada e cecilia*.

• 17 Martinho, brasileiro, 70 annos, *Febre pernicioso*.

Maria, reconhecida, filha de Geralda escrava, *Aphyxia*.

• 18 Antonio, filho de Antonio Henriques de Araújo, 2 mezes, *Enterite aguda*

• 19 Victorina Maria da Conceição, 60 annos, brasileira *Cancro uterino*.

• 20 Benjamin, escravo do Tenente Coronel João Guilberto de Matos 7 annos, *Aphyxia por submersão*.

• 21 Maria Ricarda, escrava, 4 annos, *Catharro*.

• 22 Florinda, escrava, 20 annos *empingico*.

• 23 Jacintha do Espirito Santo Vieira, brasileira, 37 annos, casada, *Tuberculos pulmonares*.

• 24 Manoel, filho de Semplicia Maria da Conceição, 4 annos, *febre pernicioso*.

• 25 João, filho do Capitão João de Albuquerque e Silva, 2 annos, *Tuberculos mesentericos pulmonares*.

• 26 Manoel José de Carvalho, brasileiro, 36 annos, *owerringo*.

Secretaria da Policia em Curitiba 1 de Novembro de 1864.

O Secretario
de Curitiba de Curitiba

Figura 10: Obituário, coluna 3. Ed. 303 – 02/11/1864 – p.4

1.9. ANNUNCIOS

A seção de “anúncios” era de maneira comum uma fonte complementar de renda dos jornais no século XIX e revelava representações e práticas da sociedade escravista brasileira, como podemos observar para compor o mosaico proposto para este capítulo. Essa seção costumava ser impressa na última página dos jornais, sendo que, o custo de um anúncio era de \$50 réis para assinantes e \$100 réis para não assinantes.

Nesses anúncios podemos perceber detalhes, em anúncios sortidos e misturados, sobre a moda vigente, manifestações culturais, efeitos e práticas influenciadas pela ação de conflitos como o da Guerra do Paraguai, e ainda, perceber a presença de escravos, objetos de maior interesse para a realização da presente pesquisa, nesse espaço predominantemente branco, da “Anúnciologia”⁸², para usar o termo cunhado por Gilberto Freyre em trabalho específico sobre o assunto.

Por conseguinte, Freyre destacou na introdução à primeira edição de *O escravo nos anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, que:

São os anúncios de escravos à venda sociologicamente interessantes pelo que sugerem das atividades dos anunciantes – brasileiros da cultura e da etnia dominantes – para com os valores físicos, econômicos, culturais – representados por indivíduos da cultura e da etnia dominadas. Relações que não deixavam de implicar avaliações de qualidades de corpo e de comportamento de indivíduos servis, pelos senhoris.⁸³

É neste sentido que enfatizamos a importância de lançar os holofotes da historiografia sobre as seções de *A Imprensa de Cuyabá*, em especial neste momento sobre a seção de Anúncios, sendo essa uma das seções mais exploradas⁸⁴ por historiadores devido ao seu potencial como fonte de informações sobre as sociedades do

⁸² Fonte: FREYRE, Gilberto. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. 1ª edição digital. São Paulo, 2012.

⁸³ FREYRE, G. *Op. Cit.*, 2012, Introdução à 1ª edição.

⁸⁴ Indicações de leitura: DIAS, Elaine Cristina Jorge. **Retrato falado: o perfil dos escravos nos anúncios de jornais da Paraíba (1850-1888)**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, MAR, 2013. ; JESUS, Antonio Marcos Cardoso de. **O corpo escravo: suas condições físicas e de saúde nos anúncio de fuga do jornal A Matutina Meiapontense(1830-1833)**. Universidade Federal de Goiás, Jataí, SET, 2016. ; AMANTINO, Márcia. **As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio(RJ) em 1850**. In: Revista História, Ciência, Saúde, Manguinhos-RJ, v. 14, n. 4, OUT/DEZ, 2007.

passado. E mesmo que nosso objetivo aqui não seja analisar profundamente a sociedade cuiabana, é importante reconhecer o papel histórico agregado aos anúncios em questão.

Freyre destaca também que:

Nos anúncios de escravos de jornais brasileiros do século XIX, percebe-se a valorização dos escravos de tipo físico e de características culturais mais semelhantes aos da população culturalmente dominante. Pelo menos quando eram escravos destinados ao serviço doméstico: a pajens e mucamas, sobretudo. É evidente que, tratando-se de escravos destinados ao serviço agrário ou ao agropastoril, os preferidos eram os que representassem principalmente força ou vigor para o trabalho físico, independentemente de seus traços físicos ou de seus características culturais se assemelharem aos da população culturalmente dominante. Tais virtudes são por vezes acentuadas nos anúncios de escravos à venda: acentuadas ou mesmo exageradas.⁸⁵

A seção de que tratamos aqui pode ser comparada ao que cumpre seu papel, à seção de classificados de jornais dos séculos XX e XXI, nela se podia encontrar uma sortidade de produtos como vestuário, sapataria, penteado, móveis, imóveis, transporte, higiene, gastronomia, livros, arte, e de escravos, que são nosso objeto central de estudo. Neste sentido, é de se espantar o leitor do século vinte como se pode apreender uma enorme série bem descrita nesses anúncios dos atributos de ordem física, cultural e comportamental dos negros, os quais eram oferecidos como “dóceis”, “obedientes” para compra, venda e aluguel, ou retratados como “feras”, “bestas”, nos anúncios de fuga, nos jornais dos oitocentos. Em Cuiabá não se fazia de modo diferente.

Por outro lado as publicações da seção de anúncios permitem responder algumas questões levantadas por Amâncio Cardoso⁸⁶, por exemplo, como eram representados os escravos pelos seus senhores? Que atributos eram impingidos aos cativos? Que imagens eram construídas sobre a escravaria?

E conseqüentemente, Cardoso argumenta que:

Tais anúncios, além de descreverem o porte físico dos fugitivos, para facilitar sua captura, traziam alguns caracteres morais ou retratos d’alma, conforme, é óbvio, a perspectiva dos proprietários. Desta forma, obtêm-se alguns traços dos escravos imaginados pelo senhor. As peculiaridades, assim, compõem um patrimônio de imagens. Tal acervo, portanto, alude ao grau de humanidade que se vislumbraria nos cativos.

⁸⁵ FREYRE, G. *Op. Cit.*, 2012, Introdução à 1ª edição.

⁸⁶ CARDOSO, Amâncio. **Perfis de Escravos: Sergipe, século XIX**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

As peculiaridades dos anúncios de jornais foram exploradas por Débora Cristina Tavares e Laura Burttet⁸⁷, as quais pretendiam apresentar “considerações do aspecto histórico da sociedade cuiabana” e pretendem fazer “um passeio pelos costumes de cada época(de Cuiabá)” e buscam revelar “hábitos e costumes” da população cuiabana. Neste sentido, é importante ressaltar que as autoras estabelecem um recorte que vai desde a segunda metade do século XIX e vai até o fim do século XX. Todavia, seu trabalho reitera a relevância da seção de anúncios como fonte de pesquisa para o estabelecimento de uma compreensão histórica da sociedade de Cuiabá.

Dessa maneira gostaríamos ainda de ressaltar, em consonância com Heloisa Souza Ferreira, tendo como objeto anúncios de compra, venda e fuga de escravos, que “além das qualificações(laborais) os anúncios prescrevem características como: nome, idade, cor, sexo, profissão, estatura e características físicas, o que nos permite traçar um perfil dos escravos que fugiam e dos que eram comercializados”, ou seja, esses anúncios podem se constituir como um celeiro para os historiadores, especialmente, para a História Cultural pois permitem reconstituir representações e práticas sociais de uma época, temática que tornaremos a abordar com mais profundidade nesta dissertação.

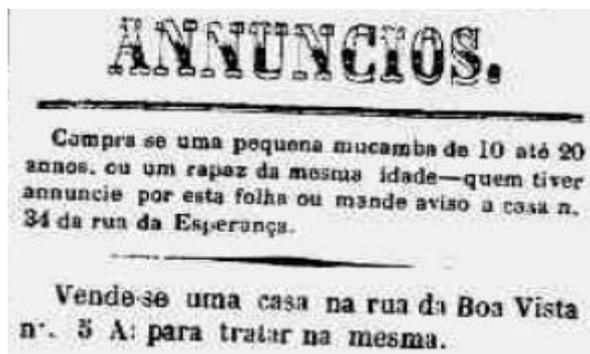


Figura 11: Ed. 89 – 03/02/1861 – p.4

⁸⁷ TAVARES, Débora Cristina. PAIVA, Laura Burttet. **Cuyaba em Anuncios**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, Guarapuava-PR, Abril de 2011.

ANNUNCIOS.

N.º 20—Rua Direita—N.º 20

Miguel Spyer & irmão tendo de retirar-se para o Rio de Janeiro offerece um sortimento de fazendas e lavradas de ouro, a venda em receitas, e a varejo por preços assos commodos. Cuiabá 7 de Julho de 1863.



Ao abaixo assignado fugio a 15 de Maio do corrente um escravo de nome Francisco de nação cassango, idade de trinta a quarenta annos, estatura baixa, cor preta, com dentes limados, pouca barba, tem um carocinho na testa que pouco se percebe, uma orelha furada para pôr bixa, as pernas acambadas, pés pequenos, é bem amante d'aguardente: quem o prender e levar a casa n.º 63 da rua Bella do Juiz será bem gratificado, assim como protesta por este contra quem o houver acontado. Cuiabá 1 de Julho de 1863. Joaquim da Costa e Faria.

Figura 12: Ed. 234 – 09/07/1863 – p.4

ANNUNCIOS.

LOJA DAS VARIEDADES.
RUA DIREITA N.º 13.

Grande sortimento de luvras frescas de Jouvin, ditas de camurça, ditas de seda branca e preta, sapatos e botinas de setim branco, ditas unfeitadas, ditas gaspeadas para senhoras e meninas, ditas de verniz e de couro para homem, sobrecasacas de panno, ditas de casemira pretas e de cores, calças de casemira preta e de cores, paletós de alpaca de palha de seda e de brim branco, camisas e calças do riscado, um completo sortimento de perfumarias finas da sociedade hygienica, e uma infinidade de objectos de novidade: vende-se por atacado e a varejo pelos preços mais commodos que é possível.



Carlos Augusto Adór, relojoeiro, avisa ao respeitavel publico e especialmente a seus freguezes, que tendo regressado da Bolivia, acha-se actualmente estabelecido nesta cidade a rua Augusta n.º 41, onde concerta relogios de algibeira, de parede, de mesa, e realejos, certos de que serão todos servidos a contento, e garante a exactidão dos seus concertos aos que o procurarem.

Figura 13: Ed. 207 – 28/12/1862 – p.4

ANNUNCIOS.

Foga-se aos credores do fallido João Fernandes de Mello queirão apresentar ao administrador a rua direita n.º 17, no prazo de oito dias, os seus titulos ou contas, afin de serem classificados.

Precisa-se de um Oleiro; trata-se no Ypiranga.

Figura 14: Ed. 244 – 17/09/1863

ANNUNCIOS.

Vende-se a Fazenda de nominada—Bahia da Pedra branca—distante desta Cidade seto legoas mais ou menos com casas de vivenda muito grande cobertas de telhas, e mais objectos que se dirá a quem pertender comprar. Foi do herança do finado Capitão Joaquim de Almeida Falcão, são conhecidas as bellas proporções deste lugar não só para criação de gado vaccum e cavalhar como para cultura porque tem boas matias, á tratar dirá-se a rua da Sé n.º 12 com o abaixo assignado. Cuiabá 9 de Novembro de 1863.

José Eugenio Moreira Serra

Figura 15: Ed. 253 – 19/10/1863

CAPÍTULO 2

LUGARES DE ESCRAVIDÃO EM CUIABÁ

Só a necessidade constringe os homens a ceder uma parte de sua liberdade, daí resulta que cada um só consente em pôr no depósito comum a menor porção possível dela, isto é, precisamente o que era preciso para empenhar os outros em mantê-lo na posse do resto. O conjunto de todas essas pequenas porções de liberdade é o fundamento do direito de punir⁸⁸.

A escravidão institucional em terras brasileiras foi, por temerosos séculos, o instrumento de aquisição de mão de obra para trabalho e produção econômica, sendo este instrumento, utilizado desde os tempos coloniais até a derrocada do Império, e o advento da Proclamação da República no país. **Nosso trabalho ao longo deste capítulo será o de apresentar a seção de ocorrências policiais de A Imprensa de Cuiabá como um lugar de destaque para a presença de representações de indivíduos escravizados, em meio a representações de diversos outros indivíduos não escravos, quadro este que nos possibilita evidenciar práticas sociais relacionadas à escravidão, e que por sua vez, compunham alicerces estruturais de um imaginário comum ao conjunto da sociedade oitocentista brasileira**, integrante de uma *Monarquia no vasto império tropical ao sul do Equador, vista então como a flor exótica das Américas, cercada de repúblicas por todos os lados*⁸⁹.

O jornal A Imprensa de Cuiabá funcionava no centro da Capital da então Província de Mato Grosso durante a primeira metade da década de 1860, o endereço era a Rua Augusta, nº 50. Além do mais, era instrumento oficial de tipografia régia na localidade de Cuiabá, situação que nos possibilita compreender a importância deste órgão de imprensa para o período, assim como para a amplitude de divulgação do material produzido por seus editores, o que por outro lado enseja tipificações de práticas sociais, e discursos estruturantes do imaginário social cuiabano. Por outro lado a Cadeia Pública da cidade estava situada na Rua Joaquim Murinho, região do Porto, bem próxima do Arsenal de Guerra, construída entre 1858 e 1862⁹⁰.

⁸⁸ BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. Ed. Ridendo Castigat Mores. 1764, p. 27-28.

⁸⁹ MARTINS, Ana Luiza; De Luca, Tânia Regina. **Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil**. In: MARTINS, Ana Luiza; De Luca, Tânia Regina (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

⁹⁰ **PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE CUIABÁ**. Instituto de planejamento e desenvolvimento urbano – IPDU, Cuiabá, AGO, 2010.

Desde os tempos coloniais a Cadeia funcionava num prédio localizado na Praça da República, onde hoje se encontra o Palácio da Instrução na região central, todavia, por questões de segurança era necessário que se fosse edificada uma construção que pudesse atender melhor as exigências do sistema carcerário da capital da Província⁹¹. Então, o deslocamento dos prisioneiros para uma área mais afastada do centro, primeiramente, buscava atender necessidades logístico-administrativas locais, em segundo lugar, havia o objetivo estratégico de aprisionar os criminosos da cidade numa área vizinha do contingente militar do Arsenal de Guerra, medida que visava impor ainda mais segurança para a comunidade cuiabana e suas cercanias.



Figura 16 : Fachada principal da Cadeia Pública de Cuiabá, 1925⁹².

É intrigante perceber uma sistematização carcerária em vislumbres do passado através da produção jornalística empreendida em A Imprensa de Cuyabá, e perceber que as medidas de carceralização adotadas pela Administração local existiram como lugares de punição, onde era infligida a pena de restrição de liberdade aos indivíduos que compunham os quadros populacionais da sociedade cuiabana na década de 1860. Por

⁹¹ Para um histórico mais detalhado sobre a Cadeia Pública *vide in*: <http://www.sindspenmt.com.br/sindicato/historico-do-sistema-penitenciario-do-estado-de-mato-grosso/661> .COSTA, Jacira Maria. **Histórico do sistema penitenciário do Estado de Mato Grosso**. SINDSPENMT, último acesso em, 21 de Novembro de 2017, 17:00h. ;IPHAN. **Patrimônio histórico de Cuiabá**. Instituto de planejamento e desenvolvimento urbano, Cuiabá, AGO, 2010.

⁹² Fonte: LEMOS BRITTO. **Os sistemas penitenciários do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol.2, 1925.

sua vez, a relação de A Imprensa de Cuiabá era efetivada indiretamente como parte de uma tessitura social bastante fluida da qual se torna objeto privilegiado de observação por parte do historiador.

Cabe destacar que ao longo da década de 1860 ocorreram mudanças socioeconômicas que atingiram toda a Província de Mato Grosso, como a Guerra do Paraguai e a convergência de migrantes de várias partes do Brasil, bem como, de imigrantes do Paraguai, Argentina e Uruguai, a partir da abertura das navegações no Rio Paraguai, que permitiu desde a década de 1850 uma maior comunicação com a Corte no Rio de Janeiro e grandes centros comerciais da América Latina, e a Reabertura das navegações com o fim da Guerra em 1870⁹³. Por outro lado, a chegada de diferentes levas populacionais trouxe também problemas como a varíola, doença que ao lado do conflito multinacional travado em partes do território da Província, devastou boa parte da população de Mato Grosso, situação que estimulou a implementação de novas práticas e medidas relacionadas à urbanização e ao cotidiano dos habitantes locais, por parte do governo, dentre elas, a construção de um cemitério municipal⁹⁴, que viria a estruturar ações de enterramento secularizado como política de saúde pública.

O território da Província era imenso, de baixo povoamento, e com dificuldades administrativas devido a estes fatores, Flávia Maíra de Araújo Gonçalves⁹⁵, acrescentou que:

Ao longo do século XIX, a província de Mato Grosso sofreu com baixa arrecadação de receita, dependendo de auxílios vindos do cofre geral, com a penosa comunicação com o centro do Império, e tendo que lidar com todas as implicações de se localizar em uma área de fronteira. Aos elementos mencionados, somavam-se o baixo índice

⁹³ Para maiores informações, consultar: VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888**. São Paulo, Marco Zero, 1993.

⁹⁴ Para maiores informações sobre a construção do Cemitério Municipal e práticas relacionadas ao enterramento dos mortos, *vide in*: ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Atitudes diante da morte em Cuiabá-1860 a 1926: a guerra, a doença e a secularização dos cemitérios da cidade**. TESE DE DOUTORADO, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

⁹⁵ GONÇALVES, Flávia Maíra de Araújo. **O sistema prisional no Império brasileiro: estudo sobre as províncias de São Paulo, Pernambuco e Mato Grosso(1835-1890)**. TESE DE DOUTORADO, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

proporcional de povoamento e os constantes ataques de índios.⁹⁶

É importante perceber neste trecho a situação geográfica e as implicações socioeconômicas derivadas de tal, a Cuiabá oitocentista estava localizada numa zona territorial de importância para o Império brasileiro como fronteira internacional, todavia, enfrentava dificuldades logísticas devido às grandes distâncias a percorrer no caminho até a Corte. Entretanto, o isolamento relativo não pode ser reduzido numa dualidade maniqueísta que relega uma posição de progresso atrasado para a Cidade. E neste sentido, as diversas obras públicas empreendidas pela administração local, especialmente no início da década de 1860, período pré-Guerra, são reflexos do intento de modernização e desenvolvimento urbano por parte das elites locais.

A Imprensa de Cuyabá foi, senão o único⁹⁷, o mais importante dos jornais de sua época devido ao contrato de locação estabelecido com o Governo Provincial, dessa maneira estava estabelecida também uma ligação com a administração da Província e seus representantes, é a partir das publicações de notícias governamentais neste jornal que podemos perceber uma Cuiabá dinâmica, ambiente de vida de inúmeros súditos da Coroa, bem como um cenário de escravidão. É nas páginas do jornal que podemos entrever práticas e representações do passado, embaralhadas pelo jorrar constante das águas do tempo que a historiografia vive e revive em acontecimentos, estruturas e atividades humanas, apenas como um relato do vivido no passado. Dessa maneira, verificando-se os vestígios históricos de lugares objetivos e subjetivos do interior social, *é possível observar o estabelecimento das fontes e a (re)ordenação do espaço em que foram concebidas*⁹⁸.

Por outro lado, a relação indireta entre os editores de A Imprensa de Cuyabá com a produção e reprodução de ideias transmitidas através da leitura de impressos, e recebidas pelos leitores, que por muitas vezes se passavam em certa medida por transmissores de informação de maneira oral, visto que, ao longo de todo o século XIX

⁹⁶ GONÇALVES, F. M. de A. Op. Cit., 2016, capítulo 3, **Prática punitivas em uma área de fronteira: Mato Grosso**, p. 264.

⁹⁷ Em 1º de janeiro de 1860 havia circulado o primeiro número de A Voz da Verdade, sob a direção de José Pinto Gomes. Fonte: JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa Oficial de Mato Grosso: 170 Anos de História**. Cuiabá, MT : Aroe, 2009, p.56.

⁹⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p,74.

os índices de analfabetismo da população eram extremamente altos. É uma estratégia de verificação de um *fundamento comum*⁹⁹ entre agentes históricos¹⁰⁰ em uma determinada época e lugar,

Quer se considere o caráter todo-poderoso do texto, e o seu poder de condicionamento sobre o leitor, o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma; quer se considere como primordial a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares, o que significa encarar os atos de leitura como uma coleção indefinida de experiências irredutíveis umas as outras.

Neste sentido, a evidenciação da História de Cuiabá, verificando interesses dos diversos grupos populacionais da cidade, visões cosmológicas de estruturas sociais, é possível identificar uma série de lugares de escravidão que circunscrevem experiências de vida, relações socioeconômicas, e culturais, estratificadas de maneira física e simbólica em discursos jornalísticos do período pré-Guerra. Bem como, investigar representações culturais de uma sociedade que deixou em formato impresso, parte dos vestígios de sua existência, reflexos distorcidos de uma realidade que já passou. Lugares de instrumentalização da punição física de restrição de liberdade que funcionavam como alicerces estruturais de uma política estatal, onde se produziam representações socioculturais aplicadas no constrangimento do indivíduo, inspiradas pelo humanismo de Beccaria, de forma que a punição concebida como um lugar em si, servia como instrumento de coesão para a “boa sociedade”. Vejamos então agora alguns desdobramentos

2.1. O CÓDIGO CRIMINAL E A CARCERALIZAÇÃO COMO POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO IMPÉRIO DO BRASIL

A sociedade brasileira do século XIX é marcada em grande medida pelos ideais do século anterior provenientes do Iluminismo europeu, neste sentido, foram formuladas políticas de Estado que pudessem constituir a agenda institucional da

⁹⁹ CHARTIER, Roger. Textos, impressos e leituras. *In: A História Cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, p.121, 1990.

¹⁰⁰ No caso em questão, temos a cadeia e o jornal como lugares de vivências humanas, ambientes de desenvolvimento de uma agenda social, passível de contemplação histórica.

monarquia implementada como forma de governo do Império do Brasil. Ou seja, um modelo de sustentação filosófico tal qual proposto por Montesquieu e Hegel, baseado em leis fundamentais positivas segundo as quais o monarca deveria governar¹⁰¹. Dessa maneira, são adotadas diversas medidas pelo governo central para garantir a efetividade da modernização que se desejava introduzir na sociedade brasileira, assim como, para os indivíduos que a compunham.

Nos anos imediatamente posteriores à Independência do Brasil, em 1822, juristas, políticos e intelectuais brasileiros já se orgulhavam dos avanços que o país havia alcançado na área da legislação criminal. O Código Criminal de 1830 e o Código de Processo Criminal de 1832 serviram de modelo para todo o continente, e a Casa de Correção do Rio de Janeiro esteve entre as primeiras instituições penais modernas da América Latina¹⁰².

A introdução de um exemplar do Código Criminal do Império de 1858, descreve as partes dessa legislação e suas funções:

Na sua primeira parte, o legislador brasileiro estabelece as bases da criminalidade, classifica as pessoas responsáveis, fixa a natureza e as condições das penas, assim como a maneira de as impor; na segunda, occupa-se dos crimes públicos, isto é, d'aquelles que attacão directamente o edificio social em seus fundamentos, e ameação a todos os cidadãos; na terceira parte tratados crimes particulares, ou d'aquelles que se dirigem à liberdade, à segurança, à honra e à propriedade dos indivíduos, e que assim indirectamente perturbão a ordem social; na quarta, finalmente, define os crimes policiaes, ou aquellos que compromettem essa mesma ordem, e offendem os costumes públicos.¹⁰³

Com o novo Código Criminal:

...a pena de prisão é introduzida no Brasil em duas formas: a prisão simples e a prisão com trabalho (que podia ser perpétua); com o novo Código Criminal a pena de prisão passa a ter um papel predominante no rol das penas, mas ainda se mantinham as penas de morte e de galés (trabalhos forçados e também

¹⁰¹ Sobre a teoria do Estado monárquico moderno, ver: BOVERO, Michelangelo. A monarquia constitucional: Hegel e Montesquieu. In: BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 157-161, 2001.

¹⁰² AGUIRRE, Carlos. **Cárcere e sociedade na América Latina, 1800-1940**. In: MAIA, Clarisse; NETO, Flávio; COSTA, Marcos; BRETAS, Marcos (Orgs.). História da prisões no Brasi. Vol. 1. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

¹⁰³ **CÓDIGO CRIMINAL DO IMPÉRIO DO BRASIL**. Recife: Typographia Universal, 1858.

poderia ser perpétua). O Código não escolhe nenhum sistema penitenciário específico, ele deixa livre a definição desse sistema e do regulamento a ser seguido a cargo dos governos provinciais.¹⁰⁴

O País sofria influência de várias doutrinas norte-americanas e europeias, relativas ao crime, criminoso e o próprio sistema carcerário, e é sob influência dessas doutrinas que a Administração Provincial de Mato Grosso, personificada pela figura dos seus presidentes e funcionários, desde a década de 1830, buscou implementar obras e reformas sociais, de acordo com as limitações geográficas e logísticas que se faziam presentes na região, para governar um território de fronteira, pouco povoado, com problemas econômicos depois do declínio da atividade mineira, e ademais, envolvida em toda a sorte de reveses decorrentes da soma destes fatores, bem como, de doenças, carestias e conflitos travados na região¹⁰⁵.

A pedagogia do castigo buscava fornecer condições para a implementação de uma sociedade moderna no Brasil oitocentista, e como destaca Marilene Rosa Nogueira da Silva¹⁰⁶,

O sistema carcerário, inaugurado com a Casa de Correção da Corte em 1850 e seis anos depois com a Casa de Detenção, transforma o processo punitivo em técnica penitenciária ancorada nas hierarquias de uma sociedade ainda estamental ... Do castigo físico com tática política, cuja função social complexa deveria produzir um modo específico de sujeição, à criação da prisão transformaria escravos e escravas em problema jurídico.

O Estado brasileiro viveu uma mudança lenta e progressiva ao longo do século XIX, *que proporcionou a ocorrência de um poder que se aplicava à população, a partir de seus códigos e regulamentos, com o fim de transformar a vida social e, ao mesmo tempo, proporcionar o bem viver*¹⁰⁷, como uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua

¹⁰⁴ DI SANTIS, Bruno Moraes; ENGBRUCH, Werner. **A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo**. Revista Liberdades, nº 11, SET/DEZ, 2012.

¹⁰⁵ Para conhecer melhor a História das prisões do Brasil e de Mato Grosso: MAIA, Clarissa Nunes. **História das Prisões no Brasil**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Rocco, 2009; AGUIAR, Patrícia Figueiredo. **As cadeias de Mato Grosso do século XIX: um olhar sobre o cárcere**. Revista História e Diversidade, Vol. 7, nº2, 2015.

¹⁰⁶ SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. **Carceralização da escravidão: a emergência de um problema**. Maracanan, Rio de Janeiro, nº4, 2008.

¹⁰⁷ AGUIAR, Patrícia Figueiredo. **As cadeias de Mato Grosso do século XIX: um olhar sobre o cárcere**. Revista História e Diversidade, vol. 7, nº 2, 2015.

vida. E em Mato Grosso, ainda na década de 1860 havia muitos problemas estruturais e logísticos para lidar com relação ao desenvolvimento e urbanização que se desejava implementar pelo governo central no território da Província.

A capital de Mato Grosso também recebeu melhoramentos materiais nessa década, como o Seminário da Conceição, ao lado da igreja do Bom Despacho, administrado pelos padres salesianos e dedicado ao ensino dos meninos, iniciado em 1858, e o cemitério da Piedade, inaugurado em 1864. Enquanto isso, a Cadeia Municipal custou enormes quantias do orçamento da Província, no final de julho de 1858, a construção foi iniciada, sem ter ficado completamente pronta ainda em finais de 1862 e, *havia sofrido frequentes paralisações por falta de materiais e de operários, falta de fundos, falta de carros para o transporte de pedras, além da mudança dos administradores das obras*¹⁰⁸.

São Paulo, província da região centro-sul, ainda que de povoação antiga, com os primeiros núcleos fundados já no século XVI, tinha no início do século XIX baixo povoamento, concentrado em torno da capital e do litoral. Contudo, com

o desenvolvimento da economia açucareira e, sobretudo, cafeeira, expandiu-se para o interior e tornou-se a província mais rica do Império. O crescimento econômico foi acompanhado de um expressivo aumento populacional, implicando inclusive, na expansão de sua fronteira produtiva. Era também, desde o pós-independência, uma província com forte base liberal, o que pode ter influenciado na assimilação dos modelos punitivos e contribuído para que fosse a primeira a construir uma casa de correção depois da Corte.¹⁰⁹

Por outro lado, Pernambuco, na região norte, era uma província de ocupação mais consolidada e uma das mais populosas do Império, ao longo do século XIX foi palco de diversas revoltas, e que sofreria declínios financeiros em decorrência da desvalorização de preços ocorrida nos setores algodoeiro e açucareiro da economia local em meados do século.

Todas essas características certamente influenciaram na maneira como as instituições carcerárias foram planejadas e construídas. Soma-se o fato de que pertencia à província de Pernambuco o arquipélago de Fernando de Noronha, no qual

¹⁰⁸ GONÇALVES, Flávia Máira de Araújo. **O sistema prisional no Império brasileiro: estudo sobre as províncias de São Paulo, Pernambuco e Mato Grosso(1835-1890)**. TESE DE DOUTORADO, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

¹⁰⁹ GONÇALVES, Flávia Máira de Araújo. *Op. Cit.*: 2016, p. 16.

estava instalado um presídio militar que, ao fim e ao cabo, funcionou como prisão civil central.¹¹⁰

No Parlamento são aprovadas reformas de cunho liberal nas décadas de 1830 e 1840, segundo inspiração de *ideias esclarecidas* de juristas e cientistas políticos, vindas especialmente da Europa e que propunham inovações nas condições de cárcere, mais adequadas com o conceito de humanismo, embora houvesse dificuldades de implantação de um sistema unificado de segurança pública é necessário compreender a sociedade brasileira ainda em gênese quanto à formação de uma identidade social.

Todavia, Ricardo Alexandre Ferreira¹¹¹ nos apresenta a preocupação de setores da elite nacional com o aumento da criminalidade e com a necessidade de se estabelecer um clima de segurança por parte do governo central para que se garantisse a união do recém-nascido Império brasileiro que enfrentou várias revoltas nas décadas de 1830 e 1840, sendo que,

Foi apresentada ao parlamento¹¹² uma lista simples, sem especificação da participação de cada localidade, na qual os crimes classificados como “contra a segurança da pessoa e vida”, ou os chamados crimes de sangue, compunham a metade dentre todas as tipificações. Mesmo sem apresentar elementos mais detalhados a respeito dos crimes e dos criminosos, esse primeiro esforço de produção de um perfil dos delitos praticados era composto por duas características que se perpetuaram nos debates a respeito da criminalidade individual durante todo o período imperial: 1) O maior número de crimes contra a pessoa sobre os que eram cometidos contra a propriedade; 2) A impunidade.

Dessa maneira, a construção da Cadeia Pública de Cuiabá representava para as elites locais, por um lado, uma necessidade logística, por outro, um elemento estrutural de progresso. Ainda que a política de encarceramento buscasse apenas solucionar um problema a partir de um ponto de vista reativo, acabou se mostrando um instrumento de domesticação e doutrinação dos corpos daqueles indivíduos considerados delinquentes. É intrigante, portanto, perceber como as relações do Estado Moderno oitocentista brasileiro podem se manifestar numa espécie de síntese antropológica expressa no relato jornalístico de A Imprensa de Cuyabá, sendo seus editores súditos do Imperador, bem

¹¹⁰ GONÇALVES, Flávia Maíra de Araújo. *Op. Cit.*: 2016, p. 17.

¹¹¹ FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Crimes em comum: escravidão e liberdade no extremo nordeste da Província de São Paulo (Franca 1830-1888)**. TESE DE DOUTORADO, Franca: UNESP, 2006, 1.1.2 - **É preciso reformar**, p. 32.

¹¹² O autor teve como fonte o Relatório do Ministério da Justiça de 1837, o Ministro responsável era Bernardo Pereira de Vasconcelos.

como, produtores que participavam, ora indiretamente, ora diretamente, do processo sistemático de implementação do progresso na capital de Mato Grosso. De maneira inversa, o progresso que se buscava atingir com as políticas vanguardistas de encarceramento, acabou por criar um problema social que era a clivagem estamentária embrionária da punição corporal¹¹³, e inaugurou uma instituição sociocultural em que se pode perceber, de forma afirmativa, a presença escrava na composição histórica de Mato Grosso.

Enfim, podemos verificar em Cuiabá na década de 1860 a passagem de um modelo institucional originalmente estruturado ao final do século XVII, com a atribuição de sustentar a ação administrativa da metrópole portuguesa, para um novo formato, definido pelos princípios do liberalismo constitucional que marcaria o século XIX. À reorganização da estrutura de governo imposta pelo processo de independência brasileiro somaram-se as reformas profundas promovidas pela Constituição de 1824, que teriam um profundo impacto na administração herdada do Antigo Regime, com a divisão de poderes do Estado, o que significou a distinção das funções administrativas, legislativas e judiciais. Portanto, podemos verificar também a existência de uma série de práticas e representações envolvidas no processo de estruturação, que só puderam chegar até o presente em virtude dos vestígios materiais produzidos pelos editores de A Imprensa de Cuyabá, e este material eleito, paradoxalmente, como fonte objetiva, é também instrumento subjetivo da arqueologia, para usar o termo de Foucault¹¹⁴, que *busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras.*

Todavia, o encarceramento surge no século XIX como uma ação institucional do Império, assim como, se manifesta na forma de representações sociais, discursos, lugar do imaginário dos coevos, estruturas estruturantes de um discurso que precede, envolve ou segue práticas sociais. Contudo, nosso papel não é o de reconstituir inteiramente o que se pôde ser pensado, desejado, visado, experimentado, almejado pelos homens no próprio instante em que proferiam o discurso. *Não é nada além e nada*

¹¹³ A punição generalizada, *vide in*: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

¹¹⁴ FOUCAULT, Michel. Arqueologia e história das ideias, p.153. *In*: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

*diferente de uma reescrita*¹¹⁵, isto é, na forma mantida da exterioridade, uma transformação regulada do que já foi escrito. Não é o retorno ao próprio segredo da origem, é em alguns casos a descrição sistemática, sem intenção de ser generalizadora ou exaustiva, de discursos, práticas e representações históricas.

Vimos, então, os princípios da política de segurança pública adotada pelo Império do Brasil, baseada no Código Criminal em vigência desde a década de 1830, enfrentando, entretanto, vários problemas de execução prática em razão do longo tempo de adequação das condições logísticas necessárias para a implementação de um sistema de tal porte no Brasil escravista. Observamos que os ares de modernidade tomaram algum tempo, da Corte ao Mato Grosso, até o início de seu sopro de desenvolvimento chegar ao sertão, todavia, os ventos do progresso chegaram.

2.2. AS OCORRÊNCIAS POLICIAIS

A década de 1860 e as obras de desenvolvimento urbano e social empreendidas pelo governo provincial vieram acompanhadas de um decréscimo nos números referentes à criminalidade, que até 1865 apresentaram contínua queda. Já em 1866 há um relativo aumento desses números, que voltaram a cair no ano seguinte, entretanto, o quadro geral de crimes cometidos na Província só retornaria a apresentar uma diminuição significativa a partir de 1870. É o que se pode observar no panorama apresentado pelos Presidentes de Província em relatórios anuais à Assembleia Legislativa Provincial.

Tivemos acesso aos Relatórios¹¹⁶ e entrecruzamos o conteúdo destes documentos de época com dados colhidos das páginas de A Imprensa de Cuyabá para poder apresentar ao leitor aspectos diacrônicos relacionados aos crimes cometidos no período, bem como, evidenciar as representações e práticas presentes nos discursos encontrados nas fontes. A maioria dos crimes perpetrados, segundo o Relatório do Presidente de Província, Tenente coronel Francisco José Cardoso Junior, apresentado em 20 de Agosto de 1871¹¹⁷ na Assembleia Legislativa, são referentes a homicídios, tentativas de homicídio, ferimentos graves e leves, roubos e furtos, já em menor quantidade os crimes de desordem.

¹¹⁵ FOUCAULT, M. Op. Cit., 2008, p. 153.

¹¹⁶ Disponíveis em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/mato_grosso

¹¹⁷ Ver quadro da **figura 15**.

Qualidades dos crimes	Anos										Total
	1870	69	68	67	66	65	64	63	62	61	
Homicídio	5	5	11	3	10	9	6	16	18	17	100
Tentativa de homicídios	1	3	3	1	5	3	4	2	6	7	35
Ferimentos graves		2	1	1	4	1	8	6	11	10	41
Ferimentos leves	4	3	6	2	8	2	8	11	20	20	84
Roubos	1	7	2	4	9		4	1	4	3	32
Furtos	4	7		1	5		2	1		12	32
Falsidade										2	2
Fuga de presos	2	9		1	2	1	1	2	4	2	24
Resistencia								1	3		4
Tirada de presos		1									1
Estupro					1				1	1	3
Tentativa de rapto									1	1	1
Estellionato								1	1	2	4
Infanticídio				1							1
Damno									1	2	3
Injúria									1	2	3
Sedição		1									1
Uso de armas defesas									1		1
Ameaças								2			2
Tentativa de roubo				2				1			3
Somma	17	38	23	13	44	16	33	44	72	80	380

Figura 17: Quadro demonstrativo do paulatino decréscimo de crimes no decênio 1860/70¹¹⁸.

É notável que desde a década de 1990 tenha se avolumado a quantidade trabalhos que abordam a temática da criminalidade e dos crimes praticados em áreas urbanas do Brasil Imperial¹¹⁹, como é o caso de *Crime e Castigo*¹²⁰, de Alan Nardi Souza, o qual busca destacar a dinâmica da criminalidade em Minas Gerais na primeira metade do século XIX, e *para tal empreitada foram utilizados os assentos de prisão, os alvarás de soltura, os autos de prisão hábito e tonsura, os processos-crimes e os relatórios de presidente e vice-presidente de província*. E no caso de *Crime e Castigo*, é interessante destacar, também, a abordagem antropológica da história social impressa na

¹¹⁸ Fonte: Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Mato Grosso pelo exm. Sr. Tenente coronel Francisco José Cardoso Junior, no dia 20 d'agosto de 1871. Cuiabá, Typ. De Neves E Comp., p.10, 1871. Disponível no sítio eletrônico: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/mato_grosso.

¹¹⁹ Além dos trabalhos já citados, ver: MARTINS, Lídia Gonçalves. **Escravidão, criminalidade e Justiça: um balanço da produção historiográfica recente**. Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009; RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. **Visões de criminalidade em Mato Grosso no século XIX**. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior, 2007.

¹²⁰ SOUZA, Alan Nardi. **Crime e Castigo: A criminalidade em Mariana na primeira metade do século XIX**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História) – UFJF, 2007.

obra, bem como a influência foucaultiana em sua visão relacionada ao projeto de controle social desejado para a cidade de Mariana e para o Brasil oitocentista.

O autor nos apresenta visões e estatísticas sobre a criminalidade durante as primeiras décadas do século XIX, em Mariana, e destaca que os crimes contra a pessoa somam 44,5%, seguidos dos crimes contra a propriedade (41,3%) e crimes contra a ordem pública (6,1%). Quanto à condição dos presos, verifica-se que 80% dos crimes foram praticados por livres, 11% por escravos e 9% por forros. Entre os escravos, as agressões físicas (44%) e os homicídios (35%) são os crimes mais significativos. Ainda que não tenhamos acesso a dados referentes à totalidade de crimes cometidos por escravos, uma abordagem semelhante pode ser adotada para o caso de Cuiabá na década de 1860, sendo que, podemos ver no quadro representado na figura 2, que durante todo o período os crimes contra a pessoa somaram, 260 (74,1%), crimes contra propriedade, 67 (19,1%), e os crimes contra a ordem pública, 24 (6,8%) do total apresentado no relatório de presidente de província de 1871.

É importante destacar que no território mato-grossense foram travadas várias batalhas em decorrência da Guerra do Paraguai que ocorreu na segunda metade da década de 1860, quadro de acontecimentos que poderia explicar de alguma maneira a descontinuidade da diminuição de crimes cometidos na província até 1865, entretanto, o estado de beligerância não provocou, de acordo com os números oficiais um crescimento anual constante do número de crimes.

Os textos, a leitura e os impressos são em si representações, bem como práticas culturais, ou seja, delimitam um *espaço de investigação para o historiador*, como observou Chartier¹²¹, neste sentido, A Imprensa de Cuyabá pode ser interpretada como uma representação social de sua época. Encaramos, então, o desafio de observar o jornal como um espaço de escravidão, e a partir daí, buscar neste periódico lugares de presença escrava, de modo que, as notícias da seção policial são evidências do passado escravista de Mato Grosso, visto que, no seio da produção jornalística de A Imprensa de Cuiabá, em meio a várias notícias de crimes cometidos na região, podemos encontrar representações de escravos cometendo crimes variados.

¹²¹ Ver: CHARTIER, Roger. **Textos, impressos e leituras**. In: CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. 2ª Ed., DIFEL, 2002.

De certo modo, os registros impressos de A Imprensa de Cuiabá proporcionam vislumbres do passado, algo como a visão entrecortada do interior de um velho casebre abandonado que podemos ter acesso apenas, num primeiro momento, por frestas nas suas desgastadas paredes de madeira, entretanto, ao se abrir a porta de dar uma volta por entre os cômodos que a compõem, conseguimos entender alguns aspectos do cotidiano dos antigos moradores e pessoas que por ali transitaram. Ao passo que, nas páginas do jornal, podemos perceber um movimento contrário ao decréscimo de crimes apresentado nos relatórios de província. Ou seja, nos exemplares do início da década as notícias relacionadas a crimes são menores quantitativamente, e aumentam consideravelmente em 1863 e 1864. O que nos faz perguntar: por quê?

É difícil encontrar uma resposta cabal para essa pergunta, todavia, podemos formular uma hipótese, que está relacionada ao desenvolvimento dos procedimentos de técnica jornalística empreendidos pelos editores do jornal. O fato é que a imprensa no século XIX dava seus primeiros passos e as técnicas de impressão eram bastante rudimentares, situação bem diferente da encontrada no século XXI com modernas máquinas digitalizadas, ou ainda mesmo, do cenário de inovações tipográficas do início do século XX, o conjunto técnico a disposição nos oitocentos era relativamente artesanal, como já observou Nelson Werneck Sodré¹²².

Por sua vez, é necessário compreender que o jornal A Imprensa de Cuiabá foi um símbolo material e imaterial de exercício de poder de seus editores e de indivíduos provenientes de elites sociais, símbolo de progresso e ilustração intelectual de uma maneira, e de outra, instrumento político e socioeconômico de autoridades que buscavam implementar reformas sociais e que compunham o capital humano de uma cidade nos confins dos sertões do Império, numa zona de fronteira, e relativamente isolada dos grandes centros da Corte.

É interessante salientar, todavia, que

Na perspectiva material daqueles impressos, o formato das publicações permaneceu praticamente o mesmo até meados do Império, conhecendo melhorias em função de episódicos avanços técnicos... pois eram literatos os homens da imprensa que acabavam por fazer política.

¹²² SODRÉ, Nelson Werneck. As condições materiais. In: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977.

Outrora, nas publicações de a Imprensa de Cuyabá o leitor pode perceber evidências de avanços técnicos experimentados pelos diferentes editores que chefiaram o periódico, ao passo que, é possível identificar uma trajetória de desenvolvimento editorial que baseado, sim, numa experimentação contínua que viria a ser interrompida no início do período da Guerra do Paraguai.

Como é possível notar em alguns exemplos nas imagens do capítulo, entre o período que compreende 1859 e 1863, as notícias relacionadas à criminalidade eram publicadas de maneira mais aleatória dentro do Noticiário, em contraposição ao que se pode averiguar ao se fazer uma leitura das edições publicadas a partir de 1863 até o início de 1865.

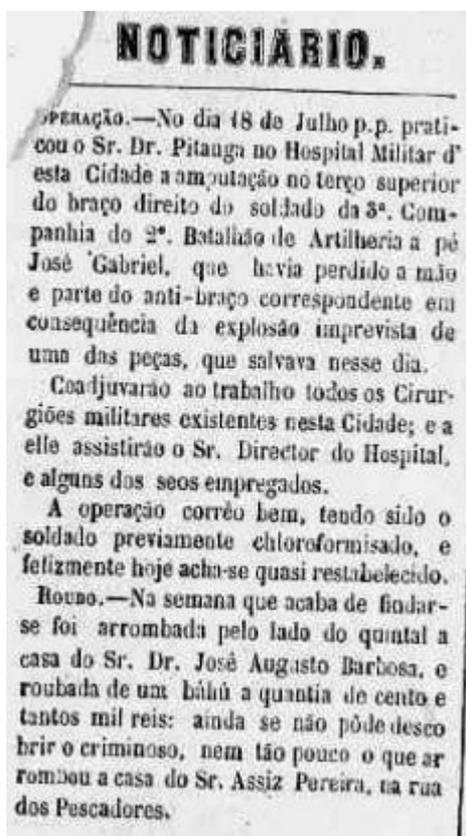


Figura 18: Ed. 56, DOM, 12/08/1860, p. 1.

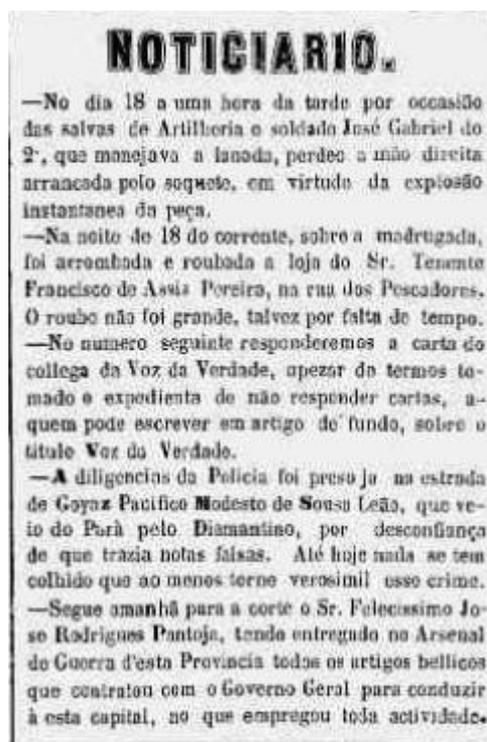


Figura 19: Ed. 53, DOM, 22/07/1860, p. 4.

As técnicas de edição a partir de 1863 se tornam mais refinadas e isso se refletiu na maneira como o jornal era apresentado aos leitores. Outro dado interessante, e que corrobora com a teoria de desenvolvimento jornalístico a partir da experimentação prática, é o fato de que a partir de 1864 o redator de A Imprensa de Cuyabá José Jacintho de Carvalho, passa a assinar a seção de ocorrências policiais com secretário de polícia, situação que evidencia, não apenas, o estágio de desenvolvimento jornalístico

do periódico em questão, como também, demonstra que o próprio aparato administrativo da província de Mato Grosso encontrava-se defasado no tocante ao efetivo de recursos humanos, algo que não é de se estranhar considerando o relativo isolamento geográfico e o tamanho reduzido da capital nessa época.

Não obstante, é possível verificar nos Relatórios de Presidente da Província, durante as duas primeiras décadas da segunda metade do século XIX, várias reclamações por parte do executivo local pedindo melhorias estruturais, como é o caso do Barão de Melgaço¹²³, em setembro de 1869, que prevê a necessidade de aumento de efetivo da força policial para um mínimo de 300 praças, para toda a Província. Sendo que, na capital o efetivo policial contava em 1860, com 26 praças, e um número inferior a 80 praças à disposição da administração pública para todo o território da província.

Por outro lado é interessante destacar, amiúde, que assim como já vimos, a segunda metade dos oitocentos foi um período de constantes tentativas de modernização no Brasil Imperial, ao passo que, os ares de modernidade sopravam da Corte para as demais regiões do país, e por sua vez, chegavam com mais ou menos força até as elites de Cuiabá, já antes da virada entre as décadas de 1850 e 1860, e vai se acelerar a partir da década de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai, até a Proclamação da República no final da década de 1880.

Dentro deste contexto A Imprensa de Cuyabá foi um instrumento de modernização, uma representação de ideais de progresso que se faziam presentes no século XIX, assim como, a Cadeia Pública da capital também se constituía num símbolo de desenvolvimento e consolidação do poder público na região. Se por um lado, o jornal se apresentava como o principal meio de difusão de ideias no período, a cadeia era o símbolo de manutenção do *status quo* da sociedade, neste sentido, a existência de relações próximas entre os agentes responsáveis por ambos, indica a presença de movimentos sociais convergentes, assim como, a existência de um esforço mais ou menos coordenado por parte dos agentes da administração local na implantação de uma sociedade que se ansiava edificar em Cuiabá.

¹²³Relatório do presidente da província de Mato-Grosso, o chefe de esquadrão barão de Melgaço, na abertura da sessão ordinária da Assembléa Legislativa Provincial, em 20 de setembro de 1869. Cuyaba, Typ. de Sousa N.es & Comp.a [n.d.], p. 17.

De fato, o desenvolvimento experimentado na segunda metade do século XIX pelos cuiabanos, em geral, pode ser percebido também nas páginas de A Imprensa de Cuyabá. A Partir do final de 1863 e início de 1864 houveram mudanças na editoração do jornal e, conseqüentemente, na editoração da seção de ocorrências policiais, como se pode perceber nas figuras abaixo ao compará-las com as figuras anteriores, do mesmo modo, como é possível verificar que a partir de fevereiro de 1864 o redator de A Imprensa de Cuyabá, José Jacintho de Carvalho, passa a assinar a seção como secretário da polícia.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Forão presos à ordem das respectivas autoridades, durante a semana próxima passada.

A' ordem do respectivo Chefe.

Dia 5. Maria Marcolina, Maria Francisca, Maria Rosa, Augusta Fernandes e Rosa Augusta, por turbulentas.

A' ordem do Subdelegado do 2.º Districto.

Dia 5. Luis Francisco, para averiguação sobre furto.

" Candido, escravo de Alexandre Pinto de Sousa, à requisição de seo senhor.

A' ordem do respectivo Chefe.

Dia 6. Joaquim, escravo de Joaquim da Fonseca, à requisição de seo senhor e Benedito de João Vieira, por andar fugido.

Dia 7. José, escravo de Felix Baptista Valois, por andar fugido.

Secretaria da Policia, em Cuyabá, 8 de Fevereiro de 1864.

Servindo de Secretario,
José Jacintho de Carvalho.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Partes da semana proxima passada.

Forão presos à ordem das respectivas autoridades:

A' ordem do Chefe de Policia.

Dia—10—Maria do Bom despacho, por ebria e turbulenta.

A' ordem do Juiz Municipal do Termo desta Cidade.

" 11—Antonio João de Siqueira, pronunciado no artigo 230 do código criminal.

A' do Subdelegado de Policia do 2.º Districto.—

" " O estrangeiro João Inhaca, para averiguação.

" A' ordem do Chefe de Policia.

" 12 Salvador, escravo de Manoel Joaquim Pereira, para averiguação, sobre furto.

Secretaria da Policia em Cuiaba, 14 de Março de 1864.

Servindo de Secretario,
José Jacintho de Carvalho.

Figuras 20 e 21: à esquerda, primeira edição em que J. J. de Carvalho assinou como secretário de polícia, ed. 265, p. 1, QUI, 11/02/1864.¹²⁴ À direita, amostra da utilização contínua ao longo de 1864 do modelo de editoração de ocorrências policiais de A Imprensa de Cuyabá, ed. 270, p.1, QUI, 17/03/1864.¹²⁵

¹²⁴ Transcrição: REPARTIÇÃO DA POLICIA Forão presos à ordem das respectivas autoridades, durante a semana próxima passada. A ordem do respectivo Chefe. Dia 5, Maria Marcolina, Maria Francisca, Maria Rosa, Augusta Fernandes e Rosa Augusta, por turbulentas. A ordem do subdelegado do 2º Districto. Dia 5, Luis Francisco, para averiguação sobre furto. Candido, escravo de Alexandre Pinto de Sousa, à requisição de seo senhor. A ordem do respectivo Chefe. Dia 6, Joaquim, escravo de Joaquim da Fonseca à requisição de seo senhor e Benedito de João Vieira, por andar fugido. Dia 7, José, escravo de Felix Baptista Valois, por andar fugido. Secretaria da policia, em Cuyabá, 8 de Fevereiro de 1864. Servindo de Secretario. José Jacintho de Carvalho.

¹²⁵ REPARTIÇÃO DA POLICIA. Partes da semana proxima passada. Forão presos à ordem das respectivas autoridades: A ordem do Chefe da Policia. Dia 10, Maria do Bom despacho, por ebria e turbulenta. A ordem do Juiz Municipal do Termo desta Cidade. Dia 11, Antonio João Siqueira, pronunciado no artigo 230 do código criminal¹²⁵. A do subdelegado de Policia do 2º Districto. Dia 11, o estrangeiro João Inhaca, para averiguação. A ordem do Chefe de Policia.

REPARTIÇÃO DA POLÍCIA.

Foram presos à ordem das respectivas autoridades durante o mez de Janeiro proximo passado.

Pela Policia à ordem do respectivo chefe.

Dia 1 Antonio de Souza, soldado da Companhia de Artifices, por desordem.

2 Antonio José da Silva Claro e João José da Silva, por brigas.

5 Francisca de Paula, para averiguação.

5 João de França, Victorino José Rodrigues e as escravas Januaria e Ignez de propriedade de D. Escolastica Joaquina de Almeida, para averiguações.

17 Manoel Honorato, por embriaguez; Maria Euzebia, Mathilde da Silva, Quintiliana da Silva e os escravos Izidoro e Floriana, por perturbarem o sosiego publico; José Hypolito, Hylario Pedro da Costa e Francisco Puleti, por desordem.

24 José Maria Leite de Medeiros para averiguação.

25 João Pedro e José Luiz de Magalhães por embriaguez e desordem.

27 Generoso, escravo do Major J. C. Metello, à requisição de seu senhor.

28 Antonio Rimigio dos Santos, por embriaguez e desordem.

30 Antonio Thomé Ferreira, Benedicto Maximo, e José Pereira do Prado para averiguações.

A' Ordem do Delegado de Policia da Capital.

2 José Felix, por brigas.

A' Ordem do Subdelegado da Capital.

23 Candido, escravo de Alexandre Pinto de Souza, por embriaguez e desordem.

A' Ordem do Subdelegado da Freguezia de Pedro 2^a.

8 João Fusano, por infracção de postura.

10 Generoso Mello Falcão, e João Gonçalves Pereira, por embriaguez.

19 Domingos Leite de Almeida, por infracção de contracto.

Figura 22: amostra do modelo adotado a partir de 1864, ed. 264, p. 1, QUI, 04/02/1864.¹²⁶

Dia 12, Salvador, escravo de Manoel Joaquim Pereira, para averiguação sobre furto. Secretaria de Policia em Cuyabá, 14 de Março de 1864. Servindo de secretario. J. J. de Carvalho.

¹²⁶ REPARTIÇÃO DA POLÍCIA. Foram presos à ordem das respectivas autoridades durante o mez de janeiro próximo passado. Pela policia a ordem do respectivo chefe. Dia 1 Antonio de Souza, soldado da Companhia de Artifices, por desordem. 2 Antonio José da Silva Claro e João José da Silva, por brigas. 5 Francisca de Paula, para averiguação. 5 João de França, Victorino José Rodrigues e as escravas Januaria e Ignez de propriedade de D. Escolastica Joaquina de Almeida, para averiguações. 17 Manoel Honorato, por embriaguez; Maria Euzebia, Mathildes da Silva, Quintiliana da Silva, e os escravos Izidoro e Floriana, por perturbarem o sosiego publico; José Hypolito, Hylario Pedro da Costa e Francisco Puleti, por desordem. 24 José Maria Leite de Medeiros para averiguação. 25 João Pedro e José Luiz de Magalhães por embriaguez e desordem. 27 Generoso, escravo do Major J. C. Metello, à requisição de seu senhor. 28 Antonio Rimigio dos Santos, por embriaguez e desordem. 30 Antonio Thomé Ferreira, Benedicto Maximo, e José Pereira do Prado, para averiguações. A Ordem do Delegado de Policia da Capital. 2 José Felix, por brigas. A Ordem do Subdelegado da Capital. 23 Candido, escravo de

Concomitantemente, é possível verificar determinadas representações sociais da época, relacionadas a negros ou brancos, homens e mulheres, como a do ladrão, do assassino, do estelionatário, dos embriagados perturbadores da ordem pública, das mulheres turbulentas, dos assassinos, dos escravos fugitivos. Neste sentido, eleito como fonte histórica o jornal nos apresenta uma miríade de amostras de representações e práticas presentes no imaginário e no cotidiano dos coevos. Por outro lado, observa-se algum grau de aprimoramento relativo ao conhecimento de J. J. de Carvalho concernente a legislação imperial em vigor, especialmente nos casos das edições 270, 308 e 309, onde o redator, assinando como secretário de polícia, apresenta apenas os artigos do Código Criminal referentes aos delitos cometidos.

O número de crimes estava em decréscimo na década de 1860, entretanto, o desenvolvimento das técnicas jornalísticas estava em ascensão, ainda que lentamente, e este cenário de movimentos fluídos ajuda a compreender o porquê do aumento de publicações relativas às partes policiais no período anterior ao início da Guerra do Paraguai.

Ainda no final de 1864 um novo amanuense¹²⁷ passa a assinar a seção de ocorrências policiais, tratava-se de José Maria das Neves, que assume as funções da secretaria de polícia, ao passo que, mesmo que não possamos saber por quanto tempo ficou enquadrado no ofício da administração local, sabemos que seu nome apareceu em A Imprensa de Cuyabá por poucas edições, já que a seção foi publicada pela última vez em 23 de dezembro de 1864.

Alexandre Pinto de Souza, por embriaguez e desordem. A Ordem do Subdelegado da Freguezia de Pedro 2º. 8 João Fusano, por infracção de postura.¹⁰ Generoso Mello Falcão, e João Gonçalves Pereira, por embriaguez. 19 Domingos Leite de Almeida, por infracção de contracto

¹²⁷ Amanuense: m. Escrevente. Secretário. Copista. Empregado de repartição pública, encarregado geralmente de fazer cópias e registrar diplomas e correspondência oficial. (Lat. Amanuensis). FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913.

REPARTIÇÃO DA POLÍCIA.

Durante a semana próxima passada foram presos:

Dia 28 de Novembro a ordem do chefe, Manoel José de Assumpção e o escravo Cyrriano, pertencente a herança de Antonio Nunes da Cunha, para averiguação.

• 29 • a ordem do sub-delegado desta Capital, Felisberto Leste Pereira, vulgo—Ventania—por torbulento.

• • a ordem do sub-delegado das Brotas, Maria Leite do Amaral, pronunciada no art. 192 do cod. crim., como mandante do crime de morte perpetrada na pessoa de Cyrriano Ribeiro Dias Taques, marido da mesma.

• 30 • a ordem do mesmo Sub-delegado, Manoel, escravo de Maria Francisca de Campos, pronunciado no art. 192 do cod. crim., como mandatário do crime de morte, semia referido.

• • a mesma ordem, Thomé, escravo de Maria Leite do Amiral, pronunciado no mesmo art. 192, como complice n' aquelle crime; Domingos e Felisbardi, escravos, à disposição de sua senhora Maria Leite do Amiral.

• 1 de Dezembro, a ordem do chefe, Maria Thomasia, por torbulenta.

• • a mesma ordem, Emerenciana Maria da Cruz e a escrava Joanna pertencente a Josefa Paes, por brigas.

Secretaria da Policia em Cuyabá, 3 de Dezembro de 1864.

O Secretario,
J. J. de Carvalho,

REPARTIÇÃO DA POLÍCIA.

Durante a semana próxima passada foram presos:

• 3 • a ordem do sub-delegado desta Capital, João Pedro de Sá, por infração de contrato, a saber: a escrava de 7 annos, Manoel, a ordem do chefe, Joaquim escravo de Francisco Corrêa da Costa, por andar fugido; e a ordem do mesmo José Maria por embriaguez e desordem.

• 10 • a mesma ordem, Adão, escravo de Joaquim Gonçalves do Azevedo, por furto.

Secretaria da Policia em Cuyabá, 19 de Dezembro de 1864.

O Amantissimo Interino
José Maria das Neves

REPARTIÇÃO DA POLÍCIA.

Durante a semana próxima passada foram presos:

Dia 12 A ordem do chefe, Estevão escravo de Francisco Corrêa da Costa, por andar fugido, e a do Sub-delegado do 2.º districto Manoel das Chagas, para averiguação

• 13 A ordem do chefe, os escravos Vicente de Ignes Vieira dos Anjos, Barbara de José Porfirio Antunes e Antonia de Manoel Corrêa de Mattos, todos por andarem fugidos.

• 16 a ordem do mesmo a escrava Theozza de D. Joanna Maria de Jesus, por furto a do Sub-delegado do 2.º districto Cezaria Maria por torbulenta.

• 18 a ordem do chefe, a escrava Floriana de Anna Claudina de Figuerado, por torbulenta.

Secretaria da Policia em Cuyabá, 19 de Dezembro de 1864.

O Amantissimo Interino
José Maria das Neves

Figuras 23, 24, 25: à esquerda, última edição com seção policial assinada pelo editor de A Imprensa de Cuyabá, Ed. 308, p.1, QUI, 08/12/1864; ao centro, primeira edição assinada por José Maria das Neves, Ed. 309, p. 1, QUI, 14/12/1864; à direita, Ed. 310, última publicação da seção policial no jornal, p. 1, QUI, 23/12/1864. As transcrições podem ser conferidas ao final do capítulo.

Nas figuras anteriores ainda é possível perceber os percalços técnicos de lidar com fontes centenárias, as quais já sofreram a ação do tempo e encontram-se desgastadas. Na medida em que, possuímos hoje com a digitalização da documentação e a oportunidade de utilização de meios tecnológicos avançados para um manuseio mais apropriado das informações contidas nos jornais. Ou seja, contemplamos com as inovações do século XXI novas possibilidades metodológicas em face das diversas maneiras de olhar para o passado, contribuindo para o alargamento da historiografia, tendo como base bancos de dados que podem ser acessados remotamente, de praticamente qualquer lugar aonde o historiador vier a se encontrar.

A relação entre crime e escravidão pode ser observada em *Visões de Liberdade*, publicado pela primeira vez sob a forma de tese apresentada na Unicamp em 1989, de Sidney Chalhoub¹²⁸, que por meio de consulta a processos-crime, evidencia as experiências escravas no cotidiano de negociações, conflitos, conquistas e concessões, nas relações com os senhores e os diversos significados da liberdade para esses cativos nas últimas décadas da escravidão na Corte, sendo que de mais importante apresenta uma agenda social presente no cotidiano dos escravos.

Em nosso caso, utilizamos fontes que cobrem o período da década de 1860, e como já salientamos diferente daquilo que se pode verificar nas últimas décadas da Escravidão, nos anos sessenta do século XIX, o abolicionismo estava longe de figurar como um movimento consolidado e de amplo apelo social, embora o movimento pela abolição surgido posteriormente nas décadas de 1870 e 1880 tenha sido influenciado, em maior ou menor, medida pela crise orgânica da escravidão brasileira, causada pelo desfecho da Guerra de Secessão norte-americana, pelo impacto interno da Guerra do Paraguai, e o fato político da aprovação da Lei do Ventre Livre, ou seja, acontecimentos ainda da década anterior, de 1860¹²⁹. Todavia, é possível verificar através do discurso jornalístico de *A Imprensa de Cuyabá*, agendas individuais e coletivas, de pessoas que se reúnem para beber a noite e amortecer os sentidos depois de mais um dia de trabalho, como João Pedro e José Luiz de Magalhães, presos por embriaguez e desordem¹³⁰.

Ainda podemos verificar indícios de uma trama para execução de um crime hediondo, um assassinato onde a esposa, Maria Leite do Amaral era acusada como mandatária da morte de seu marido Cypriano Ribeiro Dias Taques. Ainda envolvidos no crime, estariam Manoel, escravo de Maria Francisca de Campos e, Thomé, escravo da própria Maria Leite do Amaral¹³¹. Ou então, o caso da prisão banal de Maria do Bomdespacho, por ébria e turbulenta¹³². O caso da briga entre Emerenciana Maria da

¹²⁸ Ver: CHALHOUB, Sidney. **Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹²⁹ Para ver mais sobre a crise capitalista da escravidão brasileira da década de 1860: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia**. In.; MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo (Orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil, Estados Unidos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹³⁰ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 264, p. 1, QUI, 04/02/1864.

¹³¹ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 308, p.1, QUI, 08/12/1864.

¹³² A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 270, p.1, QUI, 17/03/1864.

Cruz e a escrava Joanna pertencente à Josefa Paes¹³³. Não obstante, temos o caso de Candido, escravo de Alexandre Pinto de Sousa, preso à requisição de seu senhor¹³⁴, um motivo de prisão que se repete demasiadamente no jornal.

Portanto, agora após nos deter nas relações entre o jornal e a Cadeia Pública de Cuiabá, que como vimos estiveram, mais ou menos, intimamente ligadas, depois de estudar as direções em que sopravam os ventos de modernidade no interior do Império brasileiro, bem como, alguns impactos da modernidade durante a década de 1860, vamos nos debruçar sobre outra seção de A Imprensa de Cuyabá, onde brancos e negros ocupavam um mesmo lugar de escravidão.

¹³³ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 309, p. 1, QUI, 14/12/1864.

¹³⁴ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 265, p. 1, QUI, 11/02/1864.

CAPÍTULO 3

COMPRA, VENDA E FUGAS DE ESCRAVOS: AS PECULIARIDADES NA SEÇÃO DE ANÚNCIOS

Neste capítulo vamos nos dedicar à apresentação dos discursos, práticas e representações relacionados aos escravos, presentes na seção de anúncios do jornal A Imprensa de Cuyabá. Como já exposto anteriormente, esta seção possuía uma função semelhante à de classificados dos jornais modernos, e era um dos espaços dentro da editoração dos jornais onde se podia perceber a presença de escravos, visto que, a maior parte do discurso jornalístico de A Imprensa de Cuyabá era direcionado para questões de natureza diversa, consideradas de primeira importância, em termos locais e/ou nacionais.

A temática relacionada à escravidão e suas vicissitudes, em geral, ainda hoje pode ser considerada um tabu que perpassa de maneira mais ou menos afirmativa várias esferas da sociedade brasileira, não é de se estranhar, portanto, que editores de jornais do século XIX, utilizassem de suas publicações para reverberar ideais e pressupostos relacionados a um escalonamento social em que os cativos figuravam como estrato mais abaixo do limiar civilizatório.

Dessa maneira, é intrigante e contraditório o modo como o discurso jornalístico é utilizado na seção de anúncios de maneiras mais ou menos convenientes ao propósito almejado pelo anunciante, traduzido pelos editores em anúncios de linguagem peculiar e característica, ora, ressaltando aspectos positivos dos escravos, ora, retratando seus aspectos negativos.

Na seção de anúncios de A Imprensa de Cuyabá, podemos verificar a existência de três modelos peculiares de anúncios onde encontramos menção a escravos, que são de compra, venda e fuga. Nos dois primeiros a representação dos cativos é apresentada no sentido de evidenciar aspectos físicos e intelectuais positivos, relacionados à domesticação, subserviência, habilidades laborais e perfil psicológico dócil. E no que diz respeito ao terceiro modelo, verificamos representações relacionadas à bestialidade, perspicácia ardilosa, vícios e perfil físico bastante detalhado para auxiliar na recaptura do fugitivo.

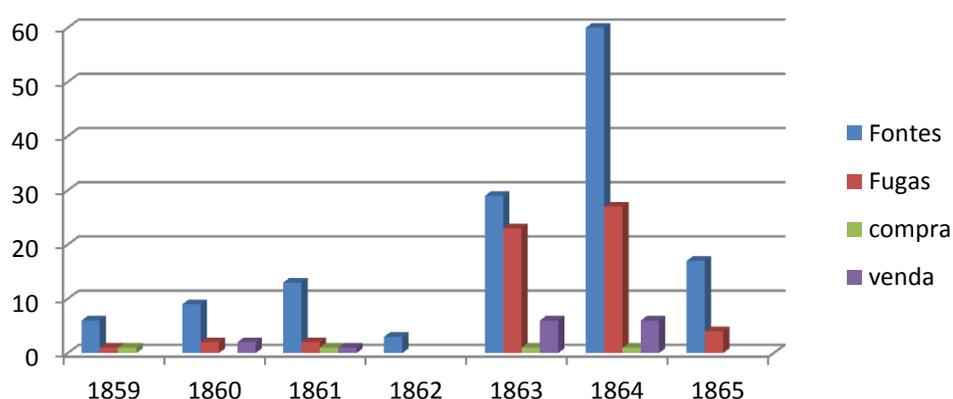
O enredo da presente história será apresentado em duas partes, relacionadas respectivamente, à diacronia e sincronia. Na primeira parte vamos abordar nossas fontes a partir de um ponto de vista diacrônico, ou seja, inseridas numa linha de tempo com a intenção de evidenciar aspectos de mudança e permanência, e para isso é especialmente importante a observação dos anúncios de fuga por serem mais numerosos, o que permite reunir uma série considerável de informações acerca do mundo social cuiabano onde a imprensa e a escravidão estão inseridos. E num segundo momento vamos adentrar no campo das representações dos cativos presentes nas publicações da seção de anúncios de A Imprensa de Cuyabá, apresentando e evidenciando tais representações, ou seja, referenciando aspectos simbólicos presentes nesses anúncios.

TABELA DE AMOSTRAGEM COMPARATIVA ENTRE ANÚNCIOS DE ESCRAVOS								
	1859	1860	1861	1862	1863	1864	1865	Total
Fugas	1	2	2		23	27	4	59
Compra	1		1		1	1		4
Venda		2	1		6	6		15

Tabela 1: Edição de S. L. K. Sott, 2018.

GRÁFICO COMPARATIVO ENTRE O VOLUME DE JORNAIS E ANÚNCIOS DE COMPRA, VENDA E FUGA, CONSULTADOS ENTRE 1859-1865

Gráfico 1: EDIÇÃO: S. L. K. SOTT, 2018.



Foram analisadas 127 edições de A Imprensa de Cuyabá, e encontrados 4 anúncios de compra, 15 anúncios de venda e 59 anúncios de fuga de escravos, com destaque para os anos de 1863 e 1864, devido ao maior volume desses anúncios, como podemos ver no gráfico 1. A maioria dos anúncios é relativa à fuga de homens com idade entre 20 e 40 anos, que prometiam recompensas de 50\$000 e até 100\$000 mil réis para quem ajudasse na recaptura do fugitivo. Por outro lado, os anúncios de compra e

venda por mais que sejam menos numerosos, nos revelam a existência de uma economia baseada no tráfico humano em Cuiabá, algo que evidencia o passado escravista da região.

Neste cenário escravista do século XIX encontra-se A Imprensa de Cuyabá e algumas peculiaridades da seção de anúncios, na qual podemos encontrar vestígios da presença escrava na cidade, em meio a uma enorme variedade de publicações que versavam sobre produtos e bens de serviço variados oferecidos ao público leitor. Encontram-se também nomes, de personalidades ilustres, como membros de elite do Partido Liberal e Conservador, bem como de inglórios miseráveis, como é o caso daqueles em condição de cativo.

Neste sentido, em meio aos anúncios de fuga nos chama a atenção o de Januario¹³⁵, crioulo, acusado e depois inocentado do assassinato do Tenente Coronel Laureano Xavier da Silva, um antigo membro do partido liberal que se filiara ao partido conservador pouco tempo antes de sua morte. Tal crime ficou envolto de mistério e de erros do judiciário local, sendo que se seguiram dois processos tentando dar conta de sua investigação, o primeiro processo tinha como réu Joaquim José Pereira, conhecido pela alcunha de Joaquim Ourives, sendo considerada a hipótese de atentado arquitetado pelo partido liberal, já que a própria vítima teria apontado esta suposição pouco antes de morrer.

Descartadas as primeiras suspeitas, pouco tempo depois um novo processo foi aberto tendo como hipótese que o crime seria motivado por uma vendeta entre Laureano, que atuava como procurador na recaptura de escravos, vítima de Francisco de Souza Canavarros, seu sobrinho José, e o escravo Januario. Entretanto, a confissão de culpa pelo crime, em leito de morte de João Valerio Rodrigues, açougueiro, em 1880, inocentou os três acusados¹³⁶. Segundo nos conta José de Mesquita¹³⁷, até mesmo o editor de A Imprensa de Cuyabá, Francisco Pereira de Moraes Jardim teria se envolvido na história, anos antes do fatídico crime, quando o Tenente Laureano, como procurador

¹³⁵ **A IMPRENSA DE CUYABÁ**. Ed. 248, QUI, 15/10/1863.

¹³⁶ Para mais informações acerca do assassinato de Laureano Xavier da Silva, ver: MESQUITA, José Barnabé de. **Evolução e Aspectos da Criminalidade em Cuiabá**. Revista de Direito Penal, Vol. XV, JUL, 1936. ; MACHADO FILHO, Oswaldo. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá(1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)**. TESE DE DOUTORADO, UNICAMP, 2003.

¹³⁷ MESQUITA, José Barnabé de. Op. Cit., 1936, p. 24.

do filho de José Luiz de Oliveira Machado, teria lhe “peitado”¹³⁸ para consumir os papéis da alforria de Januario, que alegava ter sido liberto em testamento pela viúva de Machado.

O caso do escravo Januario, sendo acusado de um crime motivado por anseios de liberdade frente ao sistema escravista que lhe era imposto, por mais que ao final das contas não tenha sido condenado por crime algum, também desvela o papel de sua agência dentro do sistema. O papel de um indivíduo em busca da manutenção de sua sobrevivência.

A figura de outro procurador também aparece nas páginas de A Imprensa de Cuyabá, é o caso do Tenente Coronel João Gualberto de Matos, do qual se tem poucas informações, entretanto pelo que se sabe chegou a Cuiabá pela primeira vez por volta de 1851, e teria sido possuidor de escravos, sendo que, segundo informações disponíveis no portal eletrônico Livre um de seus escravos de nome Luciano, morreu aos 58 anos, tendo sido enterrado no cemitério do Cai-Cai, em Cuiabá, cemitério este que foi construído para enterrar civis e militares que haviam voltado para a cidade depois da retomada de Corumbá, na Guerra do Paraguai, trazendo consigo a varíola¹³⁹.

Aparentemente, a “procuradoria” seria o ofício exercido por indivíduos de demasiado poder social de coerção, sendo este poder exercido primordialmente por militares, figurando estes dentro do estereótipo de força necessária para agir na recaptura de algum escravo fugitivo. Outros militares também compareciam assinando anúncios de fuga nas páginas de A Imprensa de Cuyabá, entretanto não podemos afirmar que eram todos procuradores de escravos já que não se apresentaram como tal nos anúncios coletados.

A predominância masculina é outra coisa que chama a atenção nos anunciantes da fugas, fato que reflete o viés patriarcal da sociedade cuiabana oitocentista, de modo geral. Constituída com base numa arquitetura social em que a posição social da mulher estava colocada num patamar inferior ao do homem, portanto não é de se estranhar que

¹³⁸ MESQUITA, José Barnabé de. Op. Cit., 1936, p. 24.

¹³⁹ ARINI, Juliana. **Veja os nomes de militares e civis sepultados no cemitério do Cai-Cai.** LIVRE, <http://olive.com.br/geral/veja-os-nomes-de-militares-e-civis-sepultados-no-cemiterio-do-cai-cai/6028> último acesso: 23/12/2017, 20:00h. Ver também: TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. **Em nome da civilização: o Mato Grosso no olhar dos viajantes.** Revista Trilhas da História. Três Lagoas MS, v. 2, nº 3, JUL-DEZ, 2012.

dentre todos os anúncios publicados entre 1859 e 1865, apenas quatro foram assinados por mulheres.

E prosseguindo com o enredo de nossa história, seguiremos então, para um estudo de quem e como eram os escravos representados na amostragem selecionada.

3.1. PERFIS DE ESCRAVOS FUGIDOS

No período estudado(1859-1865) foram encontrados anúncios sobre a fuga de 52 escravos, 34 homens e 18 mulheres, dentre os quais 24 crioulos, 14 cabras, 5 africanos, 1 pardo, e 8 dos quais a raça não foi especificada. Há também a indicação de profissões em alguns anúncios, sendo encontradas as de: alfaiate, marceneiro, préstimos de casa, militar, mestre de pedreiro, sapateiro, e lavadeira. Ao passo que se pode perceber a partir destes dados a predominância de profissões ligadas à esfera social urbana¹⁴⁰.

No perfil etário dos fugidos é predominante a presença de jovens do sexo masculino, algo que nos faz supor que por um lado a condição servil tivesse peculiaridades duras e cruéis para este grupo, e por outro lado que a periculosidade e os riscos relacionados à fuga tornavam esta ação mais dificultosa para ser empreendida por mulheres, especialmente considerando a posição geográfica da capital de Mato Grosso e seu relativo isolamento de outros centros populacionais de maior concentração demográfica. É neste sentido que pode ser explicada a presença de um único anúncio de fuga de escravo com mais de quarenta anos, é o caso do Crioulo Gabriel, que intentou conquistar sua liberdade fugindo do cativo imposto por Maria Luisa Moura aos cinquenta anos de idade¹⁴¹.

É interessante também apontar que o escravo Gabriel fugiu acompanhado da Crioula Eria, de quarenta anos, situação que pode indicar o motivo da peculiaridade diferencial entre o caso dos dois e o padrão encontrado em outros casos. E o motivo mais óbvio é que certamente seria muito mais cômodo e seguro se arriscar pelos sertões do Império brasileiro nos oitocentos ao lado de um conhecido, no caso do casal em questão, possivelmente em união conjugal.

¹⁴⁰ Crioulo: escravo africano nascido no Brasil; Pardo: mulato de pais africanos e europeus; Cabra: escravo negro sobre o qual não se podia determinar a ancestralidade legítima, mistura de raças, pejorativo. Fonte: KARASCH, Mary C. **A Vida Dos Escravos no Rio de Janeiro(1808 – 1850)**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁴¹ **A IMPRENSA DE CUYABÁ**. Ed. 266, QUI, 18/02/1864.

Em geral, as representações físicas presentes no discurso dos anunciantes evidenciam condições de cativo que podemos considerar demasiadamente deploráveis em relação à escravidão. Muitos escravos possuíam problemas de saúde, relacionados à higiene de sua dentição, bem como marcas deixadas por doenças como a varíola ou bexiga, a vesicatória¹⁴², o reumatismo, a tuberculose, desenvolvimento atípico do corpo ou má formação de membros, má alimentação, doenças de pele, cicatrizes de acidentes de trabalho ou moléstias provenientes de atividade laboral, e marcas de castigo.

Por outro lado, é interessante observar traços relacionados às manifestações culturais de nacionalidades impressas nos corpos dos escravos, como no caso do africano Antonio, de Augusto Correa da Costa, fugido com idade entre 20 e 25 anos, que possuía os dentes limados e pequenos sinais de sua nacionalidade na frente. Ou então, de Francisco Cassange, pertencente a Joaquim Faria da Costa, fugido com idade entre 30 e 40 anos, que possuía os dentes limados e uma orelha furada para por “bixa”¹⁴³.

Os escravos africanos eram mais comumente identificados pelos senhores nos anúncios por seu nome cristão e por mais alguma referência de nação, ou simplesmente como africano, como já observou Mary Karasch em seu livro sobre a vida dos escravos no Rio de Janeiro:

Ao anunciar escravos, os jornais acrescentavam descrições de escarificações étnicas, marcas de propriedade, estilos de cabelos e deformações físicas, tais como dentes limados. Assim a combinação de um sobrenome africano com uma descrição física rotulava um indivíduo como africano.¹⁴⁴

Entretanto, no caso dos fugitivos anunciados em *A Imprensa de Cuyabá* temos uma situação divergente da apresentada por Karasch nas amostragens da escravidão da capital do Imperial, é que o total de africanos entre os fugitivos anunciados no jornal foi inferior ao total de escravos brasileiros. Aparentemente, a incursão necessária para uma fuga bem lograda e os esforços inerentes a tal tarefa eram menos arriscados para os

¹⁴² Como era chamada a doença que causava pústulas e vesículas na pele. Ver também, Vesicante: Que ou aquilo que produz vesículas. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Editora Fronteira Nova, Rio de Janeiro, 1988.

¹⁴³ **A IMPRENSA DE CUYABÁ**. Ed. 223, DOM, 05/07/1863.

¹⁴⁴ KARASCH, Mary C.. *Op. Cit.*, 2000, p. 42.

indivíduos com um maior conhecimento acerca da língua portuguesa ou mais familiarizados com os costumes e práticas socioculturais do sertão meridional do Império.

Já observando o mérito dos anúncios referente à questão das recompensas oferecidas, é possível constatar que uma informação relevante para a recaptura de escravos do sexo masculino poderia render uma quantia em espécie superior a uma informação sobre uma fugitiva do sexo feminino. Em geral, o costume da época era o de oferecer 50\$000 mil réis por uma mulher e até 100\$000 mil réis por um homem.

Em alguns casos os escravos levam pertences seus, outras “peças de escravaria”, ou mesmo algum fruto de furto dos pertences do senhorio. Joaquim¹⁴⁵, por exemplo, cabra preto, de 30 anos pertencente a José Porfírio Antunes fugiu levando consigo um parolho de roupa de algodão grosso, calça e jaqueta de pano azul, e uma rede de algodão trançado riscado. Já Anselmo¹⁴⁶, cabra, de 25 a 30 anos, do Tenente José Eugenio Moreira Serra, fugiu levando uma faca cabo branco pequena, uma calça azul de pano grosso e uma de riscado trançado, uma rede de riscado miúdo azul e branco de punho postiço e franjado na beira, e uma mala ou saco de encarado. Joaquina¹⁴⁷, cabra de 30 anos pertencente a Alexandre Cerqueira Caldas, levou uma mala de roupa. Maria¹⁴⁸, Cabra de 25 anos, de José Filis de Aquino, levou uma cria sua de 1 ano e 3 meses. E a lavadeira africana, Marcolina¹⁴⁹, levou consigo duas dúzias de roupas que recebera para lavar.

Todavia, não raro os escravos fugiam apenas com a roupa de corpo, como o marceneiro Benedicto, pardo, pertencente à Leopoldina da Gama e Silva, levou camisa de algodão, calça branca e jaqueta de pano roxo. Matheus, africano de 40 anos, foi vestido de calça e camisa de algodão. O oficial de sapateiro Hilario, crioulo de 30 anos, foi vestido de camisa de algodão liso, calça e jaqueta de riscado e chapéu pelo de lebre.

Observando, por outro lado, os anúncios de compra e venda apresentavam como característica essencial a descrição positiva dos produtos que se desejava adquirir por meio de transação comercial. Neste sentido não é raro encontrar formulações

¹⁴⁵ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 04, DOM, 14/08/1859.

¹⁴⁶ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 210, DOM, 18/01/1863.

¹⁴⁷ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 246, QUI, 23/09/1863.

¹⁴⁸ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 244, QUI, 17/09/1863.

¹⁴⁹ A IMPRENSA DE CUYABÁ. Ed. 328. QUI, 18/05/1865.

discursivas de representações de escravos como sendo de “bonita figura”, “sadio”, “sem vícios nem achaques” ou, “bom para quase todos os préstimos”, sendo que tais representações nos fazem também questionar o discurso dos anunciantes a respeito da legitimidade da descrição, visto que contrastavam com a maioria das descrições dos escravos presentes na seção de anúncios. Todavia, seriam mesmo os escravos anunciados para venda mais preservados das vicissitudes e percalços do cativo, ou as descrições positivas desses indivíduos não passavam de mera estratégia de comércio dos vendedores?

Observamos também que os escravos colocados à disposição para o comércio em sua maioria eram jovens, de até no máximo trinta anos de idade, possivelmente, em razão da maior adaptabilidade ao novo cativo que seriam submetidos. Ora pois, neste sentido, aparentemente havia preferência por tais indivíduos, já que, os mais velhos, com família estabelecida, com alguma profissão formada, carregados de traumas físicos e psicológicos em virtude de anos da experiência como escravo, seriam menos adaptáveis às mudanças nas condições de cativo.

E finalmente, outro dado bastante peculiar nos anúncios de comercialização de escravos, é que a maioria dos anúncios desse tipo em A Imprensa de Cuyabá ofereciam mulheres para a venda, quadro que estabelecia um contraponto ao que se encontrava nos anúncios de fuga, onde havia predominância masculina.

3.2. REPRESENTAÇÕES DE ESCRAVOS NA SEÇÃO DE ANÚNCIOS

A partir de agora se dará seguimento ao estudo das representações de escravos presentes em anúncios publicados entre 1859 e 1865 em A Imprensa de Cuyabá, e as relações históricas presentes em âmbito macro e micro históricos no cenário social da região da capital da Província de Mato Grosso neste período. Neste sentido é interessante ter em mente que a imprensa em si, atua como produtora de sentidos em ordem polissêmica, como já apontava Jean Marie Goulemot¹⁵⁰, através de uma meta-linguagem, ou seja, é prosseguir em um estudo sincrônico do conteúdo de tais anúncios,

¹⁵⁰ GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. 4ª Ed. São Paulo, 2009.

a partir da evidência de elementos de discurso, práticas e representações sociais, presentes na linguagem das publicações.

A Imprensa do século XIX teve sua gênese ainda no final do século anterior, dessa mesma maneira, A Imprensa de Cuyabá foi um produto histórico da implementação e desenvolvimento da Imprensa Oficial do Império já no início dos oitocentos, e por conseguinte, da segunda fase da História da Imprensa Matogrossense, como é conhecido o período que abrange sua publicação entre 1859 e 1865¹⁵¹, visto que, à época a única tipografia da capital de Mato Grosso arrendada para o uso de particulares, passou pelo controle de vários grupos que, hora se identificavam como parte da Administração Provincial, hora se posicionavam em oposição ao governo. No caso do jornal em questão, seus editores se identificavam como oposição ao Governo de Antonio Pedro de Alencastro, posicionamento este que acabou gerando até mesmo alguns conflitos entre integrantes da Administração e os editores de A Imprensa de Cuyabá.

Ainda assim, foi o jornal responsável pela publicação das notícias da Imprensa Oficial da Província por mais de meia década. Por outro lado, em consequência de suas opiniões de oposição o padre Ernesto Camilo Barreto, que havia fundado o jornal junto com João de Souza Neves, chegou a ser preso e deportado para o Rio de Janeiro, sendo que este incidente culminou na demissão de Alencastro da presidência da Província. Neste sentido, a produção e difusão do conhecimento jornalístico em Cuiabá empreendida por este grupo que mantinha a periodicidade da publicação de A Imprensa de Cuyabá segue vinculada em diversas escalas sociais, a uma teia de acontecimentos históricos, o que nos possibilita, a modo próprio, observar relações e práticas sociais vivenciadas que abrangem desde a materialidade do impresso até os desdobramentos causados pelo discurso utilizado na construção linguística das publicações.

¹⁵¹ Para saber mais sobre as diferentes fazes da História da Imprensa Oficial de Mato Grosso é indicado: JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa Oficial de Mato Grosso: 170 anos de história.** Cuiabá, MT : Aroe, 2009.

A relação material com que os impressos mantinham com indivíduos de variados grupos sociais já foi apontada por Robert Darnton no caso Francês da publicação da Enciclopédia¹⁵²,

...O material com que se fabricava a página era tão importante quanto a mensagem nela impressa. Portanto, a história editorial deve levar em conta o ciclo do papel, uma história complexa que tinha início com os trapeiros mendigando panos velhos de linho no portão das casas burguesas e terminava com aqueles mesmos trapos retomando àquelas casas, transformados em páginas da Enciclopédia.¹⁵³

Portanto, devemos ser capazes de enxergar também, a empresa capitalista constituída pelos responsáveis de A Imprensa de Cuyabá como parte integrante de uma rede, que por vezes atua como estrutura sem deixar de ser estruturante, todavia, as histórias de vida de muitas pessoas, mais ou menos ilustres, se cruzaram em algum momento, direta ou indiretamente, com a história do próprio jornal enquanto empresa jornalística.

Por sua vez, é interessante perceber como o jornal ditado por Francisco Pereira de Moraes Jardim, refletia práticas e discursos da época relacionados à escravidão, apresentando em suas publicações, os escravos com base num imaginário social permeado de inflexões características de identidades e representações, ligados a estruturações e experiências, tanto em sua dialética objetiva e subjetiva, quanto como instrumento de interpretação histórica do passado da sociedade escravista cuiabana. É possível apreender nesta tarefa, como determinados grupos e indivíduos se organizavam dentro desta sociedade, e como se relacionavam entre si, através de vestígios da utilização de linguagem e de discursos escolhidos.

Os escravos e suas representações nos anúncios eram apresentados, essencialmente através de um paradoxo existencial que os colocava em diferentes posições de inferioridade social perante o contexto hierárquico da sociedade brasileira, alternando selvageria e subserviência como aspectos identitários individuais e coletivos, ora criminoso fugitivo, ora serviçal prestimoso. Ou seja, é a constituinte corroboração descritiva que permite ao historiador ensejar a reconstituição de experiências de vida de pessoas detentoras de uma agenda social marcada pelas garras da escravidão

¹⁵² DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800.** Tradução de Laura Teixeira Motta e Marcia Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁵³ DARNTON, R. *Op. Cit.*, 1996, p. 402.

institucional do Império. Por sua vez, as representações dos anúncios revelam práticas sociais mais ou menos objetivas acerca da constituição histórica de Cuiabá na década de 1860.

Segundo Roger Chartier¹⁵⁴, *com o decorrer dos anos, a noção de representação quase veio a designar por si só a história cultural*, entretanto, pondera que se fazem necessárias considerações. A primeira é que não devemos conceber as representações separadas do ideal de realidade, mas como parte integrante da mesma. A segunda é relacionada ao método de seleção de fontes, processo no qual o historiador não necessariamente deve optar pelo entrecruzamento de documentos diferentes, todavia, faça deliberadamente este procedimento caso seja necessária uma compreensão mais ampla sobre comportamentos, representações e práticas nas quais se produzem e se manifestam os fenômenos sociais.

Assim construído, o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder.¹⁵⁵

E acrescenta que,

...a noção de representação, assim, modificou profundamente a compreensão do mundo social. Obrigou, efetivamente, a repensar as relações que mantêm as modalidades da exibição do ser social ou do poder político com as representações mentais – no sentido das representações coletivas de Mauss e Durkheim – que dão (ou negam) crença e crédito aos signos visíveis que devem fazer reconhecer como tal um poder ou uma identidade.¹⁵⁶

Por este ângulo, o período imperial brasileiro é marcado por ideais de modernização e busca de civilidade como representações de uma identidade nacional em gênese, e neste sentido, o estudo da produção jornalística presente na editoração de *A Imprensa de Cuyabá* nos permite perceber que a capital da Província do Mato Grosso estava inserida numa ampla cosmogonia de produção e reprodução de conhecimento,

¹⁵⁴ CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras, Dourados, Ms, v. 13, nº 24, p.15-29, JUL/DEZ, 2011.

¹⁵⁵ CHARTIER, R. *Op. Cit.*, 2011, p. 20.

¹⁵⁶ CHARTIER, R. *Op. Cit.*, 2011, p. 20.

que possibilita verificar escalas sociais diversas em um universo gigantesco de representações, estratégias, racionalidades, perspectivas e trajetórias.

Neste sentido é interessante evidenciar as representações de escravos presentes em A Imprensa de Cuyabá, pois nos permitem observar aspectos ligados ao passado de uma região do Império brasileiro com passado escravista, palco de vivências e experiências de indivíduos que produziam tensionamentos numa tessitura social estabelecida em grande parte pela escravidão institucional vigente. Ou seja, construir uma história da escravidão e da imprensa de Cuiabá durante a década de 1860, usando como fonte preferencial vestígios da cultura material impressa no período.

Soma-se ao fato de que *não havia, no Brasil de 1860, qualquer prognóstico de que a escravidão viria em breve a ser colocada em xeque*¹⁵⁷, e nesse contexto, o conteúdo dos anúncios de jornais como de A Imprensa de Cuyabá, permite a ampliação do conhecimento histórico sobre a produção sociocultural na capital matogrossense, sendo o próprio jornal, vestígio, que para o historiador permite reconstituir *a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente*¹⁵⁸, ou seja, é o exercício de um procedimento de verificação da realidade histórica através da identificação e inteligibilidade de práticas e representações da imprensa, entendidas como fruto de uma época e um lugar.

Enfim, essa história, que se faz mais de estudos de casos do que de teorização global, levou os historiadores a refletir sobre as suas próprias práticas e, em particular, sobre as escolhas conscientes ou as determinações ignoradas que comandavam o seu modo de construir as narrativas e as análises históricas¹⁵⁹.

Portanto, a narrativa histórica presente nos anúncios de A Imprensa de Cuyabá nos revela práticas, representações, experiências de vida, aspectos físicos e psicológicos de agentes históricos em um meio ambiente social estratificado. Ou seja, o que se pode verificar, é a existência de um passado cultural carregado de *signos* entremeados em

¹⁵⁷ MARQUESE, Marquese, SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia.** In: MARQUESE, Marquese, SALLES, Ricardo (Orgs). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos.* 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 145.

¹⁵⁸ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.* Porto Alegre: Editora Universidade, UFRGS, 2002.

¹⁵⁹ CHARTIER, Roger. **A “nova” história cultural existe?** In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

uma tessitura social, que abrangeria desde funcionários de alto escalão da administração provincial até escravos em condições sociais de infortúnio e miserabilidade lastimáveis.

Afinal de contas, desde a virada entre os séculos XX e XXI até o presente a chamada Nova História cultural,

...não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes “letradas”, mas revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular¹⁶⁰.

Doravante, vamos prosseguir com o estudo histórico cultural das representações sociais de escravos presentes nos anúncios de A Imprensa de Cuyabá, buscando evidenciar formas de pensamento, práticas, experiências de vida, e mentalidades de homens e mulheres em situação de cativo. Assim sendo, apoiados na noção de *cultura*, da mesma maneira, que a história política relaciona-se à noção de *poder*, ou que a história demográfica relaciona-se ao conceito de *população*, e assim por diante. Contudo, *cultura*,

É um conceito extremamente polissêmico, notando-se ainda que o século XX trouxe-lhe novas redefinições e abordagens em relação ao que se pensava no século XIX como um âmbito cultural digno de ser investigado pelos historiadores¹⁶¹.

3.2.1. OS VICIADOS EM AGUARDENTE

A aguardente foi um produto muito apreciado pelos escravos nas Américas desde o período colonial¹⁶², dessa maneira, serviu de referência para a introdução de uma legislação específica para regulamentação de seu uso, chegando até a ser proibida durante alguns períodos¹⁶³ para evitar determinadas práticas sociais dos escravos relacionadas à embriaguez, sendo que, muito recorrente é se deparar com algum anúncio

¹⁶⁰ VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

¹⁶¹ BARROS, José D’Assunção. **História cultural: um panorama teórico e historiográfico**. Textos de História, v. 11, nº 1/2, 2003.

¹⁶² Para aprofundamento sobre este tema recomendamos a leitura de: RICARDO, Raphael Martins. **A cachaça nos dois lados do Atlântico: produção, comércio e proibição**. DISSERTAÇÃO(Mestrado), UNESP, Assis, 2014.

¹⁶³ RICARDO, Raphael Martins. Op. Cit., 2014.

de fuga em A Imprensa de Cuyabá, no qual é possível verificar a representação de um escravo ou escrava identificado como viciado em aguardente. Como segue o anúncio abaixo.

De João Vieira Honorio de Almeida fugio um escravo de nome benedicto, cabra, idade de 40 annos mais ou menos, muito barbado, e já bem pintado de caballos brancos, desdentado, alto, grosso, com um grande golpe na testa, muito dado ao vicio de agoardente, e foi visto nesta cidade, no dia 9 de Setembro, na rua da Sé, quem o pegar e levar na rua Formoza, casa nº 34, serà gratificado.¹⁶⁴

Neste anúncio que versa sobre a ação de fuga de Benedicto, um adulto que hoje seria considerado de um indivíduo de meia idade nos dias atuais, temos a representação de um indivíduo de aspecto velho e castigado por sua condição de vida em cativo, e que provavelmente viveu toda sua vida assim. Dado ao vício da embriaguez como forma de suavizar o esforço de sobrevivência numa sociedade sob a perspectiva da constante agressão física e simbólica, o caso do cabra Benedicto exemplifica a existência de indivíduos comuns em Cuiabá que se destacaram de alguma maneira excepcional, cujas histórias, ou parte delas, é possível vislumbrar através do discurso jornalístico dos anúncios de A Imprensa de Cuyabá.

De Ignacio Joze de Sampaio fugio no dia 18 do corrente mez de Abril um escravo de nome Fellipe, creoulo, de 30 annos mais ou menos, cego de um olho, anda meio penso, baxo, grosso e dado ao vicio de beber aguardente: quem o aprehender e levar a rua Augusta nº 10 serà bem gratificado. assim como protesta-se nos termos da lei contra quem o acoutar¹⁶⁵.

Eis então, o exemplo de Fellipe, outro escravo que tentou conquistar sua liberdade através da fuga de suas más condições de vida em cativo. Um homem com problemas de saúde aparentes na evidenciação de sua representação no anúncio em questão. Além do mais, sua história também pode exemplificar vestígios de práticas sociais relacionadas ao uso da cachaça, afinal de contas, sob a perspectiva da História Social, podemos observar este indivíduo como pertencente a um grupo que mantinha o uso recreativo da cachaça, atividade que se opunha até mesmo a regulamentações legislativas vigentes. Todavia, a apresentação de vestígios de tais práticas demonstra a existência de indivíduos e espaços destinados ao consumo da cachaça, bem como,

¹⁶⁴ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 07/10/1863 – Ed. 247.

¹⁶⁵ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 05/05/1864 – Ed. 277.

revela a existência de um microcosmo social que por sua vez se relaciona com diferentes escalas de nível macrocômico.

Vejamos por outro lado, no anúncio do africano Francisco, que a cachaça era apreciada, também pelos escravos africanos, desta maneira, surgem questionamentos como, esses viciados, amantes da aguardente frequentaram em algum período o mesmo estabelecimento para adquirir a cachaça? Será que se conheciam esses escravos? Reuniam-se, como se organizavam e para que finalidade? Havia práticas culturais relacionadas ao uso da cachaça?

Ao abaixo assignado fugio a 15 de Maio do corrente um escravo de nome Francisco de nação cassange, idade de trinta a quarenta annos, estatura baixa, cor preta, com dentes limados, pouca barba, tem um carocinho na testa que pouco se percebe, uma orelha furada para pôr bixa, as pernas acambaladas, pés pequenos, è bem amante d'agoardente: quem o prender e levar a casa n°63 da rua Bella do Juiz será bem gratificado, assim como protesta por este contra quem o houver acoutado. Cuiabá 1 de Junho de 1863 Joaquim da Costa Faria.¹⁶⁶

O interessante é perceber que a afirmativa de uma ou mais das questões levantadas, já sugere um quadro baseado na vivência de uma agenda social dos escravos que residiam em Cuiabá. É ser capaz de investigar trajetórias de vivências humanas através de filtros de observação e análise das fontes jornalísticas, que por si só já podem ser constituídas em material de observação historiográfica.

As representações do imaginário contemporâneo atribuíam ao negro características de decadência, violência, dependência e degeneração, desta forma, o discurso em tom bastante pessoal, característico da linguagem da seção de anúncios, com suas publicações na maioria das vezes redigidas por anunciantes iletrados, retrata os escravos de uma maneira menos formal, é assim que podemos encontrar expressões corriqueiramente utilizadas, ressaltando a falha de conduta moral de um individuo “muito dado ao vicio”, “amante de agoardente”, “gosta de cachaça” para identificar os escravos com relação ao seu vicio.

3.2.2. OS LADINOS

O termo “ladino”, na antiguidade, era utilizado para designar aqueles que aprendiam melhor a língua latina e porque eram tidos como mais ajuizados e discretos,

¹⁶⁶ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 05/07/1863 – Ed. 223.

por sua vez, os portugueses passaram a utilizar esta designação para identificar aos estrangeiros que falavam melhor sua língua e aos escravos que eram mais “espertos” e mais capazes para aquilo que lhes era encomendado. É sinônimo¹⁶⁷ de não rude, manhoso, astuto, artiloso, perspicaz, pilantra, ou seja, qualidades essenciais para um escravo que se dispusesse a intentar fuga, como podemos observar no anúncio sobre Felizarda:

A Manoel Ferreira Velho, fugio ou desapareceu na Rua da mandioca desta cidade, no mez de Março ultimo, uma escrava cabra de nome Felizarda de doze annos, feição cumprida, cabellos meio solto, muito ladina, quem aprehender e trazer na rua Direita nº20 será bem gratificado, bem como protesta-se com todo o rigor da Lei contra quem a acoutar. Offerece-se a mesma escrava para quem a quizer comprar e trata-se na mesma casa Rua nº20.¹⁶⁸

Nossos caminhos voltarão a se cruzar com os de Felizarda em um momento oportuno para falar de outras questões, todavia, o que pretendemos observar agora é sua representação descrita por seu senhor Manoel Ferreira Velho, de que era muito ladina a jovem escrava, a tal ponto que no mesmo anúncio de fuga no qual se oferece recompensa por sua recaptura, ela é oferecida a quem lhe queira comprar. Ou seja, aparentemente, temos um caso de uma fugitiva bastante peculiar, da qual trataremos mais a frente por uma representação distinta e específica que ampliará a maneira de olhar sobre a dita cabra.

É importante ainda, ressaltar que falamos de uma mulher e que não se trata de um caso isolado e sem ligação com esferas sociais distintas, visto que, as representações dos ladinos e das ladinhas sugerem a existência de indivíduos que se destacam a sua maneira, e que como grupo compartilham práticas comuns. Outro caso de fuga anunciada empreendida por uma mulher foi o de Barbora, vejamos.

Acha-se fugida a três para quatro annos uma escrava de nome Barbora pertencente a herança do commendador João Poupino Caldas, cabra, idade de trinta e quatro annos mais ou menos, estatura regular, cabellos quase ruivos, olhos grandes, sombrancelhas encontradas, pescoço fino, nariz chato, beizuda, com princípios de dentes da frente apodrecendo quando fugio, desbarrigada, peito, pés e mãos pequenos, falla desembaraçada, dada ao vicio de beber agoardente, activa e prestimosa bastante para todo o serviço: quem a pegar e levar a casa do abaixo assignado no becco do Candieiro n. 11 será bem gratificado, assim como protesta nos termos da Lei contra quem a acoutar – Tem-se

¹⁶⁷ Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Editora Fronteira Nova, Rio de Janeiro, 1988.

¹⁶⁸ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 05/11/1863 – Ed. 251.

noticias de que vaga pelas partes da Freguezia de N. S. do Rosario do rio acima e Villa do Diamantino com o nome de Luiza e não se duvida vendel-a por preço razoavel. Francisco Fernandes da Silva Tavares.¹⁶⁹

Ora, pode nos faltar um conhecimento profundo sobre a história da fugitiva, entretanto, é possível apreender boas informações a respeito de como foi representada no anúncio que se seguiu acima. Trata-se da descrição de uma mulher que vivia trabalhando em serviços domésticos, com uma saúde muito menos castigada comparada a de um escravo homem, que vivesse da lide no campo ou com serviços mais pesados na cidade. Dada a beber aguardente, Barbora é caracterizada por sua fala desembaraçada e por sua personalidade astuta, qualidades que como foi anunciado lhe renderam três ou quatro anos de fuga lograda, período em que chegou a mudar de nome para manter a liberdade que havia conquistado não se deve supor, a poucas custas.

A inteligência e a esperteza eram características extremamente necessárias para o êxito de uma fuga bem lograda, dessa maneira a representação de indivíduos de personalidade ladina é corriqueiramente apontada como traço descritivo, de mulheres e homens, como no caso do anúncio de fuga de Joaquim.

Fugio desta Cidade, no mex de Março, um cabra preto de nome Joaquim, idade de 30 annos, estatura regular, cheio do corpo boa dentadura, falla desenbaraçado, e é bastante estouvo no trabalho, É natural desta Provincia, filho de uma escrava do Sr. José Pinho Viegas” ... “o levou um parolho de roupa de algodão grosso, uma calça e jaqueta de panno azul, e uma rede de algodão trançado riscado. Julga-se que anda nas immediações do Pirahin, ou Pirisal onde foi apprehendido o outro escravo Berredino, pardo, que tinha fugido junto com elle. Quem o prender e levar á seo Sr. José Porfirio Antunes, na rua da Sé, terá a gratificação de 100\$000 reis.¹⁷⁰

O cabra em questão demonstra sinais de haver planejado por algum tempo sua tentativa de fuga, visto que, fugiu acompanhado de outro escravo, levando até mesmo alguns pertences, que já lhe haviam garantido cinco meses de liberdade, quando à data do anúncio publicado em A Imprensa de Cuyabá. Não se sabe qual o fim levou Joaquim, contudo, é certo que sua perspicácia artilosa representada no discurso do anúncio aliada à inteligência desenvolvida pelo convívio familiar próximo de sua mãe, como se sabe através do mesmo anúncio lhe assegurou o logro, ao menos momentâneo, de sua fuga.

¹⁶⁹ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 10/02/1861 – Ed. 90.

¹⁷⁰ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 14/08/1859 – Ed. 4.

Outro caso peculiar é o do jovem Antonio, vejamos.

Ao Major Felix de Miranda Rodrigues fugio um crioulo de nome Antonio de 14 annos de idade, espigado...ilegível...e mãos descarnados, testa grande, sabe ler e escrever, tem officio de alfaiate, desconfia-se que esteja aqui mesmo na cidade. Gratifica-se generosamente à quem d'elle der noticias ao apprehendel-o, assim como protesta-se com todo rigor das leis contra quem o tiver acoutado.¹⁷¹

Um crioulo de quatorze annos de idade, detentor de conhecimentos de uma profissão especializada e, sobretudo, letrado. De fato, ainda que não seja possível verificar o nível de alfabetização de Antonio, é notável a existência de um jovem escravo representado de acordo com um nível de inteligência acima da média, até mesmo se comparado com a população branca da região e do Império, que se enquadrava em níveis de analfabetismo altíssimos¹⁷². Portanto, a representação de Antonio no anúncio de sua fuga exemplificava, dentre outras coisas, a representação do ladino fugitivo.

3.2.3. FLORENCIA E MARCOLINA: LADRAS FUGITIVAS

No dia 09 de Setembro de 1860, o Dr. João Adolpho Josetti publicou anúncio denunciando a fuga de uma escrava sua, de nome Florencia, da qual não revelou muitas informações a respeito, entretanto, sua representação da fugitiva, é interessante por revelar aspectos ligados ao imaginário da sociedade escravista cuiabana.

Ao Dr. João Adolpho Josetti fugio a 28 de agosto do corrente uma escrava Florencia, creoula, que havia commettido um furto em casa; quem a apprehender e levar ao seo senhor será gratificado, assim como protesta-se contra quem a tiver acoutada.¹⁷³

Trata-se da representação de uma ladra, repare-se que o anunciante teve apenas o trabalho de utilizar em seu discurso a figura descritiva de uma ladra, sem mesmo atentar para descrições físicas mais elaboradas de Florencia, como sua idade, altura e características corporais. Josetti se utilizou de um artifício de atribuição de aspectos

¹⁷¹ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 24/06/1860 – Ed. 6.

¹⁷² FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLOW, Daniel. **Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais**. Educação & Realidade, 29(2), JUL-DEZ, 2004.

¹⁷³ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 09/09/1860 – Ed. 60.

negativos relacionados à negra, aspectos do imaginário que viriam a se fazer presentes na sociedade brasileira, mesmo após a Abolição, e que, se contrapunham a imagem do branco trabalhador, proprietário.

O que está diante de nossos olhos é um exemplo da divisão social baseada em critérios abstratos de valoração e segregação racial, e que representavam uma sociedade dividida de maneira desigual, cuja sólida e sórdida herança é defendida por extratos da classe média e grupos da elite brasileira, e se faz perceptível até os dias atuais nas incursões policiais ou nos discursos relacionados à criminalização de práticas atribuídas a negros e pobres¹⁷⁴. Neste sentido, a evidenciação do discurso de Josetti revela aspectos de um imaginário social que determinavam o posicionamento social tácito e abstrato de Florencia que, entretanto, refletia práticas e representações atribuídas à população negra, ou nas palavras de Célia Azevedo, ao inimigo interno¹⁷⁵.

Outro caso de representação de ladra fugitiva é o da escrava africana, Marcolina, como segue o anúncio de seu senhor:

Ao abaixo assignado fugio do sitio, no dia 3 do corrente mez uma escrava Affricana de nome Marcolina, que foi de D. Maria José (Snrº Vida), levando duas dúzias de roupas da família que recebera para lavar: quem a aprehender, ou capturar, e leval-a ao mesmo abaixo assignado receberá boa gratificação, querendo. Belizario José Maria da Costa.¹⁷⁶

Como se pode ver na descrição de Marcolina, feita por Belizário, além da representação de uma ladra, temos a qualificação material dos objetos furtados, como também, podemos identificar na dita fugitiva alguma especialização laboral. Contudo, o texto do anúncio é enxuto como o do anúncio de fuga de Florencia, neste sentido, pretendemos reiterar a existência de mentalidades relacionadas à criminalização do negro, presentes no imaginário oitocentista brasileiro, e conseqüentemente, no

¹⁷⁴ Vale conferir sobre o tema SAAD, Luísa Gonçalves. **“Fumo de negro”: a criminalização da maconha no Basil (1890-1932)**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. ; CYMROT, Danilo. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

¹⁷⁵ AZEVEDO, Celia Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2004.

¹⁷⁶ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 18/05/1865 – Ed. 328.

imaginário dos cuiabanos. Bem como, evidenciar o reducionismo social atribuído às duas escravas em questão.

3.2.4. O ESCRAVO CURURUEIRO

O cururu praticado em Cuiabá e Mato Grosso, no século XIX, pode ser percebido como uma dança de roda acompanhada de canto e música. À medida que os cururueiros movimentavam-se em círculo, eles desenvolviam cantos em versos, principalmente em forma de louvores e desafios, sobre os mais variados temas. Dentre os instrumentos responsáveis pela musicalidade nessa manifestação cultural destacavam-se o cocho, o caracachá e o adufe.¹⁷⁷

A descrição acima do Cururu¹⁷⁸, por Cleber Alves Pereira Junior¹⁷⁹, apresenta as características gerais dessa prática, muito comum entre os escravos e indivíduos provenientes de diversos grupos sociais da cidade. Tal prática como nos conta o próprio Pereira Junior, era considerada *uma atividade insípida, burlesca, desagradável*, pelas elites e grupos dominantes locais.

Isso não quer dizer que os lavradores, camaradas, agregados, prostitutas, costureiras – livres pobres de uma maneira geral – e os escravos que apreciavam o cururu, não se insubordinassem contra os mecanismos de controle do poder institucional. Pelo contrário. Esses indivíduos marginalizados davam vazão aos seus desejos e sentimentos, se constituíam como sujeitos históricos e frequentemente, reunidos nos famigerados ajuntamentos, tão receados pelas elites, folgavam o cururu à revelia de qualquer permissão alheia às suas próprias vontades.¹⁸⁰

Talvez a maior preocupação dos indivíduos e grupos que exerciam seu poder político e econômico em Cuiabá e na Província de Mato Grosso, era o de *otimizar a força de trabalho da população e em reproduzir os comportamentos da corte, considerados elegantes e civilizados*, dessa maneira, o ato de sair escondido do cativeiro, representava uma afronta por parte dos escravos, *frente a um sistema que se esforçava em anular a subjetividade dessas pessoas, sem nunca consegui-lo totalmente*.

Nesse contexto, encontramos a história do escravo Roberto, denunciado como fugitivo nas páginas de A Imprensa de Cuyabá, vejamos o anúncio.

¹⁷⁷ PEREIRA JUNIOR, Cleber Alves. **O Cururu como fonte de resistência escrava na Cuiabá Imperial**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Universidade Federal do Piauí-UFPI, Teresina, 2012.

¹⁷⁸ Para saber mais sobre o Cururu: DRUMMONT, Arnaldo F.; RAMOS, Otavio. **Função do Cururu**. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

¹⁷⁹ PEREIRA JUNIOR, Cleber Alves. *Op. Cit.*: 2012.

¹⁸⁰ PEREIRA JUNIOR, Cleber Alves. *Op. Cit.*: 2012.

De Francisco Jorge d'Albuquerque Nunes, proprietário engenheiro, e morador no lugar denominado – Itaacy – Districto de Santo Antonio do Rio abaixo fugio em fins d'Agosto PP. Um escravo de nome – Roberto, - natural desta Provincia, alto, corpo regular, boa figura, gosta de caxaça, dança e canta corurú: quem prender ou levar apadrinhado¹⁸¹ o dito escravo ao engenho do annunciante, ou entregar nesta Cidade na rua Augusta, casa nº 12 sera gratificado com 50\$000 reis(querendo). Cuiabá 5 de Outubro de 1863. F. J. d'Albuquerque Nunes.¹⁸²

Temos no caso de Roberto a peculiaridade da representação de um cururueiro, dado ao consumo de cachaça, que *não era fato incomum os cururueiros consumirem bebidas alcoólicas, principalmente a aguardente*¹⁸³, de boa aparência, fato este incomum entre o perfil geral dos escravos fugitivos anunciados em A Imprensa de Cuyabá, e que sabemos pelo próprio anúncio, natural da Província, e morador de área rural próxima da Capital. O caso do escravo Roberto e sua representação são interessantes, pois através da apreciação das relações entre o micro e macrocosmo que estava inserido, percebe-se o exercício de uma agenda social, que culminou em sua fuga, ao menos até o ponto de sua história passível de verificação, com relação às fontes disponíveis.

3.2.5. ACOUTADA POR SEDUÇÃO

A escrava Felizarda, da qual já falamos anteriormente, nos proporciona a observação de outro caso bastante peculiar.

Ao Sr. Manoel Ferreira Velho, morador na Fazenda de Santa Luzia (em Piquiry) fugio há 5 ou 6 mezes a esta parte uma escrava de nome Felizarda, cabra, de idade de 12 annos mais ou menos, espigada, feição cumprida, de olhos bastante vivos, bem fallante. O sabendo quase todos os préstimos indispensáveis para uma casa de família; durante este tempo apresentou-se voluntariamente por duas vezes ao seu cunhado o Sr. Tenente Luiz Antonio da Silva, que mandou leval-a apadrinhada a sua mestra a Sr^a. Rita Honorio de Jesus na rua da mandioca; na terceira fugida porem nada até o presente consta a respeito d'ella. Desconfia-se que ou por seducção ou por aborrecimento da aprendizagem, esteja acoutada n'alguma casa desta cidade: se alguém leval-a ainda mesmo apadrinhada, á casa do abaixo assignado,

¹⁸¹ Apadrinhado: Escravo protegido por outra pessoa. Uma relação que se estabeleceu com o objetivo de proteger o escravo fugitivo do castigo que poderia receber de seu senhor. O escravo fugido solicitava a proteção de uma pessoa, o padrinho, para que esse intervisse junto ao proprietário. Fonte: OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Vocabulário controlado sobre escravidão, abolição e pós-abolição: a representação dos conceitos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2015.

¹⁸² A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 07/10/1863 – Ed. 247.

¹⁸³ PEREIRA JUNIOR, Cleber Alves. *Op. Cit.*: 2012.

será bem gratificado. Querendo – Também a vende por preço razoável, e quem quiser comprar-a dirija-se ao mesmo abaixo assignado, que se acha para isso autorizado pelo mesmo Sr. Ferreira Velho. Luiz Leque.
184

Estamos diante do anúncio de fuga de uma escrava muito jovem, ainda menina, bastante esperta, inteligente, era também muito ladina segundo seu senhor, que tentou fugir de seu cativeiro em diversas ocasiões, e que aparentemente se escondia na própria cidade de Cuiabá enquanto fugida. Uma escrava que soube utilizar sua inteligência a seu favor na medida em que, para retornar ao convívio do cativeiro de sua senhora Rita Honorio de Jesus, buscou o auxílio de um padrinho que pudesse intervir junto a sua proprietária e, sobretudo mais interessante, possivelmente, após a terceira e última fuga, acoutada por sedução.

A História das mulheres¹⁸⁵ tem sido um tema abordado de maneira recorrente por historiadores e historiadoras desde a década de 1990, assim como a sexualidade, o amor, a intimidade. Neste sentido, a mera possibilidade da vivência de um romance por uma escrava nos recantos interioranos do Império é algo que se sobressalta aos olhos, por abrir um leque de eventualidades e perspectivas para a escrita da história da jovem Felizarda, por sua vez, a história desta jovem escrava é também parte da história das mulheres, ainda que uma pequena parte, e ainda que não se possa saber toda a sua história.

Estamos falando de um caso de amor extraconjugal em meados do século XIX, algo que por si só poderia ser objeto de estudo, visto que a sexualidade, em geral, era bastante reprimida no cotidiano do Brasil, quadro este que se apresentava desde os tempos coloniais, marcado por forte intervenção da Igreja Católica e do Estado. *O sexo*

¹⁸⁴ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 10/09/1863 – Ed. 243.

¹⁸⁵ Alguns exemplos de obras e trabalhos que ensejam a História das Mulheres no Brasil e no mundo, incluindo trabalhos sobre escravas: SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter(Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. ; BECKLES, Hilary. **Os domínios do prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual**. Revista Outros Tempos, V. 8, N. 12, Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana, DEZ, 2011. ; DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.; DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. ; RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995. ; CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Cartografia das amas-de-leite no Rio de Janeiro ou exercício de decifração de marcas de corpos cativos impressas no imaginário oitocentista**. Revista Maracanã, Rio de Janeiro, n.4, 2007/2008.

*era restrito exclusivamente à procriação*¹⁸⁶, todavia no imaginário da época a mulher negra ocupava uma posição relacionada ao desejo e a sedução, contrastando com a posição das mulheres brancas que eram relacionadas à castidade e pureza sexual. Gilberto Freyre¹⁸⁷ já chamou a atenção para estes papéis, um dos quais, possivelmente vivido por Felizarda. Estaria a dita escrava realmente envolvida amorosamente com alguém? Quem seria seu amante? Teria o próprio Tenente Silva se envolvido intimamente com a fugitiva em algum momento? As suposições poderiam ser diversas a respeito da trajetória da jovem menina escrava, e não seríamos capazes de encontrar respostas adequadas para todas, entretanto, a excepcionalidade do caso é certa, por várias razões.

O fato é que a história de uma personagem tão pequena e insignificante comparada a algo como a derrocada da escravidão ou aos movimentos sociais que levaram ao fim do Império, também é História Social. E pensar a história a partir de pontos de vista microssociais permite enxergar vivências e episódios como os de Felizarda, o que não quer dizer abordar isoladamente uma história de vida ou um acontecimento. Quer dizer perceber como esses indivíduos estão ligados a diversas esferas da sociedade e aos sujeitos que as compõem, sobrevivendo de acordo com uma agenda social, mais ou menos flexível, quanto a interferências externas, seja de micro ou macrocosmos sociais.

3.2.6. SEM VICIOS NEM ACHAQUES:

OS ESCRAVOS BONS PARA QUASE TODOS OS SERVIÇOS

Os anúncios nos quais o anunciante pretendia divulgar interesse na compra de escravos também nos proporcionam uma interessante observação de representações peculiares acerca da mercadoria que se desejava obter, como podemos ver no anúncio abaixo.

Compra-se um escravo de 18 á 20 Annos que seja de bonita figura, e não tenha vicios nem achaques: na rua bella do Juiz n.º22.¹⁸⁸

¹⁸⁶ DEL PRIORE, Mary. *Op. Cit.*: 2011.

¹⁸⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª Edição, São Paulo: Global, 2003.

¹⁸⁸ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Dom. 07/08/1859 – Ed. 3.

O que se percebe no discurso utilizado é a tentativa de valorização da mercadoria desejada, algo que se mostra em consonância com o assinalado por Jorge Euzébio Assumpção¹⁸⁹, ao tratar do tema de compra e venda de escravos no Rio Grande do Sul oitocentista:

O senhor escravista fazia da compra e venda de seu escravo -e por escravo entendam-se: trabalhadores escravizados -um negócio, onde o vendedor tentava de todas as formas aquilatar o seu “produto”, colocando-o quase à beira da perfeição para super valorizá-lo; enquanto o comprador de seres humanos reduzidos ao cativo, tentará reduzir o preço daqueles que foram vítimas do maior holocausto da humanidade, que foi a escravidão negra.

Não obstante, reservadas as diferenças entre as situações apresentada, bem como, preteridas maiores elaborações acerca da opinião contundente do autor acerca da escravidão, podemos perceber uma semelhança na intencionalidade do discurso do anúncio acima exposto e aquilo evidenciado na fala de Assumpção, afinal de contas, por mais que o comprador quisesse efetuar sua compra pelo menor preço possível, ainda assim, não se pode negar seu desejo de adquirir o melhor “material” que estivesse à disposição no mercado.

As representações encontradas de maneira geral nos anúncios de compra e venda são relacionadas à domesticação, subserviência e empenho laboral dos escravos, sempre com características físicas e psicológicas positivas, ou seja, verifica-se o empreendimento de um discurso próprio do comércio, e as razões são bastante óbvias, quem se disponibiliza a vender quer que seu negócio seja efetivado com a maior margem de lucratividade possível

Vejamos então outro exemplo.

Vende-se por muito commodo preço uma escrava meia idade sem vícios, rohesia, com quaze todos os préstimos para uma caza de família, para ver e tractar dirija-se a rua da Esperança, casa, entre o n°. – 9 –e 11-. Cuiabá7 de Fevereiro de 1864. Antonio Rodrigues d’Araujo Junior.¹⁹⁰

No caso do anúncio de venda de Rohesia por seu senhor, podemos perceber de forma explícita a representação da escrava domesticada e subserviente, a qual possui

¹⁸⁹ ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. Compra e venda de trabalhadores escravizados. *In*: SCHERER, Jovani de Souza; ROCHA, Márcia Medeiros(Orgs). **Documentos da escravidão: compra e venda de escravos: acervo dos tabelionatos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Companhia Rio Grandense de Artes Gráficas, 2010.

¹⁹⁰ A IMPRENSA DE CUYABÁ, Qui. 25/02/64 – Ed. 267.

“quase todos os préstimos para uma caça de família”, sem vícios, modelo que se pode verificar com regularidade nos anúncios comerciais da escravidão, na capital de Mato Grosso, como em outras regiões do país, como destacou Rafael da Cunha Scheffer¹⁹¹ em sua dissertação de mestrado que aborda aspectos da escravidão em Desterro, atual Florianópolis, utilizando-se de anúncios de compra e venda publicados em jornais oitocentistas, estabelecendo a *busca pela construção de um panorama do comércio de escravos na capital catarinense*, Scheffer afirma que:

Nestes anúncios, observamos de maneira clara como a escravidão estava firmemente enraizada nas práticas e mentalidades dos habitantes de Desterro, como do resto do país. A mentalidade deste comércio de indivíduos e mesmo de famílias aparece incontestada até a década de 1880.¹⁹²

Cabe também ressaltar a perspectiva de Ana Josefina Ferrari¹⁹³, com relação ao discurso dos anúncios de jornais referentes à escravidão, de maneira que aos olhos do historiador, enxergando as entrelinhas dos anúncios, se pode humanizar o escravo mercadoria/objeto, no sentido que sustenta a hipótese que *no discurso do senhor de escravos publicado nos anúncios de jornal, que aparece uma imagem pública, individualizada e singular do escravo*, ou seja,

Ele passa a ter rosto, pernas, braços, marcas, bem como um caráter, preferências, ofício. Todos esses elementos, vistos através dos olhos do senhor, ou do feitor, que seria o porta-voz desse(do escravo), observam e descrevem o escravo, o adjetivam e, através desse gesto, (in)formam sobre o escravo e o constituem como sujeito singular.¹⁹⁴

Neste sentido, estudar a representação de Rohesia, a partir da descrição de Antonio Rodrigues d’Araujo Junior, seu proprietário na época do anúncio de sua venda, adquire ainda, um caráter antropológico de abordagem da história, através da enunciação individual de um sujeito e suas relações subjetivas com estruturas macrossociais, componentes do Estado Imperial Brasileiro. Em outras palavras, de um ponto de vista microssocial, o caso de Rohesia, permite observar relações individuais de sujeitos históricos relacionados às escalas socioeconômicas de Cuiabá, ora, como

¹⁹¹ SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

¹⁹² SCHEFFER, R. da C. Op. Cit., 2006, p. 57.

¹⁹³ FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Campinas-SP, 2001.

¹⁹⁴ FERRARI, A. J.. Op. Cit., 2001, p. 18.

componentes ou produtos, ora, como produtores sociais, frente às estruturas do sistema escravocrata brasileiro.

CONCLUSÃO

Os dias e noites em claro, meses a fio, deram a meu rosto uma preocupante palidez. Meu corpo, confinado aos limites estreitos do laboratório, tornou-se uma lembrança do que era. Muitas vezes, quando me julgava na iminência de resolver um problema complicado, como dar vida a um feixe de nervos ou devolver a luz a um olho, eu fracassava. Então me agarrava à esperança de que, no dia seguinte, triunfaria — o que inevitavelmente acontecia.

Frankenstein – Mary Shelley

A tarefa de pesquisar um período longínquo como é o século XIX é demasiadamente árdua, especialmente por se tratar de uma época muito diferente daquela que vivemos no século XXI. O trabalho de análise das fontes impressas deve ser minucioso, intrínseco aos detalhes que podem ser extraídos e verificados nas mesmas, aspectos peculiares que representam indícios de um passado que por vezes se manifesta ainda em nossos dias, como se pode perceber resquícios de uma mentalidade segregacionista e voltada para a manutenção do *status quo* de elites brancas ao sair para comprar pão na esquina de casa e constatar que o proprietário da padaria, a rigor, é branco.

Em relação à temática geral deste trabalho, houve a tentativa estabelecer relações em paralelo, entre o período de circulação de *A Imprensa de Cuiabá*, bem como seus entornos cronológicos, a história da imprensa, e a história da escravidão em Cuiabá, verificando-se indícios de práticas e representações circunscritos nas fontes analisadas, que por sua vez são reflexos da constituição das sociedades brasileira e cuiabana do pré Guerra do Paraguai.

Ao se falar da cidade de Cuiabá durante o século XIX é necessária a compreensão de que estamos diante de uma pequena cidade no interior dos sertões do Império, entretanto, não se pode incorrer no erro de pensá-la como um espaço totalmente desvinculado dos ideais de progresso e modernidade que se buscavam implementar na Corte e grandes cidades do país. Pode ser perigoso para a pesquisa em história pressupor uma dualidade, centro VS. periferia, progresso VS. estagnação, que nos levaria a concluir que existiam níveis estanques e imutáveis de civilização, originariamente estabelecidos para um e/ou outro ambientes sócio-históricos, resultando num entendimento reduzido da dinâmica social de Cuiabá.

Neste sentido, o estudo de práticas e representações presentes no conteúdo jornalístico desvela a existência de lugares físicos e imaginários que compunham o ambiente urbano da capital de Mato Grosso. E ainda, permite verificar indícios de agendas coletivas e individuais de viventes e sobreviventes que experimentavam as peculiaridades do sistema escravocrata capitalista brasileiro.

É preciso lembrar que desde o início do Império houve um esforço de implementação de políticas públicas voltadas para a modernização da nação, e podemos constatar que por mais a cidade de Cuiabá estivesse relativamente isolada geograficamente da Corte, os representantes da Administração local promoveram obras voltadas à concretização e estabelecimento da modernidade possível para a cidade, considerando os efeitos da Guerra do Paraguai, travada em grande parte no território da Província de Mato Grosso, e ainda, que na década de 1860 a Abolição da escravidão estava longe de ser uma reivindicação real e sensivelmente objetiva na sociedade brasileira.

O oposicionismo político de A Imprensa de Cuiabá não se manifesta com o mesmo vigor contrário ao sistema escravista, em contrapartida, manifestava-se na sociedade cuiabana da mesma maneira que um lugar componente, estrutura estruturante da escravidão, todavia, o jornal em questão também foi uma produtiva empresa jornalística que cumpriu o papel de (in)formar mentalidades e representações sociais na população cuiabana, sendo o jornal em si, objeto histórico-social.

A Imprensa de Cuiabá foi o jornal mais importante em circulação na capital de Mato Grosso no período pré Guerra do Paraguai, e devemos buscar o entendimento de seu papel na sociedade cuiabana da maneira que estava disposta e como se verificavam as possibilidades da época, sendo assim, é inegável a constatação pelo historiador do século XXI da contradição visível que se configura a publicação de anúncios de fuga de seres humanos mantidos em cativeiro, por um veículo que representava por si só um dos mais bem acabados símbolos de modernidade da época.

Assumimos ao longo de trabalho a postura de interpretar os dados levantados sobre o jornal e no interior do conteúdo dos jornais disponíveis, assimilando aspectos da produção jornalística dos coevos, apresentando práticas e representações como fruto de uma época e de um lugar, para tanto, buscamos apoio em disciplinas adjacentes a

História, como a Antropologia, a Sociologia, o Direito, e nas Letras, de forma que pudéssemos construir um enredo de descrição histórica pautado na verossimilhança.

O tratamento da iconografia utilizada nos capítulos foi baseado em métodos de amostragem, com o cuidado de reproduzir imagens da maneira mais fiel aos originais, e também para demonstrar dificuldades da lide com fontes centenárias, que por vezes encontra-se em estado bastante desgastado, com vocábulos de linguagem estranhos aos utilizados nos séculos posteriores, em tamanho original demasiadamente reduzido, situações que demandam empenho e erudição por parte do historiador, que deve minuciosamente conferir significados e se assegurar da coerência e dos sentidos contidos no material analisado, seja por meio de sofisticadas máquinas computadorizadas, seja pelo uso da boa e velha lupa de aumento.

Por fim, houve o esforço de adequação teórico-metodológica aos preceitos de pesquisa histórico-científicas à disposição na atualidade, que já são bem diferentes daqueles englobados no século XIX, entretanto, que ainda rendem noites e dias de afinco e trabalho árduo, sendo que, por diversas vezes ao nos depararmos com encruzilhadas no processo de reconstituição do passado, percebemos, que nos agarrar à esperança de lograr na efetivação de tal tarefa no dia seguinte é a última instância de ação que nos resta. E da mesma maneira que Dr. Frankenstein, conquistar o triunfo. Por que, não?

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO E FONTES

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de. **Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas**. *Forma e Función*, Vol. 23, nº 2, 2010.

ASSUMPCÃO, Jorge Euzébio. Compra e venda de trabalhadores escravizados. *In*: SCHERER, Jovani de Souza; ROCHA, Márcia Medeiros(Orgs). **Documentos da escravidão: compra e venda de escravos: acervo dos tabelionatos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Companhia Rio Grandense de Artes Gráficas, 2010.

AZEVEDO, Celia Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BAHIA, José Péricles Diniz. **Ser baiano na medida do recôncavo: o jornalismo regional como elemento formador de identidade**. TESE, Universidade Federal da Bahia, 2009.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia(Orgs). **Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX: cartas de leitores**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornalismo e Literatura no século XIX paraibano: Uma História**. s/d.

BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. Ed. Ridendo Castigat Mores. 1764.

BECKLES, Hilary. **Os domínios do prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual**. *Revista Outros Tempos*, V. 8, N. 12, Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana, DEZ, 2011.

BEZERRILL, Simone da Silva. **Imprensa e política: jornais como fonte de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão**. II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista, São Luís, Universidade Estadual do Maranhão, JUN, 2011.

BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 157-161, 2001.

CAMPOS, Maria Auxiliadora de Arruda. **Escravidão urbana: cotidiano e rupturas Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá – século XVIII**. Cuiabá: UFMT/PPGHIS. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2009.

CARDOSO, Amâncio. **Perfis de Escravos: Sergipe, século XIX**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sobre os modos de produção coloniais na América.** In: Santiago, Théo Araújo. *América Colonial*. Rio de Janeiro, Pallas, 1975.; CARDOSO, Ciro Flamarion. **O modo de produção escravista colonial na América.** In: Santiago, Théo Araújo. *América Colonial*. Rio de Janeiro, Pallas, 1975.
- CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Cartografia das amas-de-leite no Rio de Janeiro ou exercício de decifração de marcas de corpos cativos impressas no imaginário oitocentista.** *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n.4, 2007/2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CAVALCANTE, Brena de Cássia Farias; OLIVEIRA, Danuza Santos de; CAMARÁ, Soraia Cadija Silva; SALES, Germana Maria de Araújo. **Folhetins, miscelâneas e variedades nos periódicos de Belém: espaços de leitura.** Anais da XX jornada GELNE, João Pessoa-PB, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte.** São Paulo, Companhia da Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Textos, impressos e leituras.** In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed., DIFEL, 2002.
- CÓDIGO CRIMINAL DO IMPÉRIO DO BRASIL.** Recife: Typographia Universal, 1858.
- CRIVELANTE, Maria Amélia. **Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso - um estudo sobre Chapada dos Guimarães (1798-1830).** DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001.
- DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800.** Tradução de Laura Teixeira Motta e Marcia Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2005.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.
- DIAS, Antutérpio Pereira. **O viver escravo em Cuiabá: relações sociais solidariedade e autonomia (1831 – 1888)**. TESE (Doutorado em História), Dourados-MS, Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.
- DI SANTIS, Bruno Moraes; ENGBRUCH, Werner. **A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo**. Revista Liberdades, nº 11, SET/DEZ, 2012.
- DRUMMONT, Arnaldo F.; RAMOS, Otavio. **Função do Cururu**. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- ESTEVES, Natália de Moraes. **Descrição da linguagem de jornais editados em Cuiabá no século XIX: aspectos socioculturais**. MEEL, UFMT, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **A sociedade escravista no Brasil**. *In*: FERNANDES, Florestan. Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”. São Paulo, Hucitec, 1977.
- FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Campinas-SP, 2001.
- FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Crimes em comum: escravidão e liberdade no extremo nordeste da Província de São Paulo (Franca 1830-1888)**. TESE DE DOUTORADO, Franca: UNESP, 2006.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O Arcaísmo como Projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma sociedade colonial tardia. Rio de Janeiro, c. 1790 – 1840** (1ª Ed., 1993; Ed. rev.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª Edição, São Paulo: Global, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. 1ª edição digital. São Paulo, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentidos**. *In*: CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. 4ª Ed. São Paulo, 2009.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. **A crônica nos periódicos sulinos no século XIX.** ENAPEL, SET, 2010.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios.** Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1989.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido.** TESE DE DOUTORADO, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GONÇALVES, Flávia Maíra de Araújo. **O sistema prisional no Império brasileiro: estudo sobre as províncias de São Paulo, Pernambuco e Mato Grosso(1835-1890).** TESE DE DOUTORADO, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial.** São Paulo, Ática, 1978.

JUCÁ, Pedro Rocha. **A Imprensa Oficial em Mato Grosso.** Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986.

KARASCH, Mary C. **A Vida Dos Escravos no Rio de Janeiro(1808 – 1850).** Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LEITE, Arlan Eloi. **Tribuna do Norte: o jornal como fonte de informação histórica à narrativa do crime.** Bibliocanto, Natal, v.2, n.1, 2016.

LEMONS BRITTO. **Os sistemas penitenciários do Brasil.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol.2, 1925.

LORDELO, Monique C. de S. **Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso. Fugas, capturas e formação de quilombos (1748-1796).** DISSERTAÇÃO (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2010

MAIA, Clarissa Nunes. **História das Prisões no Brasil.** Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Rocco, 2009; AGUIAR, Patrícia Figueiredo. **As cadeias de Mato Grosso do século XIX: um olhar sobre o cárcere.** Revista História e Diversidade, Vol. 7, nº2, 2015.

MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia.** In: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo(Orgs). **Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

MACHADO FILHO, Oswaldo. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá(1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)**. TESE DE DOUTORADO, UNICAMP, 2003.

MARQUESE, Marquese, SALLES, Ricardo. **A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia**. In: MARQUESE, Marquese, SALLES, Ricardo(Orgs). **Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARTINS, Lúcia Gonçalves. **Escravidão, criminalidade e Justiça: um balanço da produção historiográfica recente**. Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009.

MESQUITA, José Barnabé de. **Evolução e Aspectos da Criminalidade em Cuiabá**. Revista de Direito Penal, Vol. XV, JUL, 1936.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, Mary Diana da Silva. **Crianças negras na instrução pública em Cuiabá/MT (1870 – 1890)**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação), Cuiabá-MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. Estudos Feministas, Florianópolis, V. 11, nº 1, JAN-JUN, 2003.

NICOLAU, Roseane. **Estudo dos apedidos presentes em jornais paraibanos do século XIX sob a ótica da Teoria da Enunciação**. Revista eletrônica Temática, Ano VI, n. 04 – ABRIL, 2010.

OLIVEIRA, Éris Antonio de. **Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde, Marmota Fluminense e O Estado de São Paulo**. III Colóquio Multitemático em Comunicação, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SET, 2008.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Vocabulário controlado sobre escravidão, abolição e pós-abolição: a representação dos conceitos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2015.

O POVO. Cuiabá-MT, 12 de Janeiro 1879, Edição nº 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 23/08/2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX, n.2, DEZ, 2004.

PEREIRA JUNIOR, Cleber Alves. **O Cururu como fonte de resistência escrava na Cuiabá Imperial**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Universidade Federal do Piauí-UFPI, Teresina, 2012.

PINHEIRO, Roseane; HOHLFELDT, Antonio. **Jornalismo e discurso: as representações sobre o leitor nas páginas de O Conciliador do Maranhão**. Revista Observatório, Universidade Federal do Tocantins, Vol. 3, nº1, JAN-MAR, 2017.

PINTO, Adriana Aparecida. Nas páginas da imprensa: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso(1880-1910). Tese(Doutorado em educação escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

Relatório do presidente da província de Mato-Grosso, o chefe de esquadra barão de Melgaço, na abertura da sessão ordinária da Assembléa Legislativa Provincial, em 20 de setembro de 1869. Cuyaba, Typ. de Sousa N.es & Comp.a [n.d.], p. 17.

Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Mato Grosso pelo exm. Sr. Tenente coronel Francisco José Cardoso Junior, no dia 20 d'agosto de 1871. Cuiabá, Typ. De Neves E Comp., p.10

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Atitudes diante da morte em Cuiabá-1860 a 1926: a guerra, a doença e a secularização dos cemitérios da cidade**. TESE DE DOUTORADO, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. **Visões de criminalidade em Mato Grosso no século XIX**. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior, 2007.

RIBEIRO, José Alcides; ARAÚJO, Regina Lúcia de; GONÇALVES, Maria das Graças; OLIVEIRA, Éris Antonio de. **Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde, Marmota Fluminense e O Estado de São Paulo**. III Colóquio Multitemático em Comunicação, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SET, 2008.

RICARDO, Raphael Martins. **A cachaça nos dois lados do Atlântico: produção, comércio e proibição**. DISSERTAÇÃO(Mestrado), UNESP, Assis, 2014.

SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter(Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Retrato em Branco e Negro: jornais, escavos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.99.

SENA, Fabiana; SOUSA, Larisse Lima de; OLIVEIRA, Bianca Machado de. **A imprensa no Nordeste brasileiro: correspondências sobre instrução pública como fonte e objeto de pesquisa**. Interfaces Científicas, Aracaju, Vol. 5, nº2, p.91-104, FEV, 2017.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein/uma história de Mary Shelley**. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. **Carceralização da escravidão: a emergência de um problema**. Maracanan, Rio de Janeiro, nº4, 2008.

SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. **Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX**. UNESP, FCLAs, V.2, nº 2, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. As condições materiais. *In*: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977.

SOUZA, Alan Nardi. **Crime e Castigo: A criminalidade em Mariana na primeira metade do século XIX**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História) – UFJF, 2007.

SOUZA, João Carlos de. **Sertão cosmopolita: a modernidade de Corumbá (1872 – 1918)**. TESE (Doutorado em História Social), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001.

SZEREMETA, Angélica; ANTUNES, Alfredo Cesar. **Jornalismo e representações sociais: Proposta de estudo sobre práticas de lazer e questões de gênero a partir da análise dos obituários do Jornal Pracia**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires – Ano 21, nº218, JUL, 2016.

TARGINO, Elyonara de Brito Lyra; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **As doenças virando notícias: os discursos sobre doenças na imprensa da Paraíba (1850-1860)**. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB, v.17, n.1, 2016.

TAVARES, Débora Cristina. PAIVA, Laura Burttet. **Cuyaba em Anúncios**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, Guarapuava-PR, Abril de 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 6ª Ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 05 de fevereiro de 2018.

Santierre Luis Krewer Sott